

MÁFIA DE NOVA IORQUE
LIVRO 2



VOTOS
de
MENTIRA

◀ MARCADOS PELO PODER ▶

JÉSSICA OLIVEIRA

MÁFIA DE NOVA IORQUE
LIVRO 2

VOTOS
de
MENTIRA

◀ MARCADOS PELO PODER ▶

J É S S I C A O L I V E I R A

Copyright© 2022 - Jéssica Oliveira

Edição 01

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida por qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópia, gravação ou outros métodos eletrônicos ou mecânicos, sem a prévia autorização por escrito da autora, exceto no caso de breves citações incluídas em revisões críticas e alguns outros usos não-comerciais permitidos pela lei de direitos autorais.

1. Literatura Brasileira 2. Romance 3. Jovem Adulto 4.
Contemporâneo

Revisão

Mariana Rocha

Betagem

Eduarda Azambuja

Diagramação

B S Oliver

Criação da capa

Ichagasdesign

AVISO: Este livro é um romance que tem como pano de fundo a máfia, é recomendado para maiores de dezoito anos e contém cenas de ação, violência, palavrões e sexo explícito. Não é um romance dark, embora possa conter gatilhos para leitores sensíveis. Se espera encontrar cenas de detalhes sobre as negociações dentro da máfia e burocracias ou torturas, este livro não corresponderá às suas expectativas.

Sumário

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Epílogo Helena Reviello](#)

[Epílogo Ettore Reviello](#)

PRÓLOGO

Prólogo

Um vendaval chegou a Red Hill com vigor; pelas janelas, eu consigo ver não só apenas as árvores se curvarem como um arco, mas também gotas gordas baterem com força nas vidraças, causando um barulho desconfortável.

— Está desenhando cada vez melhor, querida — Nora, uma das enfermeiras menciona atrás de mim, sua mão desliza em minhas costas gentilmente, e ainda assim tenho urgência para que ela se afaste.

Dou-lhe um sorriso doce, tentando mascarar minha apreensão, enquanto observo minha cesta marrom com morangos estampados em uma tela à minha frente. Está horrível, mas eu não ligo, só preciso de algo para matar o meu tempo antes que eu me mate.

— Quando terminar, está livre para ir ao dormitório.

— Obrigada, tia Nora — balbucio.

As luzes piscam, e todos ficam em alerta. A sala de recreação está com pelo menos dezessete adolescentes, alguns

fazendo pintura como eu, outros jogando ou assistindo a algum filme bobo em uma TV de tela de plasma.

Suspiro baixinho e volto a pincelar os meus morangos, focando apenas no barulho da chuva do lado de fora; é o meu som favorito, às vezes consigo até esquecer que estou presa nesse lugar pela eternidade.

Fui internada neste hospício há quase seis meses, eu acho... já faz tanto tempo que às vezes me pergunto se já não se passaram anos. Recordo-me que nos primeiros meses, eu passava os meus dias dopada e deitada em uma cama.

Olha só para mim agora: mente equilibrada e desenhando um morango muito feio. Sorrio, nem todo o antipsicótico do planeta resolveu meu problema com a arte.

O meu senso de humor não devia ser tão sombrio, não combina com uma garota de treze anos, por isso passo a maior parte do tempo calada e observando. Exceto quando estou com minha mais nova melhor amiga.

— O que você acha do meu desenho, Helena? — Fiorella pergunta, virando a folha para mim e, no centro da tela, há uma ovelha rabiscada em preto, comendo um pastinho verde. — Aperto os meus lábios.

— Consegue ser pior que o meu, Ella — respondo, minha amiga ri alto, causando um ronco parecido com o de um porco, me arrancando uma gargalhada.

Uma explosão no céu faz com que as luzes pisquem e um relâmpago clareia a sala inteira.

Olho para Fiorella, ela está quase com a cabeça entre as pernas e tapando os ouvidos com as duas mãos.

— Hey — digo segurando em seus punhos e chamando a sua atenção —, é só um relâmpago, ficaremos bem. — Ella dá um sorriso triste, e assente, ficando em pé e voltando para a sua obra de arte.

Fiorella foi internada há mais o menos um mês e, depois que ela foi avaliada por um médico e medicada, fui instruída a ser sua guia no início para facilitar a sua estadia, eu odiei a ideia, não estava a fim de conversar com ninguém, principalmente com uma menina riquinha, com aparência de ser fútil, até entender por que ela estava aqui.

E acabou que foi divertido, eu só fico triste porque sei que, quando ela estiver melhor, o que espero que seja logo, Fiorella irá embora, e eu estarei sozinha outra vez. Presa nesse hospício, permanentemente sob a tutela de Declan Ross. Meu padrasto é médico psiquiatra, foi assim que ele conseguiu me pôr aqui sem esforço algum e, também, porque cravei um garfo em seu olho, o que facilitou quando ele descreveu que eu tinha comportamentos psicóticos. *Desgraçado.*

Estou chegando ao fim do meu morango e as luzes se apagam de vez, busco por Fiorella ao meu lado, mas só há o desenho inacabado dela. Olho à minha volta e, pela pouca claridade que entra da rua com a ajuda dos raios, Ella não está em lugar algum.

— Nora, cadê a Santoro? — pergunto alto, por cima das outras vozes.

— Não sei, Helena, mas está na hora de voltar para o quarto, já busco por ela — avisa, me dando as costas e chamando atenção de todos os adolescentes. — Hora de todos voltarem para o quarto

— anuncia, e os seguranças de Red Hill se aproximam para ajudar nos escoltar.

Andamos todos em direção às portas duplas vermelhas e, quando chegamos lá, os meninos dobram para a esquerda, e as meninas, para a direita. A única coisa que não compartilhamos são os dormitórios e os sanitários.

Sigo as meninas, todas nós vestimos um macacão cor de pêssego, muito feinho. Meu quarto é o último do corredor, e o da Fiorella, ao lado, às vezes passamos a noite conversando pela tubulação. Passo em frente ao seu quarto e a porta está aberta para trás e escuro no interior.

Minha amiga não está lá dentro, ela jamais ficaria no escuro, sozinha.

Olho para trás, as meninas ainda estão se encaminhando para seus cômodos e, em vez de entrar no meu, atravesso o corredor e entro no banheiro.

A luz pisca, o gerador deve ter pifado com a tempestade. Viro-me para olhar nas cabines e, alguns metros à frente, enxergo uma silhueta preta curvada sobre alguma coisa no chão.

— Ella é você? — sussurro, dando um passo à frente, está escuro demais.

Um relâmpago invade o banheiro, exibindo, por instante, o que é a silhueta preta, paraliso, sentindo o coração ganhar velocidade, e assisto à Alba, montada em cima de Ella, segurando o seu pescoço com as duas mãos. Um estrondoso trovão faz com que Alba olhe para mim e seu olhar alienado me deixa com os pelos do braço eriçado.

Ignoro o medo e me jogo de cabeça em cima da garota, tombamos no chão, longe de Ella, que tosse alto agora. Alba gira,

parando em cima de mim, a menina tem quinze anos e o tamanho de um garoto de dezoito. Ela tenta fazer o mesmo comigo, mas, antes que seus dedos alcancem o meu pescoço, lhe dou um golpe no seio, lhe arrancando um grito, e jogo o meu quadril para cima com todas as minhas forças, fazendo-a cair para o lado.

Arrasto-me para fora do seu alcance, vejo Ella tentando se sentar logo atrás da garota.

— Alba, se acalme — peço.

Ouvi os enfermeiros comentando que ela foi internada por ter Transtorno Borderline, há quase dois meses. E, pelo visto, o tratamento não está sendo correspondido.

Fiorella fica em pé, atrás da menina, eu mexo a cabeça para que ela não se aproxime ou tente atacar Alba, pois, com a fúria que essa garota está, é capaz de matar nós duas.

— Chame alguém — sibilo para Ella, que mexe sua cabeça em negação, ela não quer me deixar sozinha, mas sei que, se eu fizer qualquer movimento, Alba vai pular em cima de mim. Seus olhos me analisam e me causam um medo profundo.

Vá. Expresso sem deixar a voz sair e, no momento em que Fiorella dá um passo atrás, Alba se vira e se joga em cima dela, fazendo minha amiga cair no chão com um grito.

Puxo Alba pelos cabelos longos e escuros com toda a minha força, ela cai próxima dos meus pés, mas não a solto e continuo arrastando para o fundo do banheiro, seus gritos desesperados ficaram presos na minha mente para sempre.

— Fuja, Ella — grito quando minha amiga fica em pé, mas ela não me abandona, corre até mim e chuta Alba várias vezes, até a menina ceder pela dor ou pelo cansaço, eu não sei.

Quando nos distanciamos da Alba, lanternas invadem o banheiro e clareiam nossa face.

— Meninas, o que estão fazendo aqui? — Nora pergunta, vindo até nós e, quando ela escuta um gemido vindo do fundo no banheiro, seus lábios se separam chocada. E sei que estou ferrada.



Fiorella e eu fomos separadas assim que outros enfermeiros entraram no banheiro. Eu fui levada para o meu quarto, pois não tinha ferimento algum, já Ella foi direto para a enfermaria, pois estava com os dedos da Alba, marcados em seu pescoço.

Deitei-me em minha cama e vi o dia clarear. Ella não voltou para o seu quarto, começo a ficar preocupada. A minha porta se abre e dou um salto da cama, sentindo o coração na cabeça. Nora entra no cômodo com uma expressão triste.

— Como você está, Helena? — pergunta, sentando-se na minha cama.

— Com medo — admito. — Onde Fiorella está?

A mulher respira fundo e inclina a cabeça para o lado, pesarosa.

— O pai dela veio buscá-la na noite passada — avisa e sinto as lágrimas invadirem minha face em abundância. Tia Nora me

abraça bem apertado. — Eu lamento, Helena. Ella chorou muito, não queria ir sem você.

— Nem nos despedimos — falo, sentindo-me pior do que quando fui jogada para dentro desse lugar.

— Eu sei, querida. Mas, se te deixa feliz, a clínica informou o seu padrasto, Declan está em viagem, mas chega em breve para vê-la. — Meus lábios se separam e o pavor me domina por inteiro.

— Eu não quero ver ninguém, tia Nora — choramingo.

— Você já está melhor, Helena, não quer sair daqui?

— Quero — digo baixinho, sentindo as lágrimas invadirem os meus lábios.

Eu só não quero voltar a morar com Declan, penso, mas não digo.

— Nora, tem um minuto? — um enfermeiro a chama na porta, ela faz sinal que já vai, e o homem se retira.

— Vem, vamos comer algo, pois saco vazio não para em pé — diz, na tentativa de me fazer sorrir, apenas concordo, mesmo com o estômago embrulhado. Se eu tiver que voltar a viver sob o mesmo teto de Declan, sou capaz de matá-lo.

Caminho para o refeitório e não enxergo Alba em lugar algum, sem fome, me encaminho para a área de recreação. Encontro os desenhos que estávamos fazendo ontem à noite e me sinto ainda mais deprimida.



O dia passou ligeiro, me deixando inquieta e com a mente perturbada, Declan pode chegar a qualquer dia, e não tenho ideia do que ele vai fazer comigo assim que nos vermos. Estou em meu quarto, deitada na cama, mas com as pernas inquietas, as minhas lágrimas cessaram e meus olhos ardem intensamente, conforme eu encaro a luz fria em meu teto.

A porta se abre após uma suave batida, fazendo minhas entranhas se revirarem. Tia Nora enfia a cabeça para frente com um sorriso gentil.

— Você tem visita.

— Eu não quero ver ninguém — digo, me sentando e sentindo o temor se estender por meu corpo.

Nora suspira e entra no quarto.

— É Carlo Santoro, Helena, ele quer ouvir de você o que houve na noite passada.

— Por quê? Fiorella não está bem?

— Eu não sei, mas o diretor não quer deixá-lo esperando, é melhor você vir. — Concordo, engolindo em seco e pulando da cama.

Sigo Nora para a sala de visita e, de longe, vejo um homem de terno escuro e cabelos loiros. Carlo guarda o telefone no bolso e fica em pé quando nos aproximamos. Nunca o vi antes, como não

recebo visitas, não venho a salas de recepção. Fiorella o via a cada dois dias, Carlo parece ser um bom pai.

— Helena, este é Carlo Santoro, o pai da Fiorella — Nora informa e nos deixa a sós.

— Senhor — sussurro, erguendo a cabeça para encará-lo. — Quer saber o que houve noite passada? — pergunto enquanto ele me analisa.

Carlo mexe a cabeça mecanicamente e se senta em uma poltrona escura, indicando com o dedo o assento ao seu lado. Olho em volta com receio, estamos a sós, mas o obedeço mesmo assim.

— Foi muito corajosa em defender a minha filha — comenta, cruzando os dedos em frente às pernas.

— Ella teria feito o mesmo por mim. — Ele concorda e puxa da poltrona ao lado uma pasta preta.

Carlo abre a pasta na minha frente.

— Aqui diz que você está internada há cinco meses e vinte e seis dias, pois apresenta episódios psicóticos, o que levou você a perfurar o olho esquerdo do seu padrasto com um garfo.

— Não sou psicótica — sussurro.

— Mas é agressiva.

— O que o senhor quer de mim?

O homem inspira.

— Ella me contou por que está aqui, Helena. — Enrijeço, querendo entender por que Fiorella disse algo tão pessoal ao seu pai, quando me prometeu segredo. — É verdade?

Assinto.

— Por que nunca contou para alguém da clínica? — ele pergunta, soltando a pasta e pegando o telefone.

— Eu tentei, mas ninguém deu crédito para a garota que furou o olho de outra pessoa na mesa de jantar.

Carlo envia uma mensagem, pelo menos é o que parece, e se vira para mim.

— Fiorella teve uma melhora muito grande desde que entrou aqui, mas acredito que você seja parte do motivo.

— Vou sentir falta dela — digo com lágrimas nos olhos.

— É por isso que estou aqui, Helena. Minha filha estava mais feliz aqui, na clínica psiquiátrica, do que em casa, e ontem, quando a levei embora, implorou para voltar.

Sorrio e as lágrimas rolaram.

— Posso te dar uma vida nova, mas preciso que entenda que, depois que se mudar para minha casa, não terá mais volta.

— Pode me tirar daqui agora, nesse instante? — pergunto, surpresa.

Ele assente.

— E se Declan for atrás de mim?

— Se aceitar, você estará sob minha responsabilidade, e Declan não poderá mais chegar perto de você.

— Eu vou — respondo sem pensar, nada deve ser pior que viver com aquele homem.

— Fiorella ficará feliz.

— Obrigada, senhor. — O homem faz um gesto que se parece muito com um sorriso e fica em pé.

— Tem algo que queira pegar?

Mexo a cabeça em negação, nada me prende nesse lugar. Eu sonhei tanto com o dia que sairia daqui que nem acredito que esteja acontecendo agora.

Despeço-me da tia Nora, que fica tão estupefata quanto eu e completamente sem entender nada, e, sem termos que dar explicações a ninguém, eu deixo *Red Hill* sem olhar para trás.

Eu sonhei tanto com o dia que sairia deste lugar que nem acredito que isso esteja acontecendo agora e, quando o pensamento de quem é esse homem e de como ele consegue me tirar daqui e virar o meu responsável passa pela minha mente, faço questão de afastá-lo. Estou indo embora, e para longe dos braços de Declan.

CAPÍTULO 1

Helena Hathaway

Capítulo 1

SEIS ANOS DEPOIS | NOVEMBRO

Por mais que seja uma puta enganação, este é o casamento de mentira mais lindo que eu já vi. Ainda é difícil acreditar que Fiorella vai se casar, ela é tão jovem para exercer tanta responsabilidade. Eu a amo, e a conheço muito bem para afirmar que é estupidez deixar um acordo de paz entre duas máfias depender da boa vontade dela em fazer dar certo.

Vejo minha amiga ter a primeira valsa com o seu marido e me pego emotiva, amanhã ela partirá e só Deus sabe quando nos veremos novamente.

Não devia me sentir tão mal, afinal, é ela quem vai ter que conviver com Franco, não posso negar, toda vez que os olhos dele cruzam com os meus, meu estômago se contorce.

A música dos pombinhos chega ao fim e mais casais se juntam à pista de dança.

— Será difícil dançar com alguém se papai não tirar os olhos da gente. — Sienna se queixa ao meu lado, estamos próximas à pista, apenas observando, pois, realmente nada passa despercebido pelos olhos de Carlo.

— Dança comigo. — Estendo a mão para ela, mas Sienna me dá um tapa sutilmente.

— Quero dançar com um homem — balbucia, me arrancando uma risada, viro-me para pista novamente e o Consigliere da *Famiglia* vem em nossa direção, Sienna arruma sua postura, ansiando por uma dança com qualquer macho desse lugar, e não posso nem a julgar, temos dezenove anos e a única coisa que já me tocou foram os meus dedos. Depois de um tempo, começa a perder a graça, rio sozinha, então o homem para à minha frente e me estende a mão, pedindo uma dança.

Encaro seus olhos verdes-claros cor de jade, surpresa pelo convite, e estendo minha mão para ele inconscientemente, seus dedos me seguram com gentileza.

Meus olhos encontram os de Ella quando paramos no meio do salão, e a vejo sorrir brevemente.

— Me chamo Ettore, aliás — o homem se apresenta quando encaro seus olhos.

— Helena — balbucio, deslizando uma mão pelo seu ombro musculoso e forte, enquanto seus dedos tracejam atrás das minhas costas, me puxando para perto, seu cheiro invade o meu espaço e posso descrevê-lo como doce, amadeirado e, com certeza, exótico.

— Eu sei. Foi você que fugiu com a noiva no dia do seu aniversário. — O encaro, assustada, e sinto minha face queimar,

fazendo-o sorrir. Ele tem um sorriso maravilhoso, penso, vendo-o comprimir os lábios e me girar.

— Relaxa, Helena — pede e me puxa de volta para seus braços, o fito de baixo, e percebo que ele tem um maxilar forte e uma barba rala.

— As pessoas sabem dessa história?

— Não — responde e mexe a cabeça sutilmente, devolvendo o ar para os meus pulmões.

— O que acha de dançar com minha amiga também? — Ettore olha por cima do ombro.

— Está me pedindo um favor?

Assinto em concordância, vendo Sienna parada como uma pedra na ponta da pista.

— Sabe que eu cobro favores, não é? — pergunta, e vejo um riso se formar no canto dos seus lábios.

— O que você quer? — indago, e não consigo conter um sorriso também.

Ele está flertando comigo? Porque parece muito que está.

— Não é assim que funciona, Helena, quando eu precisar de algo, aviso.

— Que seja. — Dou de ombros.

A música chega ao fim, Ettore se despede, fico completamente boba no meio do salão, desde que moro com a família Santoro, nunca soube o que era ser vista. A casa é cercada por homens, mas que mal me olham nos olhos, que dirá sorriem para mim.

Quando me viro para deixar a pista, esbarro em um corpo firme, ergo o olhar com uma expressão lamentosa e me sinto

esmorecer por dentro quando meus olhos encontram com os de Franco.

Ele me estende a mão, e não tenho como negar, então a pego com um aperto firme para esconder a tremedeira e evito seus olhos, enquanto nos movemos juntos ao som da melodia que mal começou e parece infinita.

— Respira, Helena, até parece que deseja fugir pela janela. — Ouço dizer depois de um momento, seus olhos se fixam nos meus e algo brilha neles, talvez maldade, eu não sei.

— Não tinha intenção de causar confusão — explico.

— No fim, tudo deu certo, isso que importa, não é? — responde e seus olhos buscam por Fiorella, do outro lado, que dança com um senhor.

— É — digo, seguindo o seu olhar.

Espero que ele consiga fazê-la feliz.

A música chega ao fim e me vejo sair da pista com passos largos. Fico o restante da noite apenas observando as pessoas e bebendo muito champanhe. A mais sóbria daqui é Sienna, sempre tão certinha, ela está sentada ao lado de Dona, brincando com Dario.

Fiorella já subiu para a suas núpcias, mas antes me arremessou o buquê com excelência, que repousa em minha frente na mesa enquanto termino minha bebida.

Mesmo Ella um pouco apavorada antes de subir, por inúmeros motivos, senti uma pontinha de ciúmes e julgo que Sienna também, fico com vergonha disso, pois sei que ela já passou coisas demais para ter que suportar mais isso, mas ela terá um recomeço, uma família. O mesmo que eu tive há seis anos, penso, mas não é a mesma coisa, de certa forma.

Não tenho ideia de quais são os planos de Carlo para mim, agora que eu pertenço a ele, será que pode me casar também?

Hum, talvez eu devesse pedir um casamento, rio, preciso parar com essa bebida.

Ando até o banheiro do salão de festa, e abençoado seja Deus, não há ninguém atrás de mim, não saberia como viver com uma sombra às minhas costas, Carlo sempre foi muito protetor, mas sua prioridade sempre foram as meninas. Na curva para o banheiro, o segurança da Fiorella aparece na ponta do corredor, sempre tive uma quedinha por ele, eu nem disfarçava, pois sabia que ele nunca tocaria em mim, embora o seu olhar me mostrasse que o desejo era mútuo.

Quando nos aproximamos, percebo que ele diminui os passos, sua gravata está frouxa, dando um ar despojado, ele deve estar feliz, tem a noite de folga.

— Acho que nos despedimos aqui — comento quando para na minha frente.

— É — emite com aquele olhar que trocávamos em Chicago estampado na face. Lazzaro enfia a mão no bolso da calça e puxa de dentro uma caneta, fico admirada por ele ter uma, ele me estende a mão e o encaro confusa, então ele pega em meu pulso e vira a palma da minha mão para cima e escreve alguma coisa.

— Estarei no quarto em quinze minutos, suba se quiser — diz simplesmente, o fito, estupefata, sentindo o coração despertar fortemente dentro de mim.

Lazzaro ri, fazendo a volta em meu corpo, visto que fiquei imóvel, feito uma rocha, entro no banheiro ao lado e vejo minha face no espelho, minhas bochechas estão rosadas e sinto um leve tremor

nas mãos, olho para elas e está com o número do seu andar e o quarto.

Respiro fundo e sorrio como uma idiota, se eu subir até lá... imagino o que acontecerá. Me sinto pronta para isso há um tempo e venho ansiando por esse momento tanto quanto Sienna.

Escoro-me contra a parede fria, e sinto minhas pernas inquietas, se eu for, não haverá mais volta. E outra, Lazzaro ficará aqui em Nova Iorque com a *Famiglia*, as chances de ninguém descobrir são ótimas.

O errado nunca pareceu tão certo.

Uso o toalete rapidamente e lavo as mãos, deixando-o em seguida.

Volto para o salão de festa e a mesa dos Santoro ainda está sendo servida com bebidas. Sienna encontra meu olhar e vem na minha direção.

Ah, céus, tomara ela não queira subir comigo.

— Demorou — comenta.

— Tomei muita, champanhe. — O que não é mentira. — Vou subir e me deitar um pouco.

— Eu vou com você — avisa e logo atrás dela vejo Sávio se aproximar.

Não, não, não!

— Quero um minuto, sozinha, Si, se estiver tudo bem. — Sienna concorda um tanto preocupada e volta para a mesa, se sentando ao lado de Romeo.

Começo a entender por que ela também quer subir, aquele homem tem uma aura sombria, já ouvi dizer que ele gosta de retalhar as pessoas, até o chamaram de entalhador uma vez.

Mexo a cabeça e me encaminho para o elevador, antes que eu perca a coragem. Aperto o andar, pois decorei assim que o vi na palma da minha mão. Ele sobe rapidamente, aproveito e libero meu cabelo do coque, ele cai em ondas escuras até a altura dos seios, ajeito a maquiagem abaixo dos olhos, me encarando no espelho, forçando um sorriso, meus olhos azuis berram tensão e excitação.

Quando as portas do elevador se abrem, há só um corredor longo, vazio e muito claro. Desço com tremor nas pernas, um pouco nervosa, ignorando a sensação de culpa que assola a mente.

Ando até a primeira porta e, quando paro em frente a ela, confiro o número do quarto e, porra, está borrado, e, com certeza, a minha visão depois de algumas taças de champanhe também não colabora.

Ok. Isso parece muito um seis, reflito, olhando para a palma da mão. Lazzaro não tem a melhor caligrafia de todas.

Inspiro fortemente, caminho até a porta seis, paro em frente a ela e comprimo os lábios, se eu bater e sair outro homem dali, não sei o que eu farei. Então, em vez disso, tento a sorte, com o coração quase na mão, seguro a maçaneta e a giro, abriu.

É a seis, ele deve ter deixado aberta para mim, sorriso aliviada, mas com a ansiedade crescendo dentro de mim. Entro no quarto e fecho a porta, meus olhos correm pelo espaço, e não encontro Lazzaro, apenas um terno escuro atirado em cima de uma cama ainda estendida.

Caminho até o meio do quarto e vejo uma porta entreaberta com vapor saindo dela. Ele deve estar no banho, imagino por um segundo seu corpo nu e molhado embaixo da água corrente, e isso me deixa excitada. Levo a mão ao peito, como se isso fosse o suficiente para fazer os meus batimentos cardíacos se acalmarem.

Busco por ar fortemente e deslizo as alças do vestido pelo corpo, quem sabe entrar no banho com ele deixe as coisas menos embaraçosas do que ele me encontrar no meio do quarto. O vestido escorrega até minha cintura e, quando vejo o reflexo dos meus seios em um espelho, puxo as alças de volta ao lugar, talvez isso seja muito ousado da minha parte.

Encaro-me no espelho novamente, meu rosto está corado, sei o que eu quero e o que meu corpo quer, ser tocado, acariciado, beijado.

Foda-se. Tiro o vestido com ímpeto e os sapatos, os atirando longe. Não busco por meu olhar nos espelhos, não quero me apavorar e sair correndo. Não sou mais uma menininha, faço vinte anos em alguns meses e acredito que só as mulheres da máfia são virgens nessa idade.

Empurro a porta entreaberta centímetros e vapor sobressai, tomando conta de tudo; sem pensar, deslizo para dentro do banheiro e congelo ao vê-lo.

Ele está de costas e sua cabeça está curvada para frente, fazendo com que a água atinja sua coluna musculosa por inteira. Sem dúvida, uma visão fascinante. Meus olhos vagueiam pelo seu corpo até o seu traseiro bem delineado, aperto os lábios dando um passo à frente, agora é tarde demais para o arrependimento, embora eu esteja bem com minha decisão.

Chego silenciosamente na entrada do box aberto, o nervosismo é tanto que o meu coração bate em um ritmo frenético. Ele ajeita sua postura, ganhando altura, e se vira para mim, fazendo-me congelar no lugar.

— Helena, o que faz aqui? — Ettore grunhe asperamente.

Seu olhar cai em meu corpo nu, deixando-me vermelha e ainda sem reação.

Putá que pariu! Quais são as chances de isso acontecer?

Ettore desliga o chuveiro e pega em meu braço de repente e, com força, me puxa, quase tocando nossos narizes.

— Responda! — exige baixo, mas o som faz meu corpo todo arrepiar.

Meus lábios se separam, como um peixe fora d'água, e me questiono o quão ruim seria para Lazzaro e para mim se eu contasse o que íamos fazer.

— O que você acha que estou fazendo? — digo, e a incerteza sonda a minha voz, trêmula.

A expressão do homem se suaviza e o seu aperto em meu braço também. Dobro minha língua dentro da boca, para ter certeza de que não vou gaguejar, e digo o mais calma, e humilhada impossível.

— Sinto muito, não sei o que estava pensando quando vim até aqui.

Puxo o meu braço dos seus dedos e, dominada pela vergonha, dou um passo atrás, me viro de costas para ele, desejando morrer, ou sumir num estalar de dedos.

Garota burra — reflito e, de repente, sou envolvida por braços, Ettore me vira para ele, e meus olhos se arregalam surpresos, com um pouco de receio agora.

— Alguém te seguiu? — pergunta, ainda me segurando.

Mexo a cabeça mecanicamente e vejo conflito em seus olhos, Ettore morde a pontinha do lábio inferior e fico imaginando no que diabos ele está pensando.

— Tá bom — diz naturalmente e me puxa, selando nossos lábios, sua língua entra em minha boca em busca da minha e seus lábios macios e com gosto de hortelã desfrutam dos meus.

Os braços dele envolvem o meu corpo e sinto sua ereção firme contra a minha barriga, meus dedos correm para o seu abdômen definido com o intuito de empurrá-lo, isso não era para acontecer. Porém, Ettore pega em minha mão e leva até a sua ereção.

Sinto-me queimar quando o seguro e fico sem ter ideia do que fazer com o seu pau e a situação inteira, nisso, ele se afasta e me olha.

— Está arrependida?

Oh, Cristo, não e sim.

Queria que fosse com Lazzaro, pois, ao menos, eu o conhecia, razoavelmente. Eu só vi Ettore, no máximo, três vezes, e ele deve ter uns dez anos, ou mais, a mais que eu, entretanto, não pretendia criar laços com o segurança, só queria que ele acabasse com o meu fogo.

Quero rir, mas os olhos de Ettore me encaram incisivos, aguardando uma resposta.

— Eu não sei o que fazer — admito, me sentindo uma tola.

Ettore segura no contorno do meu rosto e seus longos dedos se prendem em minha nuca.

— Você ainda é virgem, isso pode me dar uma puta dor de cabeça — repreende e seu polegar desliza para o meu lábio inferior, depois escorrega para o meu queixo, o elevando para cima, seus olhos dominam os meus, me fazendo sentir ainda mais nua.

Solto o ar lentamente e, por mais errado que pareça ser, eu não quero que ele me mande embora agora, creio que nunca mais

terei coragem para fazer algo assim novamente e, se ele não me quiser, sabe-se lá Deus quando vou perder a porra do cabaço. Os homens da Outfit jamais encostariam um dedo em mim, sem a permissão de Carlo.

Desvio o olhar para o seu peito e começo a tocá-lo. Ettore enrijece em minha mão e suponho que isso é um bom sinal, ele inclina o quadril em minha direção com força, e minha mão resvala até a base do seu pau. Ele pega em meu pulso de repente e libera seu pênis dos meus dedos. Encaro seus olhos cor de jade sem entender, e Ettore volta a me beijar mais forte do que da primeira vez. Suas mãos abraçam minhas coxas e me erguem, me levando para fora do banheiro, ainda me beijando.

Meu coração dispara, a ansiedade não cabe no peito. Ettore me deita na cama e fica sobre mim, ainda entre as minhas pernas. Seus beijos trilham o meu pescoço, me arrepiando, e vão em direção ao meu seio. Os lábios dele abocanham meu mamilo de repente e o chupa com força. E a outra mão corre pela minha barriga em direção à minha boceta. Ele desliza um dedo pelas minhas dobras molhadas, separando-as, depois leva dois dedos até o meu clitóris, e o pressiona, fazendo fagulhas de prazer percorrerem o meu corpo, empurro meu quadril contra seus dedos, pedindo por mais.

Seus olhos sobem até os meus, e então ele se afasta, levanto todo o seu calor consigo, e contenho a vontade de abraçá-lo.

— Tem certeza? Depois não tem mais volta, e não poderá contar *pra* ninguém, nem para as suas amigas — diz em um tom severo que acho sexy e excitante.

— Tenho — respondo, e Ettore volta a tocar meu clitóris.

Oh, céus!

Fazia isso por meses e, nem de longe, é a mesma coisa. Sua face se aproxima da abertura das minhas pernas, e meu coração acelera, sempre imaginei como era ser tocada com a língua. O Consigliere me dá um beijo com os lábios abertos no interior da minha coxa, seus dentes mordem perto da virilha, levando vibrações para até meu âmago.

Suas mãos se fecham em torno das minhas pernas com força e sua língua desliza pela minha boceta, entre os lábios, e sobe até onde meu desejo está todo acumulado.

Grito quando seus lábios se fecham em torno dele, e a cada golpe de sua língua, fico mais excitada. Os olhos dele devoram os meus enquanto ele me chupa, me levando à beira do abismo. Traço a mão até a sua face, mas meus dedos se enroscam em seus cabelos.

Tento adiar o inevitável, queria que durasse mais, só para sentir sua língua me alisando, mas meu orgasmo se formou violentamente, mais rápido do que nunca, e me agarrei ao lençol, e inclinei a pélvis em direção aos seus lábios, chegando ao meu limite, sem conseguir conter os meus gemidos.

— Deliciosa *pra caralho* — Ettore grunhe e enfia dois dedos em mim, antes mesmo que eu conseguisse buscar por ar, estremeando com a invasão repentina. — Tão apertada e molhada *pra* mim. — Sua voz grave vibra em mim.

Ele fica sobre os joelhos e não consigo desviar os olhos da sua ereção, grande, vermelha e grossa.

— Vem cá — pede, me comendo com os olhos.

Sento-me na cama, em frente ao Ettore e seu pau fica na altura dos meus olhos, tento não os arregalar, está aí uma coisa que nunca me imaginei fazendo, me aproximo da sua ereção, e ele a

guia em direção à minha boca. Lambi a base da sua cabeça, que tem gosto de pré-goço, é salgado e, de alguma forma, não é ruim.

Olho para Ettore, o desejo e a luxúria brilham em seus olhos.

Seguro-me nos músculos das suas coxas, quando seus dedos me pegam pela nuca e me direcionam lentamente para frente, até engolir quase todo o seu pau.

Ele desliza para fora e entra novamente um pouco mais forte, percebi que está se segurando para não mover seu quadril contra a minha boca. Chupei Ettore com mais força, engolindo o máximo possível dele e, ao mesmo tempo, enterrando as unhas em suas coxas, sentindo-o ficar mais rijo dentro de mim, a excitação dele me deixa excitada, é insano.

Sua mão solta a minha nuca, me deixando guiar os movimentos, deslizo uma das mãos para suas bolas, sem ter muita noção do que fazer com elas, além dos livros que li, e os mocinhos pareciam amar. E Ettore também, pois solta um gemido gutural, que me fez arrepiar. Seus dedos seguram meus cabelos e ele bombeia para dentro da minha boca mais rápido, sinto seu pau ficar mais rígido e grosso e então ele se alivia com força. Sua porra escorre pelo meu queixo antes que eu conseguisse engolir tudo, e Ettore a limpou com o polegar com um gesto gentil.

— Já tinha feito isso antes? — pergunta com um olhar desconfiado, me deixando vermelha.

— Não. Por quê? — quero saber, enquanto ele me deita para trás, subindo em cima de mim.

— Porque foi excelente. — Sorrio, mostrando todos os dentes, e sua língua desliza para dentro da minha boca. Ettore se ajeita entre minhas pernas, e seu pau ainda duro busca minha entrada.

— Está nervosa?

— Não, já esperei tempo demais *pra* isso.

O Consigliere assente e me penetra com um golpe duro, um grito rompe por meus lábios. E sinto meu coração querer fugir do peito. Abro os olhos e encontro os dele me encarando, atenciosos.

— *Cacete, isso dói pra caralho!* — Ele me dá um sorriso maravilhoso.

— Me avise quando puder me mexer, Helena.

— Tudo bem — digo, pois não é como se a dor fosse passar de repente.

Ettore desliza até a ponta e tenho picos de dor, ele me penetra novamente, dessa vez mais lentamente, e me beija, repetindo o movimento, e vai acelerando aos poucos, seus dedos entrelaçam em minhas mãos, acima da minha cabeça.

Ele se afasta para abocanhar meu mamilo, seus dentes se fecham em torno do bico e puxa com uma força gostosa que me faz gemer. Ele faz com o outro mais forte e depois o suga com veemência, fazendo-me contorcer, vibrar e gemer.

— Gostou disso? — pergunta contra a minha pele.

— *Oh, sim!* — grunhi quando ele fez de novo, sentindo o prazer oscilar como uma corrente elétrica, indo em direção ao meu sexo.

Ettore fica de joelhos e segura minhas nádegas por baixo, a elevando para cima, seus olhos devoram minha boceta com atenção.

— Se toque pra mim, Helena — ele diz o nome com doçura.

Tomada de vergonha, mas com certeza mais excitada que nunca, levo dois dedos até meu ponto pulsante, está melado e mais sensível que o normal, fecho os olhos, sentindo instantemente o meu corpo responder.

Mordo o lábio, para abafar os gemidos.

— Não me prive dos seus gemidos, Helena. — Sua voz potente corre pelo meu corpo, e me deixo levar, gemendo como nunca.

— Puta merda, garota, sua boceta é gostosa *pra* caralho! — ele ruge, ficando mais duro, acelero os movimentos dos dedos junto de suas investidas, sentindo o clímax me estilhaçar de dentro para fora.

Ettore estica a minha perna e a deixa apoiada em seu ombro, ele agarra a minha coxa, e suas estocadas se tornam intensas quase violentas, observo seu corpo brilhando a suor, e seus músculos do abdômen se tensionarem, ficando rígidos. Ele dá um gemido alto, e sai de dentro de mim de repente, gozando em minha barriga. Acho que é a coisa mais gostosa e sexy que eu já vi na vida. Ele desaba ao meu lado, ficando de barriga para cima. Buscando por ar, olho para ele pelo canto dos olhos.

— Bom, acho que o seu favor já está pago — ele diz, parece com a voz ofegante.

— Ou quem sabe eu esteja te devendo outro — falo, me virando para ele, sentindo seu esperma escorrer da minha barriga para o colchão.

— Você é fogo, hein — diz com um risinho, e me sinto corar plenamente. — Gosto de uma garota audaciosa, porém, gosto mais da minha cabeça no lugar.

É, não posso negar, se Carlo souber, eu não sei o que ele faria, não tenho o seu sangue, mas pertencço a ele e a *Famiglia* não pode simplesmente ir tocando no que é dele sem sua permissão.

— Eu não direi a ninguém, até porque não seria bem-visto para mim também.

Apesar de apenas o meu corpo ser inocente, a mente já se corrompeu há anos. Sento-me na cama e sinto a mão de Ettore escorregar em minhas costas.

— É melhor eu ir antes que alguém resolva buscar por mim — explico, mesmo que minha vontade seja ficar mais um pouco e apenas conhecer Ettore melhor, ter algo para se lembrar do homem que me tornou uma mulher, por outro lado, prefiro sair antes que ele me chute daqui alguns minutos.

— Agora sei como é se sentir usado. — Olho para ele por cima do ombro e vejo que está com um sorriso.

Levanto-me e seu olhar me segue, entro no banheiro e me lavo rapidamente na pia, passo um pedaço de papel entre as pernas e sêmen e sangue o mancham, dou um pequeno sorriso satisfatório, depois saio catando minhas roupas no chão do quarto onde eu as atirei.

Ettore se senta sem fazer questão de cobrir sua nudez escancarada e me observa enquanto me visto rapidamente aos pés da cama.

— Como sabia que este era o meu quarto? — pergunta, de repente, lhe dou um sorriso, tentando esconder meu nervosismo.

— Nunca saberá. — *Nunca mesmo!* Respondo mentalmente, deixando o quarto em seguida.

CAPÍTULO 2

Helena Hathaway

Capítulo 2

TRÊS MESES DEPOIS | FEVEREIRO

Atravesso os portões da mansão Santoro, exaurida de uma longa caminhada, já se passaram três meses desde que a minha melhor amiga se casou e ainda não encontrei uma rotina para mim. Sinto-me muito sozinha, embora tenha passado mais tempo com Sienna.

Dou a volta pelo jardim quando enxergo o Rover de Romeo estacionado em frente à casa. Recentemente ele tem vindo muito à mansão e às vezes vem na companhia do seu irmão, Piero, que gosta de me comer com os olhos quando Carlo não está presente.

Sienna fica cheia de risinho para cima do homem, ele deve ter uns vinte e cinco anos no máximo, e é uma versão um pouco menos assustadora que Romeo; cabelos pretos, alto e bem-dotado de músculos, pensar nessas características me lembram um pouco do Consigliere. Em nossa última conversa, na viagem que fiz a Nova

lorque, foi há duas semanas, não posso negar que estava cogitando me entregar para ele novamente, ainda mais depois que ele pediu para encontrá-lo em uma sala privada na boate Escala. Rio desacreditada ao recordar que ele me chamou lá apenas para reforçar que eu não poderia contar a ninguém sobre nós dois.

Ettore não imaginou a confusão que iria se seguir depois da nossa conversa, me senti culpada por dias por Fiorella. Se eu não tivesse dado uma escapadinha para encontrar com Ettore, ela não teria começado a me procurar, Franco não teria cortado os dedos do James e depois a abandonado por três semanas dentro da mansão. Aquele homem não tem escrúpulos, é um cretino sem piedade.

Entro na casa por uma porta lateral e dou de cara com Piero, seus olhos cor de âmbar me analisam com aquele jeito predatório que eu odeio. Ele desliga o telefone e o guarda no bolso do paletó azul-marinho.

— Helena — saúda com um sorriso presunçoso.

— Piero — digo, me direcionando para outra porta, que dá em direção a uma sala de descanso.

— Estava pensando em levá-la para um jantar. — Paraliso no batente da porta e me viro para ele.

— Obrigada, mas eu não janto — digo com o mesmo sorriso presunçoso.

— É uma pena, pois Carlo já permitiu, te busco amanhã, às dezoito horas.

— Não, obrigada — emito e adiciono —, convide Sienna, ela tem uma quedinha por você.

— Prefiro as morenas. — Cerro o maxilar, sem fazer questão de mostrar meu descontentamento, pois, se Carlo permitiu, não vejo como não ir a esse encontro estúpido.

— Está tentando se casar comigo? — quero saber, dando um passo na direção dele.

— Hey — ele dá um risinho —, calminha aí, nem jantamos ainda e você já quer falar de casamento, segura a onda, gata. E um segurança da confiança de Carlo irá acompanhá-la, para ter certeza de que manterá a sua pureza — diz, me fazendo ficar vermelha, não há mais pureza aqui.

— Carlo não confia em você? — sondo.

— Confia, Helena, se não, ele nem teria permitido.

— Fique sabendo que eu vou por obrigação.

— Quanto mais difícil, melhor. — Ele me dá um sorriso que me dói o estômago.

Deixo a sala com o coração martelando no peito e uma pulga atrás da orelha. Por que Carlo me deixaria ter um encontro com um dos seus homens, sem ter a intenção de me casar com ele? Não faz sentido. E por que logo o Piero, ele é um otário, e com certeza um mulherengo do caralho, que só quer arrancar uma casquinha.

Argh! Bufo, subindo para o meu quarto, preciso de um banho; quando chego lá, meu telefone começa a tocar. É Ella.

Jogo-me na cama, chutando o tênis longe, e atendo a ligação.

— *Hell* — diz em um tom apreensivo.

— Esse tom de voz me preocupa.

— *Tem alguém aí com você?* — pergunta, me deixando tensa.

— Não. O que você aprontou? — quero saber.

Ella soa hesitante e entendo o motivo assim que me conta sobre o baile que foi noite passada e encontrou Rocco, o seu irmão

morto, mas que, aparentemente, está vivo e quer encontrá-la escondida. *Caralho*, essas coisas só acontecem com Fiorella.

— *O que eu faço? Eu sinto que devo ir, mas toda a decisão que eu tomo tem acarretado consequências no meu casamento.*

Exalo baixinho. Eu não tenho irmãos, mas, se tivesse, com certeza iria, a saudade e a curiosidade iriam acabar comigo.

— Se fosse você, eu iria sem pensar duas vezes, Ella, e, se o seu medo é do Franco — porque ele é um possessivo do caralho, penso —, conte para ele na volta — respondo e ouço-a sorrir.

— *Como se ele não fosse arrancar de mim* — comenta.

Peço para minha amiga pensar com calma, mesmo já sabendo que ela tomou a decisão de ir antes mesmo de telefonar para mim, ela só precisa de alguém para encorajá-la. Nos despedimos em seguida.

Fiquei deitada na cama com preguiça de tomar banho. Estou ocupando o quarto de Rocco desde que mudei para a mansão Santoro e sempre tive um medinho deste cômodo, agora me sinto patética.

— Hell — Sienna surge na porta do meu quarto —, o jantar está pronto.

— Estou sem fome — aviso com um sorriso.

— Viu Piero?

— Infelizmente — respondo, mas não conto sobre o encontro de amanhã à noite, não vou cortar o barato de Sienna ainda.

— Não entendo por que não gosta dele. É um bom partido, tem dinheiro, é muito bonito, engraçado...

— Por que não pede para Carlo casá-la com ele? — instigo Sienna, que solta uma risada maravilhosa.

— Enlouqueceu?

— Ué, você não quer se casar?

— Quero — admite e parece um pouco envergonhada por isso, mas o casamento é a única forma de uma mulher da máfia conseguir contato sexual e, quando se já está beirando aos vinte anos, o fogo meio que é indomável... Ah, às vezes esqueço da minha fugidinha.

Oh, céus, melhor nem pensar muito, já perdi noites imaginando o corpo do Consigliere trabalhando duro em cima do meu. Daria tudo para sentir seu toque outra vez.

— Helena? — Sienna pega em minha mão.

— Peça a Carlo um casamento, não precisa ser com o Piero.

— Papai riria da minha cara — diz, deixando o meu quarto.

Permaneço deitada, pensando no que Sienna disse. E ela está certa em todos os pontos, bonito, bom partido, rico e blá-blá-blá, mas ele não me atrai sexualmente, é só mais um homem de terno, muito rico e prepotente. E, em vez de aceitar o encontro de amanhã, me pego bolando um plano para me livrar dele.



Sentada no banco de trás de um SUV, olhando a paisagem e com um puta frio na barriga, me pego pensando se não passei dos limites em ter vindo para Nova Iorque sem a permissão de Carlo.

Ontem à noite, em minha cabeça, até que me pareceu razoável a ideia: ajudo Fiorella e, de quebra, ganho um castigo de Carlo, e adeus encontro com Piero.

Mas, se acontecer alguma merda, Carlo comerá o meu rim, ele ainda não esqueceu que ajudei Fiorella a fugir no seu aniversário de dezoito anos, e olha aqui eu novamente, vou ajudá-la a fugir do marido, e já tenho até um plano para isso.

Depois de uma curta conversa com os seguranças, eles liberam o carro, atravessamos os portões da mansão Fiore, e seguimos para uma casa esplendorosa que berra luxuosidade.

Desço do carro, e os seguranças ao longo do pátio me olham brevemente, contei pelo menos doze em frente à casa e, junto deles, fumando um cigarro, o Lazzaro.

Há três meses, depois que ele deixou a meu critério a decisão de subir até o seu quarto, eu não tive chances de explicar que eu fui, mas cometi um erro com o número dos quartos.

Oh, céus, o melhor erro da minha vida.

— Oi — digo sem jeito, encarando seus olhos castanho-esverdeados.

— Helena — fala com um olhar desconfiado, e a porta de entrada é aberta de repente.

— O que você faz aqui? — Fiorella pergunta em choque, fecho a porta para esconder nossa conversa do segurança.

— Pensei que fosse precisar de uma ajudinha — respondo em seu ouvido, lhe dando um abraço, mas não conto todo o real motivo.

Fiorella usa um vestido cor creme, com uma cinta na cor camurça presa abaixo dos seios, do mesmo tom das suas botas, o

seu cabelo longo e loiro claríssimo cai em pequenas ondas até debaixo dos seios. Ella está maravilhosa como sempre.

— Como você veio?

— Avião, voo comercial. — Minha amiga revira os olhos, me puxando para dentro da cozinha.

— E meu pai? — Soa preocupada, e não é para menos.

— Ele não faz ideia, comprei com um dinheiro que eu estava guardando da mesada há um tempo.

— Oh, Hell — diz, lamentosa —, você não devia ter vindo, eu não quero metê-la em confusão.

— O meu sobrenome é confusão. — Dou uma piscada.

Pela expressão dela, sinto que fiz bem em vir, Fiorella ficou extremamente sentimental e sensível agora que está grávida e, também, porque gosto de ajudá-la, ela fez muito por mim, e não é como se eu me sentisse na obrigação de retribuir, mas porque a considero como uma irmã, e é isso que irmãos fazem, se ajudam.

— Já sabe como se livrar de Lazzaro? — pergunto, me sentando na ilha, roubando um muffin de uma cestinha.

— Não, eu ia improvisar — diz, fazendo-me rir ao imaginar a merda que ela ia fazer.

— Ainda bem que eu vim, eu tenho um plano — exponho, soando misteriosa. Ella se inclina em minha direção, enquanto eu compartilho a estratégia para sua fuga.



Pegamos nossos cafés com o atendente da Starbucks e nos sentamos perto das janelas. Lazzaro ficou do lado de fora, aposto que ele já me dedurou para Franco, e julgo que logo Carlo saberá que estou em Nova Iorque. Tento não pensar no esporro que vou tomar quando retornar para Chicago, e fico um tanto feliz porque duvido que Carlo me deixe sair de casa por um bom tempo. Falta menos de meia hora para Fiorella ir se encontrar com Rocco, ela está pálida demais e com uma expressão de angústia que me parte o coração.

— Você está legal? — pergunto.

— Estou tremendo e um pouco enjoada — confessa.

— É nervosismo. — Não é todo dia que se encontra um irmão morto e foge de um marido mafioso.

Eu fugi da Outfit, Fiorella está fugindo da Cosa Nostra, com certeza somos um perigo juntas.

— Distraia a minha mente.

— Tem visto ele? — É tudo que me vem à mente é Ettore Reviello, o Consigliere, o dono dos meus sonhos e pensamentos, pelo menos foi por um tempo.

— Bem pouco, e sempre de passagem. — Assinto, apertando os lábios, — Gosta dele, Hell? — pergunta, pesarosa.

— Eu não sei — sussurro. — Como ele foi o meu primeiro beijo, e minha primeira transa, eu penso nele um pouco — admito, dando de ombros, Ella me conhece muito bem, não há por que mentir.

Minha amiga segura em minhas mãos gentilmente, por cima da mesa.

— Franco não disse com todas as palavras, mas Ettore parece o ideal para se casar com a piranha da Edwina.

Não fico surpresa, pois é estranho um homem com a posição dele ainda não ter uma família, mas Edwina? Ela consegue ser tão insuportável quanto o seu irmão Franco. Fiorella tem suportado poucas e boas daquela garota, eu, com meu temperamento, já teria arrancado os seus dentes.

Não consigo ver Ettore em um casamento com ela, só se for por obrigação mesmo.

— É melhor assim — minto. — Ettore não tem sentimentos por mim, só que ele faz umas coisas muito loucas com a língua... — rio, lembrando —, vou sentir falta daquilo.

— Você ainda tem o Lazz — diz, volto meu olhar para o segurança, *eu culpo você, Lazzaro*. Penso com um sorriso.

— Está na hora — aviso quando meus olhos batem em um relógio de parede acima dos atendentes, faltam menos de dez minutos para as duas da tarde. — Ande devagar. Depois de cinco minutos, eu vou e farei de tudo para mantê-lo longe, até você voltar.

— Devia vir comigo e pegar um voo para Chicago, é o mais sensato. — Dou um sorriso doce pela preocupação.

— Não, Lazzaro vai perceber, em menos de cinco minutos, que você sumiu e terá cães a farejando por todos os cantos de Nova

lorque. — Pensar na confusão e nas consequências que podem acontecer me faz sentir um frio na barriga.

— Está certa — diz com um sorriso que não alcança os olhos e adiciona em alto e bom tom para Lazzaro escutar —, vou ao banheiro.

O segurança segue com os olhos os passos da Ella, enquanto isso, pego o meu telefone do casaco e finjo que estou mexendo em alguma rede social. Fiorella pulará pela janela da Starbucks, todas as franquias são padronizadas, e felizmente as janelas também são iguais. Só espero que ela consiga sair sem se machucar e, o pior e mais importante, voltar antes que Lazzaro perceba.

Franco cortará a minha cabeça se algo acontecer com ela, disso, eu não tenho dúvida, ele não gosta de mim e não fez questão de mostrar o contrário.

Quase cinco minutos se passam e então resolvo ir para o banheiro também. Ando até lá com passos calmos e solto o copo do meu café em uma lixeira ao lado. Sinto os olhos de Lazzaro em mim, abro a porta no banheiro e dou uma risada espalhafatosa, mexendo a cabeça em negação, depois entro e a fecho em seguida, essa ceninha o fará ficar lá fora mais alguns minutos.

Varro o banheiro com os olhos e não há ninguém, apenas as cabines vazias e a janela aberta. Paro em frente à pia, sentindo o coração acelerar.

Encaro-me brevemente no espelho, estou com o semblante berrando culpada. Passo uma água em meu rosto, me sentindo inquieta. Já são duas e cinco, até eu chegar a Chicago, terá anoitecido, pelo menos estarei livre de Piero de qualquer maneira.

Meu telefone vibra no bolso do meu sobretudo branco, de pelúcia. É Sienna, a ignoro, não sei o que dizer a ela. A chamada se encerra em seguida e começo a receber algumas mensagens.

Sienna: *Helena, onde você está?*

Sienna: *Papai quer conversar com você.*

Sienna: *Ele não está com a melhor das expressões. O que você aprontou?*

Sienna: *Por favor, só volte para casa.*

Franco já deve ter me dedurado, filha da puta!

— Fiorella? — Lazzaro bate na porta, fazendo-me ter um sobressalto. — Helena?

— Oi, Lazz — gaguejo terrivelmente. — Já vamos sair — digo, indo até a janela.

Não vou esperar por Fiorella, é suicídio, Lazzaro em levará direto para Franco, e não tenho ideia do que ele fará comigo, mas não será nada bom, pois ele se mostrou impiedoso vezes demais para confiar na sorte.

— Fiorella? Responda, senão eu vou entrar — avisa.

— Caralho, Lazzaro, já vamos sair — aviso, me pendurando na janela, passo, uma perna para o lado de fora e, quando estou passando a outra, a minha carteira cai dentro do banheiro.

Putá que pariu, caralho!

Não posso ir embora sem ela, todo o meu dinheiro está ali.

A porta é aberta com força, batendo contra a parede ao lado, Lazzaro se volta para mim e sua expressão se torna profunda e penetrante.

— Cadê ela? — Seus lábios mal se abrem e o vejo sacar a arma e apontar em minha direção. Lazzaro não é estúpido, ele só

quer me assustar, sei que não me daria um tiro no meio da Starbucks.

— Ela vai voltar, eu prometo — o respondo.

— Ele vai caçar você, seja esperta, Helena, e desça daí. É a segunda vez que as duas fazem essa merda. Franco não terá misericórdia — o segurança diz, soando como uma promessa, ele guarda a arma e puxa o telefone do bolso.

— Ela vai voltar — reforço.

— Vai, porque ele atravessaria o inferno para achá-la. E não será diferente com você.

Absorvo as palavras de Lazzaro como uma sentença de morte e pulo da janela, sem rumo, sem direção, apenas saio correndo pelo Parque Washington Square, atropelando as pessoas à minha volta.

CAPÍTULO 3

Helena Hathaway

Capítulo 3

O meu coração ainda bate frenético como as asas de um pássaro, já anoiteceu e ainda sinto minhas pernas tremerem. Depois que atravessei o parque, encontrei a estação de trem *Grand Central* e, com o pouco dinheiro que tinha no bolso da calça de couro, comprei uma passagem para o Queens e desliguei meu telefone com medo de que me rastreassem.

Está frio pra cacete, eu não conheço nada de Nova Iorque, não tenho para onde ir, estou sem dinheiro, sem casa, estou morta. Carlo vai me esfolar viva, se Franco não o fizer primeiro. Quanta estupidez, Helena! Só espero que Fiorella esteja bem e que tenha conseguido ver o seu irmão para que nada disso tenha sido em vão.

Estou em uma estação de trem, chamada *Mets – Willets Point*, que fica em um canto bem sórdido do Queens, a pobreza parece reinar nesse canto de Nova Iorque. Fazia tempo que eu não sentia tanto medo de um lugar.

A maioria das fachadas está enferrujada ou com a tinta descascando, e as paredes dos prédios, pichadas de preto, nem

mesmo a rua se salva, com vários buracos no asfalto. Cheguei ao fundo do poço, esse é o meu fim.

— Moça. — Tomo um susto e me viro sobressaltada, um senhor vestido com um macacão bege da estação de trem está parado à minha frente, agarrado a uma vassoura.

— Pois, não?

— A estação fecha em cinco minutos. — Olho em nossa volta e não há mais ninguém, não sei por quanto tempo fiquei encarando o bairro, só sei que eu não tenho para onde ir, e isso me apavora.

Sinto vontade de chorar, mas não me permito, preciso encontrar um lugar decente pelo menos para passar a noite. Depois eu me deito e choro até encontrar alguma forma de... aperto os lábios, mais perdida que nunca, se eu tiver arruinado o acordo das máfias, Carlo irá comer viva; começo a pensar que voltar para Chicago não é mais uma opção.

— Precisa ir embora — o senhor diz, me dando as costas.

— Eu não tenho para onde ir — admito, e essas palavras me assustam.

— Isso não é problema meu — fala, arrastando uma perna, caminhando para longe de mim.

— Por favor, me deixe ficar no banheiro da estação — imploro. — Posso morrer congelada lá fora. — Apelo para o coração do velho.

— Moça, eu não posso ajudá-la, mas tem um hotel há duas quadras daqui. — Ele sinaliza com o dedo, além de mim.

Hotel. Rio, eu não tenho um tostão, nem para comer.

Passo pelas portas duplas de ferro, antes que o velhote resolva me tirar por conta própria, o ar gélido parece penetrar os

meus músculos e deixa minha respiração em nuvens devido ao frio pungente.

A rua está quase vazia, exceto por alguns adolescentes andando de skate e, do outro lado da rua, tem alguns fumando, sentados no meio-fio. Ignoro seus olhares e ando quase marchando em direção ao hotel. Talvez eu possa ficar na recepção ou dentro de algum carro no estacionamento.

Inferno!

O que eu não daria para estar em um encontro com Piero agora.

Preciso encontrar um telefone e ligar para Sienna, saber qual a situação que me encontro antes de tentar voltar para Chicago e implorar que me envie dinheiro independente da situação.

Chego em frente ao hotel, é um pequeno prédio amarelo de dois andares, tem uma placa vermelha na frente, escrito FECHADO.

Ah, Deus! Sinto as lágrimas invadirem os meus olhos, estou muito ferrada. Fungo baixinho, sentindo o gosto da derrota, e escuto uma explosão, tenho um sobressalto em cima da calçada, olho para a quadra seguinte de onde veio o som e tem um cara descendo de uma moto em frente a um bar, deve ter sido o escapamento.

Ao lado dele, há várias outras motos. Ando até o bar, torcendo para que não seja pior do que aqui, do lado de fora, pois estou com os lábios começando a tremer de frio.

Encurto o espaço e observo o local próximo das motos, não dá para ver o interior, mas é a propriedade mais decente deste lugar deprimente. A fachada está inteira, em tom marrom-escuro, em cima de um sobrado, e ilustrada nela há uma caveira preta com um chapéu na cabeça e um cigarro entre os dentes. E o seu nome, *BlackHole Club*, está grifado logo abaixo do desenho.

Tomo coragem e atravesso as dezenas de motos estacionadas uma ao lado da outra e, por trás de uma pilastra, surge um homem fumando um cigarro, tento parecer o menos assustada possível, mas aposto que os meus olhos gritam a desespero.

O homem veste uma jaqueta de couro preto e segura um capacete na outra mão, difícil saber se está chegando ou saindo, seus cabelos são loiros, com um corte bagunçado, na altura do pescoço, e uma barba rala esconde o que parece um rosto de feições fortes e profundas. Ele me observa em um silêncio ensurdecedor, me deixando desconfortável.

Percebo que o meu sobretudo branco de pelúcia não se encaixa muito neste lugar. Enfio as mãos no bolso do casaco e atravesso as portas abertas para trás.

O interior é quente, reconfortante *pra caralho*, há muitos homens, todos com as vestimentas parecidas, jaqueta de couro, cabelo bagunçado possivelmente pelo capacete e, onde há pele visível, há uma tatuagem exposta. O cheiro do lugar, definitivamente, não é dos melhores, cerveja barata, cigarro e maconha predominam no ar como uma neblina.

Me aproximo do bar, notando que me tornei o centro das atenções rápido demais. Fico em pé ao lado de uma banquetta, um tanto aliviada ao ver que o barman é uma mulher. Ela tem os cabelos ruivos escuros, que precisam de uma coloração, seus olhos são castanhos e, na lateral do seu pescoço, há uma tatuagem de uma serpente.

A mulher me analisa ao parar na minha frente, seu semblante consegue ser tão desagradável quanto o dos homens.

— Está perdida? — pergunta, se debruçando no balcão, e sinto o cheiro de tabaco da sua boca.

— Não. — Na verdade, eu nem sei qual é a resposta pra essa pergunta.

Nem mesmo sei como vir parar aqui, devia ter corrido para o aeroporto, se bem que lá teria bem mais chances de algum soldado de Franco me achar.

— Então queria estar aqui, neste lugar — ela espreme o dedo indicador no balcão com força —, com estas pessoas? — Seu olhar vai além de mim, mas não o sigo, pois me sinto sendo vigiada.

— Eu marquei de encontrar um cara aqui — minto sem nem precisar pensar, é engraçado como o cérebro da gente funciona no desespero.

— Humm — emite, sem fazer questão de mostrar desconfiança.

— A princesa bebe alguma coisa? — ela pergunta.

— Uma água, por favor, pode ser da torneira — peço, e ela me analisa por um momento, talvez se perguntando se estou mesmo falando sério.

A mulher me dá as costas e meus olhos varrem o balcão, tem um prato de comida pela metade, uma longa faca com cabo escuro, um garfo e um copo vazio repousam ao seu lado, sinto fome apenas de olhar. Ontem, Piero me fez perder a fome, hoje de manhã, evitei tomar café para não esbarrar com Carlo na cozinha e, no caminho para Nova Iorque, estava com o estômago enjoado, com uma sensação de que estava fazendo merda, e aqui estou eu agora, com fome e na merda.

A mulher solta um copo de água na minha frente bruscamente e agradeço baixinho. Olho em minha volta à procura do banheiro, se eu entrar pela janela mais tarde, posso passar a noite lá dentro, melhor que no relento.

Beberico a água sem muita vontade e procuro por um relógio de parede, o bar tem um estilo vintage, e muita coisa a respeito de moto e rock estampada nas paredes, até mesmo o som que toca no fundo, é *Even Flow*, do Pearl Jam.

Escuto gargalhadas vindas do fundo do bar, quando me viro, vejo o loiro que estava fumando na rua com outro cara igual a ele ao seu lado, só que com os cabelos curtos e arrepiados, o cara ainda sorri quando olha para mim, corto o contato visual e me viro para a barman.

— Garota, vá embora — ela diz baixo e soa como um aviso.

Eu não tenho para onde ir! — Berro em pensamento e então entendo o seu aviso na hora que sinto mãos deslizarem por baixo do meu sobretudo e apertarem minha bunda, meu sangue gela e meu coração dispara, com meu corpo sendo pressionado contra o balcão.

— Olá, floquinho de neve. — Escuto em meu ouvido uma voz grossa que me deixa nauseada, — Faz tempo que eu não vejo uma garota assim por aqui. — O aperto em minha bunda se torna forte, sinto soar um alarme dentro do meu peito.

Dou uma cabeçada no sujeito e giro, quando me viro para ele, já estou com a faca de cabo escuro na mão, rente ao seu pescoço, a ponta dela pressionando sua jugular com a força certa. É o cara loiro de cabelo arrepiado, ele é mais alto e robusto do que parecia, tem olhos claros que brilham de fascínio, esse desgraçado parece que está gostando. Aperto mais a faca contra sua pele, segurando em seu colarinho com a outra mão.

— É melhor você largar essa faca — ele sibila, e percebo que nem mesmo a música toca mais, o silêncio é tão grande que consigo escutar os meus batimentos cardíacos rugindo na cabeça.

— Ou o quê? — assobio entredentes, vendo o sangue escorrer pelo nariz dele.

A adrenalina inunda minhas veias enquanto meu cérebro trabalha para encontrar uma forma de sair dessa bagunça que me enfiei, não fugi até esse fim de mundo para morrer na mão desse palhaço.

— Ou esses caras aqui comerão suas vísceras.

— Eles terão que entrar na fila — assobio com minha língua audaciosa e vejo que minha resposta não o agradou.

— Chega! — Uma voz firme e intensa como de um Capo soa de atrás do homem, o cara que estava fumando na rua para ao nosso lado e sua face grita severidade e reprovação.

— Klaus, se afaste — o cara avisa com a voz ainda firme.

Klaus tenta dar um passo para trás, mas ainda o seguro firme pelo colarinho.

— Floquinho de neve, é melhor você soltar essa faca — reforça, impassível.

— Ele estava me assediando — repreendo, indignada.

— Eu não disse que ele é não é um cuzão, mas você está no nosso bar, está sozinha, seja esperta. — Já estou saturada dos homens me mandarem ser esperta, mas estou com as mãos atadas também.

Mordo o lábio inferior com força, sentido o gosto do terror misturado ao sangue, e puxo a faca bruscamente, causando um fino corte em sua pele pálida, ele leva a mão ao pescoço, franzindo os lábios.

— Sua puta — Klaus cospe e, na hora que tenta se aproximar, o loiro se enfia entre nós.

— Vá achar outra puta *pra* se divertir — ordena. Sinto-me um tanto ofendida por ele supor e concordar com o palhaço do Klaus, mas aliviada por ter me protegido.

Klaus se retira, pisando firme, e, conforme anda, as pessoas abrem espaço, rindo dele, provavelmente, não esperavam que uma garota fosse conseguir se defender de um animal como ele.

— Quem é você? E o que faz aqui? — Sua voz sai baixa e impiedosa. Ele toma a faca da minha mão e solta no balcão com força. Olho ao nosso redor e as pessoas ainda me observam, aguardando uma resposta, que, sinceramente, não posso dar, seria loucura expor a máfia.

— Me chamo Helena e estou fugindo do meu pai. — Essas palavras me soam familiares e me causam um gosto amargo na boca.

— Por quê? — exige saber.

— É complicado — sussurro.

— Mais complicado do que estar em um bar rodeado de caras como aquele grandão ali? — pergunta, apontando para um homem parrudo, com barba longa e branca, e uma cicatriz feia no pescoço.

— É.

— Olha, garota, aqui não é albergue, vai ter que ir embora.

— Eu não tenho para onde ir e não tenho dinheiro. — Ele franze os olhos, que descem analisando a minha roupa.

— Ashtray, a deixe ficar, eu divido minha cama com ela. — Uma garota, com certeza mais jovem que eu, surge de trás dele, ela tem longos cabelos ruivos que aparentam ser naturais e sua pele é livre de tatuagens, a única coisa que se destaca nela são os olhos bem azuis e algumas sardas, no nariz.

— Não, Calliope. Ela vai embora, agora. — A menina comprime os lábios e diz um inaudível *sinto muito*.

Deixo o bar sem olhar para trás, o ar gélido volta a agarrar o meu corpo com força total. Ando carregando o peso da derrota, as lágrimas escorrem dos meus olhos sem eu nem mesmo piscar.

Talvez eu devesse ter aceitado o assédio calada, quem sabe acabaria até dormindo em uma cama muito suja, mas quentinha. Quero gritar com esse pensamento de merda, mas o sufoco dentro de mim.

Chego à estação de trem e fico embaixo do pequeno toldo azul-escuro. Escorrego até o chão e abraço os joelhos com força para me manter aquecida. O silêncio da rua é profundo e desconfortável, fico um bom tempo apenas observando se há algum perigo à minha volta, mas está tão frio que não há ninguém.

Eu já fui muito burra em minha vida, mas, dessa vez, não há fita métrica para medir o quanto me superei. Penso em quão frio e cruel Carlo e Franco podem ser comigo se eu der as caras amanhã mesmo. Eu não desejo morrer na mão deles, mas também não quero passar a noite no relento, ou virar uma sem-teto. Suspiro, e uma nuvem se forma na minha frente.

Pego o telefone no bolso, cogitando em ligar para Sienna, eu não tenho ideia de que horas são agora, mas espero que ela esteja acordada. Pressiono o botão para ligá-lo, com medo, mas com esperança também e, antes da luz acender, o ronco de uma moto me chama atenção.

Guardo o aparelho no bolso do casaco e começo a pedir a Deus que não seja Klaus. A moto se aproxima rápido demais, fazendo um barulho do caralho, e para em minha frente. O

motoqueiro retira o capacete, revelando Ashtray, ele fica me encarando por uma eternidade.

— Veio me expulsar daqui também — me arrisco a dizer e vejo um sorriso no canto dos seus lábios. Fico impressionada por ser bonito.

— Você é muito atrevida para quem não quer passar a noite no relento.

— O que você quer, Ashtray?

— Ia dizer pra você voltar para o bar, mas parece estar se virando muito bem sozinha. — Ele enfia o capacete e, quando percebo, já estou em pé na frente da moto.

— Me desculpe, eu não tenho muito contato com homens, com quase ninguém na verdade, e às vezes falo e ajo sem pensar — confesso com um olhar suplicante.

Ele inspira fortemente.

— Suba na moto.

— Posso saber por que veio? — pergunto, me sentando na garupa, sem jeito.

— Calliope me infernizou, Klaus quer cortar sua garganta e o resto do clube acha que tem grana.

— Eu não tenho grana.

— Suas vestimentas e sua pele limpa e imaculada dizem o contrário — diz e arranca, me agarro ao tronco do homem, sentindo o vento cortante me descabelar.

Chegamos em frente ao bar em instantes, Calliope está do lado de fora, abraçada em um sobretudo preto, com força. Ela sorri quando me vê descer da moto e anda até nós com passos largos.

— Obrigada, Ash. — Ela o abraça pela cintura, mas logo o solta e se vira para mim com um sorriso doce, me sinto um

brinquedo que ela acabou de ganhar de Natal.

— Subam as duas — ele exclama quando Klaus surge de trás de uma pilastra, vejo os olhos dele grudados em mim, com um aviso explícito: retaliação. Corto o contato visual no mesmo instante, me sinto um pouco intimidada e não quero que ele perceba, alguma coisa no meu consciente me diz que continuo fazendo merda, até parece inevitável.

Sigo Calliope por uma escada na lateral do bar, perto da pilastra onde Ash estava fumando antes. A menina abre uma porta de madeira e liga a luz, iluminando o interior do que parece ser um *loft*, sem repartições. Está um pouco bagunçado, mas bem quentinho.

— Nos mudamos há pouco tempo, não repare a bagunça, ainda estou tentando colocar tudo em ordem — diz, se virando para mim, com as mãos nos bolsos das calças.

— Obrigada por me ajudar — digo, sentindo uma pontada aguda de tristeza penetrar meu coração.

Agora, em um lugar quente e que parece ser um tanto confiável, pelo menos pela presença dessa doce garota, deixo a guarda baixar, as lágrimas rolarem e sinto um apertado abraço da derrota.

— Quer tomar um banho?

— Sim, por favor.



Lavei-me rapidamente, não querendo abusar da boa vontade dela e, também, porque ainda não me sinto totalmente segura nesse lugar, e saber que Klaus quer cortar a minha garganta, definitivamente, não me dará sossego até o amanhecer.

Vesti minha calça de couro e o coturno depois que saí do banho, mas deixo o casaco de pelúcia de lado, ficando apenas com um suéter branco de cashmere.

Caminhei para o meio da sala, que tem duas poltronas e um sofá de cinco lugares na cor marrom.

— Posso dormir aqui, não quero incomodá-la — digo, vendo-a me trazer uma bandeja com um hambúrguer.

— Ash disse que pode ficar com a cama dele, ele não voltará hoje mesmo.

— Por que está me tratando tão bem? — Ela ri como se eu tivesse dito algo incrédulo.

— Não parece ser uma garota ruim. Se fosse comigo, queria que fizessem o mesmo e me pareceu a coisa certa.

— Eu não sou — afirmo. — Quais as chances de Klaus comer minhas vísceras? — pergunto a seguir, arrancando um riso dela, que se senta no sofá e faz sinal para eu fazer o mesmo.

— Klaus nem sempre é de todo mal, mas... — Ela aperta os lábios, ponderando alguma coisa.

— Não precisa contar — digo, pegando o sanduíche na bandeja, meu estômago berra em agradecimento.

— Ele teve um pequeno incidente no início do ano, perdeu um amigo muito próximo, se sente culpado e está lidando com a situação do jeito dele.

— O que houve? — pergunto, curiosa, e, também, porque encher a minha cabeça com o problema dos outros é melhor que pensar nos meus.

— Klaus e Marco estavam fazendo reconhecimento em uma área não muito confiável. Eles entraram em perseguição com um homem perigoso, ele matou Marco e Klaus ficou transtornado, Klaus queria retalhar, mas Ash o proibiu. — me confia e percebo que ela não se sente confortável com o assunto.

— Isso é terrível. — expresso, um pouco triste por ela.

— Lugar errado, na hora errada. — diz simplesmente e percebo que ela também não se sente confortável com o assunto.

Deito-me assim que termino de comer, estou exausta demais até para pensar no dia de amanhã, tenho que tomar coragem e ligar para Sienna, não vou conseguir sossegar até saber o quão possesso Carlo está e se ainda tenho uma casa para morar.

CAPÍTULO 4

Helena Hathaway

Capítulo 4

Acordo com uma sensação de que um trem passou por cima do meu corpo, mas não me movo, pois, ouço duas vozes cochichando em algum lugar do *loft*. Parecem ser de Klaus e Ashtray, tento escutar se estão falando de mim, mas as únicas coisas que ambos repetem é algo com Bay Shore e Martini Spinelli, deve ser por isso que homens não fofocam, sufoco um riso.

— Vamos descer, a carga chega perto das 8h da noite, ainda temos algum tempo, avise os outros — Ashtray fala. Escuto passos e, em seguida, a porta batendo.

Sento-me a seguir e me espreguiço com força.

— Há quanto tempo estava nos escutando? — Tomo um susto quando ouço Ash atrás de mim, debruçado na escora do sofá.

Levanto-me num pulo e me viro para ele com o coração na mão.

— Acordei quando a porta bateu — explico, fazendo-o enrugar o cenho.

— Tem algo em você que me deixa com uma pulga atrás da orelha.

— Não sei do que está se referindo.

— Você soube bem como se defender de Klaus no bar. — Dou de ombros.

— E daí? — me arrisco a perguntar.

— Foi o seu pai que te ensinou? — ele sonda.

— Foi — digo, pois é mais fácil do que explicar.

— Se ele a ensinou se proteger, por que está fugindo dele?

— É complicado.

— Então eu acho bom você descomplicar e começar a falar.

— Ash! — Ouço Calliope, minha salvadora, na entrada da porta. — Cacete, você sempre tem que ser um idiota — ela resmunga e recebe um olhar implacável do homem.

— Ela começa a falar ou irá embora agora — diz com severidade, me fazendo engolir em seco. — De onde você é, Helena?

Meu cérebro pifa, tento buscar por uma cidade de Nova Iorque, mas nenhuma me vem à mente.

— Chicago — respondo à verdade e apenas Calliope se mostra surpresa.

— E por que está fugindo?

Pigarreio, vendo a face do homem analisando a minha, ele sabe que estou buscando por uma mentira e aguarda paciente, me dando corda, quem sabe querendo ver eu me enforcar nela por conta própria.

— Eu tenho uma amiga aqui, em Nova Iorque, ela precisava de ajuda pra escapar do marido, que é um grande filho da puta, eu a ajudei a escapar e, na fuga, perdi minha carteira com minha passagem e o dinheiro.

— E o seu pai se encaixa onde nessa história?

Quero bater minha cabeça, pois não vejo como explicar sem parecer uma maluca.

— Eu saí sem a permissão dele. — Para não dizer o pior, o acordo entre as máfias pode ter virado cinza se tiver acontecido algo com Fiorella.

Ash solta um riso perverso e mexe a cabeça em negação.

— Tenta de novo, floquinho — quero revirar os olhos com esse apelido —, essa história não me convenceu nem um pouco.

— Ash, dá um tempo pra ela — Calliope pede com doçura e se vira para mim. — Tem alguém que você possa ligar e confirmar sua história?

Balanço a cabeça em resposta.

— Me empresta o seu telefone? — peço, e Ash não tira os olhos dos meus movimentos, até parece ansioso para encontrar uma brecha e me expulsar daqui o mais rápido possível.

Ela me estende, já desbloqueado, e preciso de um momento para pensar no que dizer antes de ligar. Cogito por alguns segundos em telefonar para Fiorella, mas seria ariscado e muito estúpido. Disco o

número de Sienna e, assim que a chamada se inicia, o medo e a ansiedade borbulham em mim.

— Coloque no viva-voz — Ash ordena e não vejo outra opção a não ser obedecê-lo.

— Sienna — digo assim que ela atende.

— *Ai, meu Deus, Hell, onde está? Papai está furioso!* — exclama, fazendo uma tremedeira invadir cada fibra do meu corpo.

— Tem alguém com você?

— *Não. Onde você está?* — Ash faz sinal para eu não dizer.

— Não posso falar. — Ela suspira alto. — Como está Fiorella?

— *Eu conversei com ela mais cedo, está bem, mas muito preocupada com você.*

— Quais serão as consequências se eu voltar?

Um longo silêncio se estende do outro lado da linha e me dou conta que estou muito ferrada.

— *Papai não pode te fazer mal, Helena, ele a deu para a Máfia de Nova Iorque.* — Os olhos de Ash se estreitam, e noto pela expressão dele que captou o que está acontecendo.

Dou um passo para trás e digo para Sienna o mais rápido e breve que eu consigo:

— Não conte a ninguém que eu liguei. Me prometa?

— *Ella, não vai deixar Franco machucá-la.*

— Me prometa, Sienna — grito, pois Ash vem silencioso até mim e pega em meu pulso com força.

— *Eu promet...* — Ele encerra a chamada e me joga na poltrona ao lado com força.

— Eu sabia que você não cheirava a coisa boa — Ashtray grunhe, segurando nos braços da poltrona, e aproxima sua face da minha com um olhar feroz. — Você vai me explicar direitinho que porra toda foi essa, e, se eu não gostar ou achar que tem alguma coisa errada nessa história, vai ter preferido passar a noite no relento.

— Ash...

— Calliope, cala a porra da matraca e vai chamar o nosso irmão. — Ele se vira para mim, puxando uma arma de trás da calça, — E você, floquinho, comece a falar.

O medo me penetra como uma lâmina, e nem estou me referindo a Ash que permanece próximo demais e segurando uma arma numa mão muito agitada. Eu pertenço à *Famiglia*, meu cérebro pensa, e o medo, o terror e o pânico se manifestam em forma física, me deixando desorientada.

— O que a floquinho de neve aprontou? — Klaus questiona atrás de Ashtray, um tanto sarcástico.

— Comece a falar — diz sem paciência e pressiona a arma contra o meu peito.

Umedeço os lábios, me sentindo em uma sinuca de bico, se Carlo me deu sem dó ou piedade, eu não lhe devo mais satisfação ou lealdade, só que apenas pensar nisso me incomoda, ele cuidou tão bem de mim, foi quase um pai, não consigo sentir raiva dele... talvez um pouquinho.

E se uma coisa eu aprendi vivendo esses poucos anos na máfia, é nunca abrir a porra do bico, porém, sinto que Ash irá me arrancar a verdade, eu querendo ou não.

— É complicado, eu já disse e, quanto mais vocês souberem, pior será. — Os dois se entreolham e tenho um mau pressentimento.

Ash abre a pistola, remove algumas balas, e entrega ao seu irmão.

— Ash, não acha que está sendo radical demais? — Klaus pergunta, fazendo o nó em meu estômago se apertar, até esse doente acredita que o irmão está passando dos limites.

— Ela pertence à Cosa Nostra — Ash diz, apontando a arma para o meu joelho.

— Caralho! — seu irmão uiva ao seu lado.

— Você não entende... — expresso suplicante e tenho um sobressalto quando escuto o click do gatilho.

Agarro-me nos braços da poltrona, sentindo a bile subir a garganta.

— Comece a falar — ele sibila cada palavra e, antes que eu pudesse puxar minha mão, o motoqueiro pressiona o cano da arma contra o meu dorso, forte o suficiente para não me deixar puxar a mão. — Quer tentar a sorte? — pergunta com o dedo no gatilho e um olhar eviscerado.

— Por favor... — Outro click, e minhas lágrimas escorrem.

— Ash! — Klaus adverte.

— Eu fui adotada por Carlo Santoro. — As palavras saem de mim por conta própria quando ele mira na minha cabeça. Os irmãos se entreolham, capto a tensão em seus ombros, suponho que não preciso nem adicionar o cargo que Carlo exerce em Chicago.

— Prossiga.

— Só mira essa coisa pra lá — peço com os pensamentos embaralhados.

— Carlo casou Fiorella com Franco Fiore, herdeiro da Cosa Nostra. — Klaus pragueja alto, sua face é tomada de fúria, me deixando confusa com a sua reação.

— Continua — Ash assobia entredentes.

— Já te disse, ajudei minha amiga a fugir do marido.

— Espera — Klaus diz, me silenciando —, você ajudou a esposa de um mafioso a fugir? — Ele me olha incrédulo.

— Sim, mas ela não queria fugir dele para sempre. — Ash não parece acreditar.

— E agora o seu “pai” — Klaus usa aspas — deu você de bandeja pra aquele desgraçado — ruge como se já conhecesse Franco de algum lugar.

— É. — Mexo a cabeça juntamente.

— Floquinho, é seu dia de sorte — Klaus diz com um sorriso perverso.

— É perigoso demais, ela vai embora. Já tivemos um incidente há pouco tempo, não precisamos de outro.

Incidente, será o mesmo que Calliope mencionou ontem? Um frio corre pela minha barriga, imaginando se foi Franco quem matou o motoqueiro.

— Está com medinho, irmão? — Klaus questiona de uma forma zombeteira.

— Estou sendo sensato. Que a morte de Marco sirva de lição pra você, Klaus. — O homem enrijece, confirmando o que pensei.

— Ela fica! Aquele desgraçado nos tomou Marco, vamos tomar algo dele.

— Ashtray está certo, é melhor eu ir embora.

— Você não tem onde cair morta — diz com um riso. — Noite passada, estava implorando por onde dormir e agora vai sair por aí simplesmente.

Suspiro, sem argumento, mas ficar aqui com eles não me agrada nem um pouco.

— Aonde ela vai não é da nossa conta — Ash fala.

— Ela fica! — Klaus bate o pé e inclina a cabeça para o lado, parece estar fazendo um olhar suplicante para o irmão. Pelo visto, Ash é quem dá a última palavra por aqui.

Ele me olha profundamente e me sinto um pouco sem jeito.

— Fique sabendo que, no momento em que ele enfiar o pau na sua boceta, essa benevolência vai acabar com o jato da porra — diz, me deixando rubra, e sai do *loft* com passos largos.

— Não dê ouvidos a ele, floquinho. — Klaus pisca e segue o irmão, me deixando sozinha.

O meu peito se aperta, e eu luto contra as emoções. Não é possível que isso esteja acontecendo. Eu estou, definitivamente, perdida em todos os sentidos da palavra. Não posso ficar, mas também não tenho como ir embora sem dinheiro, ontem provou que eu não duraria um dia morando na rua.

Viver à custa da máfia tem seus prós e contras.

Prós: vida mansa, regalias, tudo que tem de melhor.

Contra: vulnerabilidade, ignorância, ingenuidade.

Mal consigo me lembrar de como era minha vida antes de morar com Carlo e, para ser sincera, eu nem me esforço em tentar. Mas sei que agora que entrei nesse mundo obscuro e sombrio, só saio dele com a morte.

Levanto-me e visto o meu casaco, sentindo o estômago roncar. Quando me viro para a entrada, os três irmãos entram, parando lado a lado, me pergunto se Ashtray já mudou de ideia e veio me expulsar.

— Você fica, mas não pode contar a ninguém de qual família pertence, não pode sair do Queens e do bar, não pode telefonar...

— Sou sua prisioneira? — Ele enruga os lábios e encolhe os ombros, com um gesto que não me agrada.

— Se algum mafioso vier te procurar, não vamos escondê-la, já temos os nossos problemas, não precisamos dos seus.

Assinto.

— Assim que eu conseguir dinheiro, vou embora.

— E você sabe fazer alguma coisa? — Ash pergunta com desdém e adiciona quando vê minha expressão murchar: — É claro que não sabe.

— Ela pode ajudar Telma no bar — Calliope sugere, me dando uma piscada.

— Ou esquentar a cama de Klaus, já que é por causa dele que você ficará — diz, e meu estômago se contorce quando vejo um risinho no rosto do seu irmão.

— Meu Deus, parem de assediar a garota! — Calliope estoura, vindo para o meu lado.

Tenho vontade de abraçá-la, ela me lembra um pouco Fiorella, pelo menos suas atitudes, e sinto saudades da minha amiga instantaneamente.

Os irmãos nos deixam a sós, e o ar volta a circular em meus pulmões.

Bom, tenho um teto, um trabalho e, pelo visto, um amante, meu estômago enrijece fortemente com o último pensamento.

CAPÍTULO 5

Helena Hathaway

Capítulo 5

Minha coluna parece que vai se partir a qualquer momento, há um mês quando Ash contou a Telma que teria ajuda no bar, não pensei que a mulher fosse me fazer ficar lavando a louça a noite inteira. E tirando o fato de que eu posso ter adquirido uma escoliose, até que é bom ficar na cozinha, longe de toda zoeira que acontece do lado de fora.

Os motoqueiros ainda me intimidam, eles são selvagens e fedorentos, Klaus que não descubra esse pensamento. Ele se tornou um verdadeiro chiclete, como eu previa, disse que lamentava ter me assediado e afastou os outros motoqueiros que estavam começando a botar os olhos em mim, fiquei imensamente grata, mas minha gratidão nunca passou de alguns beijos na boca. Isso foi há algumas semanas, no fim do expediente, eu estava exausta, e ele me ajudou a lavar a louça, acredito que nenhum homem da máfia faria algo assim, e por isso comecei a criar empatia por ele, mas só isso também.

Klaus é bonito, gostoso, mas não cheira tão bem quanto Ettore, mexo a cabeça, livrando os pensamentos do Consigliere, pensar nele, me faz lembrar da minha família e de tudo que eu perdi.

Essa vida que estou levando agora, sem dúvidas, é bem árdua, comparada à de princesa que eu tinha. Não precisava mover um músculo

para fazer nada na mansão Santoro, e, por alguma razão que eu ainda não descobri qual é, gosto de estar aqui, é o mais perto da liberdade que cheguei. E o que me faz relaxar e me sentir menos culpada é pensar na quantidade de vezes que Fiorella me mandou fugir da máfia, ter uma vida livre, afinal, era tudo o que ela mais queria para ela.

Sinto um aperto em meu traseiro e duas mãos ásperas subindo em direção à minha coluna por baixo da minha roupa, e não preciso me virar para saber quem é.

— O que você quer Klaus? — pergunto, tirando o sabão da mão e me virando para encará-lo.

— Você, bem aqui nessa cozinha. — Fico analisando sua face, que, mesmo sem expressão alguma, tem uma pitada de deboche, fazendo-me lembrar um pouco Ryan McCarthy de *Quebrando Regras*, e sinto vontade de arrancar o sorriso da cara dele com minhas unhas, só para deixar de ser presunçoso.

— Não dá, tenho um monte de copo pra lavar.

— Eu espero. — Rio, Klaus se aproxima e me beija de repente, me prensando contra a pia, sua boca tem gosto de cigarro, álcool, e um leve toque mentolado. Ele me pega pela cintura e me põe sentada no balcão, ficando entre minhas pernas.

Deslizo as mãos pelos seus ombros, me agarrando no seu pescoço forte e tatuado, enquanto ele pressiona seu comprimento contra o meu sexo. De repente, escutamos um forte arranhar de garganta, Klaus corta o beijo e se vira, deixando-me à vista de Ashtray, nos encarando com um olhar de reprovação.

— Você não vai ganhar um adicional de trabalho fazendo isso — Ash replica com deboche.

— Ah, então eu deixei ele me alisar por duas semanas pra nada? — pergunto, chocada, pulando de cima do balcão e recebendo um riso de Klaus.

— E eu pensava que as mulheres da máfia eram virgens — Ash diz, se aproximando do irmão, que me olha agora em dúvida.

— Floquinho, você é virgem? — Klaus pergunta e vejo algo brilhar em seus olhos, fascínio, gostaria de entender porque essa atração dos homens por um cabaço.

— Não é da sua conta — respondo secamente, isso não é da conta de nenhum deles, e ainda assim ele estreita os olhos curiosos.

— É por isso que nunca me deixa entrar? — pergunta.

Argh! Klaus sabe como ser inconveniente em um nível elevado.

— Acho que Ashtray quer conversar com você — aviso.

— Não tudo bem, eu espero você responder. — Ash está com o mesmo sorriso debochado que seu irmão usa habitualmente.

Comprimo os lábios quando percebo que ele não vai me deixar em paz até responder.

— Porque nem nos conhecemos direito, e você me tratou como uma vadia na primeira noite. — digo meias verdades, pois, se fosse por isso, eu não teria transado com Ettore. Só que o Consigliere me passou conforto e segurança de uma forma que Klaus não passa, quem sabe até tivesse sentimentos pelo motoqueiro se ele não tivesse me tratado como uma puta naquela noite.

— Eu espero — Klaus expõe, e recebe um olhar de nojo do irmão.

— Tá, chega desse papo melado, já deu pra mim. — Fico grata por Ash falar algo, pois fiquei um tanto chocada por Klaus decidir ir com calma.

Os dois deixam a cozinha a seguir, quando Telma entra, trazendo uma pilha de copos. Ela solta tudo na cuba com um sorriso e me deixa sozinha.

Já devem ser quase três da manhã, torço para que essa seja a última leva louça suja, ou terei que pedir demissão e começar a transar com Klaus para conseguir me manter até encontrar outra coisa, quero rir, mas estou seriamente cogitando, a minha coluna dói impiedosamente.

Amarro o lixo com força e deixo a cozinha, entrando no bar, se tiver mais alguma coisa para lavar, eu juro que finjo um desmaio.

— Telma, acabei lá dentro — aviso nas costas dela, a mulher ignora minha presença como sempre, paro ao seu lado e vagueio os olhos pelo bar,

procurando pelos irmãos, não está cheio, consigo vê-los em pé, diante de uma mesa bem no centro, com um ciclo de homens de terno escuro.

Congelo no lugar em estado enervante e sinto o sangue evaporar do meu corpo. Klaus encontra meu olhar de longe, e aquele sorriso debochado não está em seu rosto. Nunca ouvi tão sério desde o dia que o conheci. Ashtray vira para mim, revelando o Consigliere sentado à mesa, de uma forma muito descontraída, sinto meu coração perder uma batida quando nossos olhos se encontram, e Ettore me dá um risinho que me desestabiliza.

— Não vai levá-la! — Klaus exclama de uma forma intrépida, fazendo com que seu irmão o segure pelo braço, o advertindo silenciosamente.

Recordo-me do que Ash disse há semanas: *se algum mafioso vier te procurar, não vamos escondê-la, já temos os nossos problemas, não precisamos dos seus.*

Estou perdida, Ettore vai me levar, nem que seja à força, só não compreendo por que ele está aqui, esse serviço devia ser de um soldado qualquer, não do Consigliere.

Ettore fica em pé, ganhando mais altura que os irmãos e transmitindo poder sem esforço, seus homens fazem o mesmo, e noto que todos estão com armas em mãos, esperando qualquer sinal de Ettore, os motoqueiros fazem o mesmo.

— Bom saber que está viva. — Sua voz é suave e despreocupada, ele encurta o espaço até mim e um sorriso jovial aparece em seus lábios. — Está na hora de ir pra casa, Helena.

Mexo a cabeça mecanicamente, incapaz de emitir uma só palavra, queria que alguém me desse um tapa na cara, para ver se eu tenho alguma reação, pois a única coisa que sinto é meu coração desenfreado.

— A casa dela é aqui! — Klaus intervém com as mãos em punhos, Ash lhe dá um olhar implacável, espero que ele consiga controlar o irmão, a última coisa que desejo é um derramamento de sangue por minha culpa, jamais conseguiria conviver com isso. Ettore olha para o motoqueiro e percebo que está ficando impaciente.

— Eu não tenho mais uma casa, Ettore, me deixe ficar, por favor. —
Me ouço dizer com voz baixa e trêmula.

— Sabe que eu não posso fazer isso. Junte suas coisas — ordena, fazendo lágrimas brotarem em meus olhos. Dou-lhe um olhar resignado e não tenho outra opção a não ser assentir.

— O que você quer por ela? — Klaus se aproxima de repente, fazendo com que os homens de Ettore ergam as armas, ele os ignora, e não entendo por que continua insistindo, não é como se tivéssemos um relacionamento, ou como se me amasse.

— Ela não está à venda, o Chefe quer vê-la. — Engulo o tremor que percorre meu corpo e meus olhos encontram os de Klaus, suplicando para que ele pare, antes que ele faça alguma besteira e acabe matando alguém.

— Klaus — sussurro, seus olhos encontram os meus e, por um momento, sinto falta daquele sorriso debochado. — Eu vou ficar bem — afirmo, mas minha voz não soa convincente.

— É claro que vai, faz parte da *Famiglia* agora e cuidamos do que nos pertence — Ettore expõe de uma forma que faz minhas entranhas se contraírem.

— Já tem o que quer, pode ir — Ash diz com uma expressão rigorosa ao lado do irmão, mas seus olhos estão em mim, e vejo um sinal de preocupação e consternação em seu rosto.

Braços me apertam por trás e tenho um sobressalto, me viro e é Calliope, ela tem um olhar triste.

— Não acredito que tenha que ir.

— Telma, leve Calli para dentro — Ash assobia entredentes.

— Quem sabe um dia eu te faça uma visita — digo com um sorriso que faz minhas lágrimas rolarem e abraço a garota, apertado. Isso nunca vai acontecer, Franco irá comer minhas vísceras assim que me vir.

Engulo o apertado nó em minha garganta e dou a volta no balcão, vendo Ash segurar Klaus pelo antebraço.

— Vou buscar suas coisas — Klaus avisa, se livrando do aperto do seu irmão, ele passa pelos motoqueiros, saindo para a área externa,

transtornado.

— Vamos esperar lá fora. — Ettore me pega pelo braço sem gentileza e me guia, eu caminho taciturna até a saída, e os homens do Consigliere nos seguem de perto.

— Já pode respirar, Helena. — Puxo meu braço dos seus dedos com força, odiando o seu toque, jamais pensei que odiaria isso algum dia.

— Como vou respirar, se está me levando para a morte? — pergunto com uma dor que parte o meu peito.

— Muita coisa aconteceu, só se acalme — pede simplesmente e abre a porta de um carro luxuoso para eu entrar. Klaus se aproxima segurando uma bolsa preta com os meus pertences.

— Não faça nenhuma besteira — Ettore sussurra só para eu ouvir, como se correr fosse uma opção, o ignoro e dou exatos três longos passos até o motoqueiro.

— Ah, floquinho, se me pedir, eu meto uma bala na cabeça dele agorinha mesmo — sussurra.

— Nunca pensei que fosse sentir falta do seu senso de humor. — Ele morde a pontinha do lábio —, e, Klaus, eu não sou mais virgem — revelo baixinho, e ele me dá um sorriso maravilhoso.

— Então, se eu tivesse tentado mais um pouco...

— *Ahm*. — O motoqueiro pragueja, rindo, eu pego a sacola e coloco em meu ombro. — Só deixe de ser um babaca com as mulheres — peço, ele assente e me toma em seus braços bruscamente, me arrancando um beijo.

O beijo de volta, como se esse fosse o último beijo da minha vida, pois há uma grande chance de ser, e, por instantes, me arrependo de não ter transado com ele.

— Já chega! — Ouço a voz de Ettore, perto demais, então seus dedos se fecham em torno do meu cotovelo e me puxam dos braços de Klaus com força, não tenho tempo de olhar para trás e o Consigliere me empurra para dentro do carro, sentando-se ao meu lado. Deslizo para longe dele, deixando a sacola no meio de nós dois, olho pela janela, Calliope está abraçada em Klaus, ambos me olhando partir.

Estou em lágrimas e me sinto ridícula, eu fiquei tão pouco tempo com eles, mas é difícil imaginar não os ver mais todos os dias. Queria que minha única preocupação fosse a saudade também, pois tenho medo de imaginar o que Franco fará comigo quando me vir.



O caminho foi longo até chegarmos em Manhattan, Ettore permaneceu calado, e eu fiz o mesmo, cansada e medrosa demais para saber o que ia acontecer comigo. O carro para suavemente, pedindo acesso à garagem de um edifício. Viro-me para Ettore, confusa.

— Para onde está me levando? — Minhas palavras saem com exigência.

— Minha casa. — diz naturalmente.

— Por quê? Pensei que fosse me levar para o Franco.

— Ele não está em Nova Iorque, relaxa. — Rio, desacreditada, como se isso fosse possível. Ettore ignora minha expressão e desce do carro assim que ele é estacionado.

A minha porta é aberta, e um dos caras do bar me puxa pelo braço, me guiando até Ettore. Encontro os seus olhos tão escuros quanto os seus cabelos e dou um puxão me livrando do seu toque, vendo um risinho se formar em seus lábios.

— Renzo, está liberado — Ettore avisa quando chegamos ao elevador.

O homem assente e nos deixa silenciosamente. Entro na caixa metálica com Ettore e me afasto o máximo possível dele, parando em suas

costas, nossos olhos se encontram no espelho à nossa frente, então desvio para os meus rapidamente e me vejo ainda com o avental do bar, meu cabelo está preso em um coque bagunçado; na verdade, eu estou toda bagunçada.

Unhas quebradas, cabelos ressecados, perdi um pouco de peso e, apesar disso tudo, me sinto bem, mais forte, eu consegui sobreviver lá fora, por conta própria, e isso é quase uma vitória.

As portas do elevador se abrem diante de um hall de entrada bem iluminado. Ettore sai, levando minha bolsa e, depois de um momento, se vira para mim, impassível.

— Pode descer para conversarmos ou ficar parada aí a noite inteira, esse elevador não vai a lugar algum sem o meu cartão de acesso — declara simplesmente e retira seu paletó, deixando visível o colete com o coldre logo abaixo.

Meus olhos correm pelo apartamento e, de onde estou, vejo uma ampla sala muito sofisticada em tons de cinza, com o piso de granito escuro. E um pouco ao lado, o início de uma escada para o segundo andar.

Não vejo alternativa a não ser descer do elevador e andar até o Consigliere.

Ettore Reviello

Me viro para o elevador, e Helena permanece nele, fazendo o reconhecimento do ambiente. Nunca a vi com os olhos tão arregalados desde que a peguei em meu banheiro no quarto do hotel, e não posso negar

que não pensei na morena algumas vezes nas semanas que se seguiram depois daquela noite. Caralho, ela tem uma boquinha de veludo insuperável.

Helena anda sem muita vontade para dentro do apartamento, com os braços cruzados e apertados em frente ao peito, talvez constrangida, naquela noite, ela foi embora tão de repente, quase me senti usado, sufoco um riso, melhor não mencionar nada para não a deixar mais embaraçada.

Observo sua aparência, e está uma lástima, embora ainda esteja linda. Feições delicadas, uma pele de porcelana e grandes lábios rosados. É difícil acreditar que viveu com os motoqueiros por todo esse tempo.

— Está com fome? — pergunto.

— Por que estou no seu apartamento, Ettore? — indaga, e ouço o temor em sua voz.

— Não vou machucá-la — aviso para que relaxe.

— Não estou com fome — entoa um pouco irritada, está tarde, deve ser perto das 5h da manhã, ela deve estar exausta e, ainda assim, quer respostas.

— Fiorella pediu que a encontrasse — explico, e seus lábios se separam, surpresa —, Franco não sabe que eu estava te procurando — emendo, vendo várias perguntas se formarem na face da garota.

— Ele vai me esfolar viva quando me vir. — Aperto os lábios e não discordo, Franco mandou matá-la assim que soube que Fiorella havia fugido, depois ele recobrou o juízo e decidiu deixar a garota se matar por conta própria. Se ela voltasse para Chicago, Carlo seria obrigado a nos entregá-la, mas, se Helena continuasse foragida, Franco não faria questão de encontrá-la e trazê-la de volta para a vida da esposa.

— Eu tenho uma solução para o seu problema, e para o meu. — Ela estreita os olhos, confusa, imaginando que tipos de problemas o Consigliere teria. *Um bem grande.*

— Explique-se.

— Preciso de uma esposa para não me casar com Edwina, e você, de proteção. Se for minha, Franco não te fará mal, ou te casará com qualquer soldado da *Famiglia* para apenas se livrar de você.

Sua expressão se congela, como se ainda processasse o que acabo de dizer. Se ela for esperta, aceitará, afinal, só tem a ganhar se tornando a minha esposa.

— Seria um casamento de mentira?

— Obviamente — digo com clareza, nunca mais desejarei um casamento e não acredito que estou disposto a fazer isso para me livrar de um, contudo, o inferno deve ser mais acolhedor do que conviver com a pirralha da Edwina.

— Ficaríamos casados para sempre? — Preocupação cruza a sua face.

— Não, só até Riccardo morrer, ou Franco não desejar mais a sua morte.

— Não sabia que podia haver divórcios na máfia — entoa em dúvida.

— Não é algo comum, mas nossa união não seria como a de Franco e Fiorella, para selar um acordo, ambos, sim, são obrigados a ficarem casados para o resto da vida deles e, mesmo com o divórcio, você pertence à *Famiglia* agora, Helena.

Minhas palavras parecem que a chicotearam, pois a garota está com lágrimas nos olhos. Compreendo que esteja se sentindo desolada, mas, quanto mais rápido entender a situação que se encontra, melhor. Pois, não há escapatória para nenhum de nós.

— Eu me caso — sussurra, secando as lágrimas, me sinto um pouco culpado pelo alívio iminente que senti nos ombros ao ouvi-la.

— Vou providenciar os papéis, agora vamos subir, você deve estar cansada.

— Vamos dividir um quarto? — Vejo sua expressão se tornar uma bagunça.

— Não, você terá seu próprio quarto, mas hoje pode ficar com o meu. — Pego a sua sacola da poltrona e a guio para o andar superior.

Passo à sua frente e abro a porta da suíte principal para ela. Helena cambaleia para frente depois de mim, olhando em volta, sempre observadora.

— Tem certeza de que não está com fome? — pergunto, olhando seu corpo, ela parece mais magra do que me lembrava.

— Estou exausta, Ettore — sussurra sem me olhar nos olhos, percebo que está se segurando para não chorar.

— Vou te dar privacidade — aviso, soltando a bolsa em uma poltrona ao lado.

— Espere. — Volto a fitá-la com atenção. — A esta altura, você já deve saber que Fiorella foi se encontrar com o irmão, o que houve depois?

Um *flashback* da confusão de um mês atrás passa por minha mente, uma bagunça dos infernos, mas não vou dizer nada a Helena, nada que irá tirar o seu sono pelo menos.

— Rocco é um agente da narcóticos — o queixo dela tomba, também fiquei assim —, ele queria que Fiorella o ajudasse a prender Franco, e quase conseguiu.

— O quê? Como? — Estalo a língua.

— Descanse, Helena, os dois estão bem, isso é o que importa.

Ela concorda com a cabeça de uma maneira consternada e a deixo no quarto, fechando a porta em seguida.

Creio que será uma mudança e tanto para nós. A parte mais fácil já foi, fazê-la aceitar, não pensei que Helena fosse ceder tão depressa, mas confio que o medo de Franco é maior do que conviver comigo por algum tempo.

Precisamos nos casar, de preferência, antes de Franco voltar da sua caçada ao Rocco. Ele virá como traição, o que, de fato, é, no entanto, suponho que não irá querer revidar, pelo menos não agora, visto que seu pai está com o pé na cova. Ele precisará do meu apoio e de alguém de confiança para se afirmar no poder, sem uma matança.

CAPÍTULO 6

Helena Hathaway

Capítulo 6

Noite passada, peguei no sono ruminando tanto a história sem pé e cabeça da minha amiga e, também, se foi uma boa ideia ter aceitado me casar com o Consigliere, eu estava exausta, perturbada e confusa, e minha mente pareceu que deu um branco, eu não vi outra saída, não que agora de manhã eu tenha encontrado uma, porém, pensar na ideia de ser esposa dele é tão inusitado quanto à ligação de Ella, avisando que seu irmão morto estava vivo. *Ah, céus, recém-amanheceu e minha cabeça já dói.*

Tomei um banho delicioso, depois vesti uma calça jeans e uma jaqueta de couro que Calliope havia me dado na primeira semana. Já sinto saudades da garota, sou muito besta, me apego fácil às pessoas e sempre tenho que deixá-las para trás.

Enfio meu atual telefone no bolso da calça e desço, sentindo o cheiro de café pronto. A cozinha de Ettore fica do lado oposto às escadas. Passo por um espaço aberto, onde fica a sala de jantar, e entro na cozinha estilo provençal, ela tem os mesmos tons que as outras mobílias, cinza e branco, e uma grande ilha, que a separa da sala.

Ettore está de costas para mim, fazendo o café da manhã, ele veste uma camisa social branca e os punhos dela estão dobrados para cima. Faço

um pequeno ruído com a garganta, mesmo imaginando que ele já tenha notado a minha presença.

— Bom dia — fala, me olhando por cima do ombro.

— Eu tomei banho, espero que não se importe.

Ele se vira para mim com dois pratos servidos de bacon, ovos e pão torrado, e os solta na grande ilha, o cheiro me atinge em cheio, provocando uma agitação em meu estômago.

— Não me importo — responde, e noto que ele está tentando soar comum, só que nada do que está acontecendo aqui é comum, principalmente ele arrumando o nosso café da manhã, até parece que estamos casados uma eternidade.

Ettore larga duas xícaras de café na ilha e se senta, fazendo sinal para eu fazer o mesmo. Obedeço, porque minha barriga dói de fome. Ele começa a comer em silêncio.

— Isso é muito estranho — não me contenho e comento com os talheres nas mãos, encarando-o.

— Vai se adaptar, Helena, se você se acostumou aos irmãos Meddox, o que é esta cobertura comparada àquele lugar? — pergunta retoricamente.

Não tenho argumento, mas lá, pelo menos, era divertido, e viver com Ettore será triste e solitário, contudo, estarei perto da Fiorella, só resta saber se Franco me deixará vê-la com frequência.

— O que vai acontecer quando nos divorcíamos? — quero saber, levando um pedaço de pão à boca.

— Vou providenciar uma casa ou um apartamento, o que desejar, e você será amparada por mim. — Estaremos ligados um ao outro para sempre, não sei o que pensar disso.

— Vou poder me casar novamente? — Vejo que minha pergunta o pega desprevenido, Ettore beberica seu café, talvez ganhando tempo para me responder.

— Por quê? Estava em uma relação séria com o motoqueiro? — Um riso me escapa e volto a comer minha torrada, Ettore permanece me

olhando, ele realmente quer uma resposta.

— Não estou me referindo ao Klaus. Só que eu não tenho intenção de passar o resto da minha vida sozinha. Você não pretende conhecer alguém, nunca?

Ele comprime os lábios, parece que não aprova minha resposta e nem minha pergunta.

— Não, eu gosto de como as coisas estão *agora*. — Ele fica em pé, — Termine o café, precisamos passar no cartório — diz, deixando a mesa sem terminar de comer.

O que ele quis dizer com *agora*, será que antes as coisas estavam confusas e complicadas? Nunca vou saber, a mente de Ettore parece uma caixa blindada.



Descemos em frente ao cartório e logo atrás de nós, Renzo se aproxima em uma distância confortável. Ettore desliza uma mão pela minha coluna e me guia gentilmente para dentro da sala comercial.

— Acha que vou fugir? — pergunto, olhando para ele por cima do ombro.

— Não tem pra onde fugir, Helena. — Suas palavras pesam em meu âmago. — E você não será minha prisioneira, no mínimo, terá que agir como uma mulher casada, até nos separarmos.

— E você vai agir como um homem casado? — Um risinho se forma no canto dos seus lábios, ele não me responde, cretino, Ettore quer compromisso e fidelidade, mas não quer me dar isso.

Entramos em uma recepção bem iluminada, com poltronas claras almofadadas e um extenso balcão de recepção de madeira escura. Atrás dele, há, pelo menos, dois atendentes efetuando os casamentos.

Nunca pensei que cerimônias em cartórios fossem tão deprimentes, recordo-me do casamento da Fiorella, ela estava assombrosamente linda e um vestido que mal cobria o seu corpo, mas era um vestido de noiva, em um salão, com flores e músicas, rodeada de pessoas que ela amava.

Olho para minhas roupas, coturnos e jaqueta de couro, depois para as mulheres à minha volta, elas, ao menos, estão com vestidos de festa e muito maquiadas. Por mais que seja uma farsa, podia ser uma farsa bonita.

— Está arrependida? — Ettore pergunta quando paramos num lado da sala, esperando a nossa vez.

— Não é isso — talvez um pouco... aperto os lábios, indecisa do que dizer, não quero que ele me ache simplória —, só estava tentando entender como passei de empregada em um bar de motoqueiros para um casamento de mentira em apenas algumas horas — digo por fim.

Parece que tem um rombo enorme nessa cronologia, e nada faz sentido.

— Ettore Reviello e Helena Hathaway — um alto-falante chama os nossos nomes, Ettore me olha por um breve momento, quem sabe, ele é quem esteja arrependido, afinal, eu só tenho a ganhar me casando com ele.

Um homem nobre, com um título importante, muito lindo e gentil, e o mais importante, me protegerá da ira de Franco e, já que eu tenho que viver sob as leis da *Famiglia* agora, tenho que admitir que tive sorte.

— Como vamos casar se nem documentos eu tenho? — Ele me dá um olhar que mostra que não preciso me preocupar com nada disso e se vira para o juiz de paz à nossa frente.

O juiz fica em pé e nos dá um breve sorriso.

— Trouxeram a testemunha? — pergunta. Renzo aparece ao lado de Ettore, usando um terno preto, apertado demais em seu corpo musculoso, e nos dá um sorriso. O juiz assente e inicia o discurso. — Estamos reunidos

aqui hoje para unir vocês dois em legítimo matrimônio. Ettore Reviello, você aceita amar esta mulher, ser fiel e cuidar dela na saúde e na doença?

— Aceito.

Oh, céus! Isso é pra valer.

O juiz de paz se vira para mim e sinto meu couro cabeludo eriçar, Ettore me olha com uma expressão gentil, e tento mascarar o quão apavorada estou, oferecendo um sorriso doce a ele.

— Helena Hathaway, você aceita amar este homem, ser fiel, e cuidar dele na saúde e na doença?

— Aceito. — Minha voz quase falha.

Ettore enfia a mão dentro do paletó e tira de lá duas alianças. Ele me estende a mão e, de repente, me vejo sem saber qual lhe entregar. Ele sorri, percebendo o meu embaraço. Dou-lhe a esquerda e sinto meus dedos tremerem, Ettore desliza uma aliança de ouro cravejada de diamantes e depois traceja o polegar ao longo do dedo anelar. Estranho, o seu delicado gesto, mas não me prendo ao pensamento, pois ele me entrega a sua em seguida. Enquanto eu a empurro em seu dedo, o juiz recita seu último discurso:

— Pelo poder concedido a mim pelo estado de Nova Iorque, eu vos declaro marido e mulher. — Nos olhamos pelo que pareceu ser uma eternidade. Seus olhos cor de jade não demonstram emoção alguma, embora seus lábios exibam um sorriso acolhedor. — Já pode beijar a noiva.

Ettore dá um passo à frente, visto que congelei no lugar, seus dedos fortes me seguram pela cintura e seus lábios moldam os meus, sem dó, seus lábios são quentes, molhados, e seu gosto é maravilhoso, não me contenho e correspondo ao seu beijo com avidez.

Santo Deus, eu fiquei meses imaginando como seria beijá-lo outra vez, a sensação é de que aquele fogo que estava em brasa, se apagando lentamente, está me queimando intensamente agora.

Ele se afasta, roubando todo o meu ar, eu corto contato visual, me sentindo um pouco embaraçada. Somos chamados pelo juiz para assinar os

documentos. Meu sobrenome agora é Reviello, tá aí uma das coisas da qual não sentirei falta, Hathaway.

Deixamos o cartório, foi mais rápido do que eu imaginava. Agora sou uma mulher casada, Sienna terá um infarto quando souber que me casei antes dela, mesmo que seja apenas de mentira, afinal, não há casamento na máfia por amor.

Sento-me no banco ao lado de Ettore, ele começa a dirigir em silêncio, me pego observando minha aliança, e tem algo que me deixa com o pé atrás.

— Quando você a comprou? — Meus lábios falam junto do pensamento.

Ettore não tinha como saber se eu aceitaria e acredito que ele não tenha saído para comprá-la para mim hoje cedo. Será que era pra outra mulher?

— Isso importa? Se não quer usá-la, tudo bem! — exclama de uma forma rude, apenas confirmando o que eu pensei. Aperto os lábios e me calo, olhando pela janela, e assim vamos o resto do caminho.



Chegamos à cobertura novamente, e a cozinha estava impecavelmente limpa. Olho à minha volta e tento absorver o ambiente para que, de alguma forma, entre na minha cabeça que esse é o meu lar agora, mesmo que temporariamente.

— Eu pedi mais cedo para que Margot, a minha governanta, preparasse um quarto pra você. Quer vê-lo? — diz, receptivo, noto que

Ettore também não se sente muito confortável com minha presença.

— Não vou conseguir me sentir à vontade se continuar me tratando como hóspede. — Ele comprime os lábios, Ettore não parece o tipo de homem que recebe muitas visitas.

— Faz tempo que não moro com alguém — esclarece com uma expressão ilegível.

— OK. Tem algum limite que eu não deva ultrapassar? — pergunto, tirando minha jaqueta e soltando numa poltrona ao lado.

— Não, Helena, é só não misturarmos as coisas e ficaremos bem.

— Misturar as coisas, tipo você enfiar a língua na minha garganta sem minha permissão? — questiono com a sobancelha arqueada e, pela primeira vez desde cheguei aqui, sua expressão se suavizou por inteira.

— Acho que você entendeu.

Assinto.

— Eu odiaria fazê-lo se apaixonar por mim, iria complicar nosso divórcio — escarneço, dando as costas para ele, quero conhecer o meu quarto.

— Bom saber que tem o mesmo senso de humor da sua amiga. — Paro e me viro para ele.

— Quando vou poder vê-la? Estou com saudades.

— Em breve — ele diz, andando até mim. — Vamos subir, vou te mostrar o quarto.

Ettore me guia, passamos em frente à sua suíte e, do outro lado do corredor, quase em frente ao dele, é o meu aposento. A porta está aberta, exibindo uma grande cama com dossel de ferro e uma cortina translúcida à sua volta, deixando-a parecida com uma formosa tenda.

É mais bonito que meu antigo quarto na mansão Santoro, nunca me senti à vontade para pintar as paredes, ou mexer nas coisas de Rocco. Fiorella tinha um apego muito grande naquele quarto.

— Tem um closet, um banheiro, varanda e TV. Pode deixá-lo do seu agrado.

— Está ótimo — digo com um pequeno sorriso e adentro o quarto, me jogo de costas na cama macia e fico olhando para o *meu marido* através do tecido translúcido, ele fica um tempo me olhando de volta até se retirar silenciosamente.



Passei o resto do dia em meu novo quarto, guardei as poucas mudas de roupas no closet e cheguei à conclusão que preciso de vestimentas novas, seria ótimo se eu conseguisse as minhas coisas de volta, mas, a esta altura, Carlo já deve ter mandado colocar fogo.

Desço assim que me pego com o telefone na mão, quase discando o número de Fiorella, tenho tanta coisa para contar a ela, só faz algumas horas e já me sinto solitária nessa casa.

Chego ao andar inferior e encontro Renzo conversando com uma mulher na cozinha, suponho que seja Margot, pois está usando um avental apertado, modelando uma cintura de violão, e seu cabelo está preso por uma touca de telinha preta, deixando alguns fios escaparem pela lateral, Margot deve estar na casa dos trinta anos, ou mais jovem.

Os dois se viram para mim, Margot força um sorriso sem graça, e Renzo me analisa sutilmente, enquanto eu me aproximo da cozinha. Algo me diz que foi designado a ficar de olho em mim.

— Onde Ettore está? — pergunto a Renzo, escorado no balcão perto da mulher.

— Seu marido foi dar uma saidinha — diz, soando com más intenções, me esforço para manter a expressão impassível e me viro para

Margot.

— Não ligue para Renzo, o senhor Reviello logo está de volta — comenta com um sorriso gentil, assinto.

— Tem algo que eu possa comer?

— Sabe, você pode abrir a geladeira e procurar, senhora Reviello — Renzo fala com um risinho que consegue ser tão debochado quanto o de Klaus.

— Qual é o seu problema comigo? — Me ouço dizer, carregada de irritação.

— Opa, calma aí, floquinho, só estou tentando ser legal.

— Como sabe desse apelido? — quero saber, dando um passo na direção do cara. Renzo se afasta quando eu me aproximo perto o suficiente para sentir o seu cheiro, cigarro e perfume doce com certeza, ele olha por cima do meu ombro, me viro e enxergo Ettore.

— Vejo que já está se familiarizando — meu marido diz, e seus olhos encontram os de Renzo a seguir, Ettore não diz nada, mas o cara se retira em silêncio.

— Não gosto dele — aviso, me sentando à ilha, tem um pedaço de bolo à minha frente.

— Dê um desconto ao Renzo, ele passou semanas te caçando, está exausto.

— Foi ele que me encontrou *pra* você? — balbucio.

— *Ahm* — emite, se sentando ao meu lado.

— Ele vai ficar na minha cola, não é? — Ele dá um risinho, apenas confirmando o que eu já previa. — Ettore, eu não preciso de segurança, a única vez que eu tive foi quando ajudei Fiorella a fugir no seu aniversário.

— E olha a confusão que deu.

— Isso porque Franco é um psicopata! — exclamo, recebendo um olhar de soslaio de Margot.

— Cuide suas palavras, Helena, não está mais em Chicago, você pertence à *Famiglia* agora.

Murcho todinha e me viro para a mesa, até perdi a vontade de comer, mas, mesmo assim, belisco o pedaço de bolo à minha frente.

— Por que fugiu da Outfit? — pergunta de repente, me viro e Ettore também está com um pedaço de bolo à sua frente.

Seus olhos cor de jade me encaram atenciosos, me esperando falar.

— Nunca tive intenção de fugir da Outfit, eu só não queria ter um encontro com Piero Ferraro.

— Encontro, Carlo iria casá-la? — pergunta, e curiosidade cintila em seus olhos, sua língua lambe os lábios, como em câmera lenta, depois chupam o inferior, me levando para uma viagem excitante na linha do tempo. — Helena — Ettore fala parece que em tom de reprovação.

— Hã... — preciso de um segundo para lembrar a pergunta e um pouco embaraçada digo: —, Piero disse que era só um encontro. Não acredito nele — adiciono.

— E por que não queria sair com ele? Carlo teria que casá-la uma hora, seja com Piero, seja qualquer outro homem.

Apoio um cotovelo na bancada e me viro para Ettore, pensativa.

— Não sei. — Lambo a colher, tirando o recheio de chocolate dela, e o vejo apertar os lábios sutilmente. — Piero é lindo, engraçado, um bom partido...

— Já entendi — Ettore diz com uma voz indistinguível, fazendo-me sorrir. Ele engole um pedaço de bolo e comenta: — Então, se arrepende de ter fugido.

Encaro o Consigliere, imaginando por que ele quer saber de tudo isso, nada vai acrescentar na vida dele, já estamos casados, e ele, livre das garras da Edwina.

— Sim. Mas estou feliz de estar perto de Ella.

— A veremos amanhã — ele diz, e sinto uma forte agitação dominar o meu peito. Faz só um mês e alguns dias, e aconteceu tanta coisa que não sei nem como explicar.

— Contou a Franco que estou aqui? — pergunto e não consigo esconder o medo em minha voz.

Ettore balança a cabeça negativamente e termina de comer o seu bolo em silêncio. A chance de o Consigliere estar tão ferrado quanto eu, não me tranquiliza.

CAPÍTULO 7

Ettore Reviello

Capítulo 7

Nunca demorei tanto para pegar no sono como na noite passada, pensei que fosse ser fácil ignorar Helena, afinal, ela é só uma garota como qualquer outra e fica a maioria do tempo no quarto. Mas todo e qualquer maldito pensamento que eu tenho acaba se voltando para ela de uma maneira nada descente.

Torço para que Riccardo morra de uma vez, antes que eu faça uma besteira, pois comê-la está fora de questão, seria como flertar com o desastre, só que gostoso pra caralho.

Helena desce as escadas com a cara amarrada, usando um vestido cor de pêssego que a faz ficar tão delicada quanto uma princesa, e seus cabelos pretos como carvão caem em leves ondas, cobrindo os ombros e salientando os olhos azuis cristalinos.

— Me sinto indo pra um chá da tarde com sua avó — resmunga, me fazendo rir.

— Pedi a Margot que comprasse algo que fosse a sua cara. — Helena cerra o maxilar com força e se mantém calada. — Está parecendo dócil, quase amável, isso é bom.

— Claro, talvez Franco tenha menos vontade de me dar um tiro usando esse lindo vestido, cor de burro quando foge.

— Só tenta melhorar esse humor, ele não combina. — Vejo suas feições se suavizarem lentamente, e ela me dá um sorriso angelical. — Devia ensinar isso a Fiorella, ela não filtra nada. — Helena ri alto, como se lembrasse de alguma coisa, e me segue para o elevador.



Entramos na mansão de Franco e, ele foi ao médico com Fiorella, espero que volte animado, visto que a conversa que tivemos hoje mais cedo pelo telefone não foi nada agradável. Rocco se esgueirou no território da Camorra e, se Franco permanecesse lá mais tempo que o necessário, poderia complicar ainda mais a situação entre as máfias.

Quando passamos por Lazzaro na entrada, senti uma tensão estranha entre ele e Helena. O segurança foi o último a vê-la, Franco queria que ele tivesse dado um tiro no meio da cara dela, mas não teria como, não no banheiro da Starbucks, se fosse em outro local, a esta hora, ela estaria enterrada perto da reserva em Bay Shore, ou virado comida de cachorro.

Olho para ela, andando de um lado para o outro na grande sala, sinto sua ansiedade e inquietação dominarem o ambiente.

— Vai abrir um buraco no piso desse jeito. — Ela me lança um olhar de irritação e se joga no sofá sem classe alguma.

— O quê? — pergunta com as sobrancelhas arqueadas. — Não somos um casal de verdade, não tenho que agir como uma donzela perto de você.

— É por isso que se sente à vontade ao meu lado? — quero saber, pois ela tem lidado muito bem com toda a mudança repentina, se adapta rápido a situações catastróficas, deve ser por isso que conseguiu viver naquele buraco horrível do Queens.

— Também, e, porque sempre foi gentil comigo, Ettore. Não sinto que preciso ter medo de você, espero não estar errada. — Soa sincera e despreocupada, mas seu semblante se altera quando escutamos passos, então me viro.

— Fiorella. — Analiso sua face, não parece muito animada, isso significa que Franco não deve estar muito melhor que ela, — Tudo bem? — quero saber.

Ela mexe a cabeça em resposta com um pequeno sorriso.

— É menino — revela o sexo do bebê.

— É menino — Helena diz de forma vibrante, Fiorella arregala os olhos, saio do caminho delas, e as duas se abraçam com força. Franco entra na sala, ele analisa as meninas e se vira para mim com uma expressão impenetrável, contudo, após trabalhar tanto tempo com ele, compreendi que esta é uma das suas expressões de indignação.

— Franco, Helena está aqui! — sua esposa berra, eufórica. — Você sabia? Sabia que tinham a encontrado? — pergunta, emocionada.

— Não fui informado. — diz, me encarando. — Fico contente que esteja bem e segura, Helena — Franco responde e sua expressão não se altera em nada.

— Obrigada — Helena fala tão baixo que mal consigo ouvir, o medo é evidente, o que é bom, Franco acharia afrontoso da parte dela fazer uma porrada de merda e aparecer aqui sem temer as consequências.

— Ettore, uma palavrinha em meu escritório — ordena e se dirige ao corredor ao lado, lanço um olhar para Helena, para que se mantenha calma, Franco não vai matá-la, ele não vai estragar a felicidade da esposa.

Entro no escritório e fecho a porta, Franco está escorado na mesa com as pernas cruzadas, me olhando de uma maneira inflexível.

— O que diabos aquela garota está fazendo na minha sala, Ettore?

— Estamos vigiando os motoqueiros desde o incidente no Ano-Novo, Helena estava escondida com eles — conto meia-verdade, e Franco deixa escapar uma espécie de riso.

— Devia tê-la deixado com eles.

— É, talvez sim — expresso, ainda preciso revelar que me casei com a garota, quero rir, jamais pensei que um dia ficaria na saia justa com Franco, mas como futuro Capo, eu devo o mínimo de respeito.

— Bom, de toda essa merda, pelo menos Fiorella está feliz — expõe mais tranquilo, o que é ótimo, Franco não é de todo um babaca, ele se preocupa com a esposa.

— Nos casamos ontem de manhã — resolvo soltar a bomba de uma vez, ele estreita os olhos, inclina a cabeça e, quando percebe que não é brincadeira, explode em uma risada, que me deixa preocupado.

— Tudo pra não se casar com a minha irmã? — sonda com um riso perverso.

— Sim. — Comprimo os lábios. — A sua irmã é...

— Odiosa, terrível, malcriada, podemos ficar aqui até amanhã falando dela, mas estou há uma semana fora, preciso esvaziar as minhas bolas, Ettore. Não vou te dar os parabéns, se é isso que deseja por tramar às minhas costas, mas tirou um peso dos meus ombros, eu teria que casá-la, e Lazzaro seria a minha primeira opção, mas você serve.

— Vamos nos divorciar quando Riccardo morrer, mas Lazzaro pode ficar com ela depois disso. — Seu sorriso some e sua expressão se torna inabalável, Franco se endireita e dá um passo na minha direção, seguro o seu olhar com firmeza.

— Riccardo mal consegue juntar as palavras, e eu jamais permitiria que ele casasse Edwina, devia ter conversado comigo, Ettore, pois agora ficará casado com Helena para sempre, ou mate-a, você escolhe. Eu não ligo — vocifera cada palavra com furor.

Putá merda! Respiro fundo, Franco está enraivecido. Ele vai mudar de ideia daqui alguns dias, ou eu o farei mudar, quando me casei, eu sequer cogitei nessa hipótese de continuarmos casados, isto está fora de questão.

— E se a devolvermos para Outfit?

— Isso é um conselho ou uma sugestão? — questiona, mas não aguarda minha resposta e deixa o escritório, voltando para a sala.

Fiorella está de costas para mim, mas, pela expressão no rosto da Helena, ela já contou tudo à amiga, que, pelo visto, não aprova.

— Helena, vamos — aviso, refletindo por onde começar a contar que existe uma grande chance de ela nunca ter um casamento de verdade.

Fiorella se levanta com as mãos em punhos e um olhar que daria medo se fosse em um homem, ela dá longos passos em minha direção, fazendo seus cabelos voarem para trás, e Franco a detém pelos ombros, bruscamente, no meio da sala.

— Ela é dele agora, para sempre — Franco impõe com pura maldade, e pânico desperta na face da Helena, e ela não faz questão de esconder quanto está apavorada.

— Você, pelo menos, sente algo por Helena?

Ah, não fode, Fiorella! Quero berrar, mas isso seria exceder totalmente os limites com Franco, permaneço com a expressão inescrutável. Helena não é boba, ela sabe que não há amor, em nenhum momento houve, e não será agora que haverá.

Fiorella tenta se soltar dos braços do marido, ainda me olhando enfurecida, então, o telefone dele começa a tocar e Franco lhe dá um olhar implacável, fazendo-a se acalmar e, por incrível que pareça, ela cede, se voltando para a amiga, que sussurra algo incompreensível para os meus ouvidos.

— Riccardo morreu — Franco balbucia, e sinto que levei a maior rasteira da minha vida, até riria se não fosse extremamente desrespeitoso.

Helena Hathaway

Chegamos agora a pouco e estou atirada no sofá da Fiorella enquanto ela toma um banho. Inutilmente, eu tento digerir e bloquear a sessão de horror que ocorreu após o velório do Capo de Nova Iorque. Fomos para a mansão dos Fiore, onde aconteceu a recepção com o buffet. E, no caminho para lá, Ella contou que Verônica, a ex-namorada do Franco, a envenenou, fazendo que quase perdesse o bebê. Sinto que minha amiga está escondendo muita coisa de mim e, de alguma forma, assisti-la arrancar

os dedos da mulher foi menos desagradável que saber que pertenço para sempre a Ettore.

Entrei de cabeça, sem pensar nas consequências, não que ficar casada com ele seja o fim do mundo, estaria disposta a tentar um casamento de verdade, se Fiorella conseguiu fazer aquele homem sem coração a amar, talvez eu consiga entrar no de Ettore também, o problema é que o Consigliere já deixou bem claro que não quer um casamento de verdade.

O que me resta agora é fazê-lo mudar de ideia ou fugir para sempre.

Minha amiga desce as escadas silenciosamente, usando um confortável conjunto de pelúcia, cinza-escuro com coração, muito fofo. Ela se esparrama aos meus pés, parece cansada.

— Quer conversar? — pergunto.

Ela mexe a cabeça em resposta.

— Sobre mim não, mas quero muito entender o que aconteceu com você, Hell. Achei que nunca mais a veria, estava desesperada quando pedi ajuda a Ettore.

— Bom, depois que eu fugi... — Ella estala a língua e mexe os dedos em negação.

— Lá do início, de como você perdeu a virgindade com Ettore, antes você disse que não podia contar, agora eu não vejo empecilhos. — Ela dá um risinho diabólico.

Cristo, Ella vai usurpar as informações, eu querendo ou não, olho à minha volta para confirmar se estamos a sós, Deus me livre o seu segurança nos escutar.

— No dia do seu casamento, Lazzaro me chamou para o quarto dele — os olhos de Ella parecem que vão soltar da órbita e seu queixo cai fortemente —, eu confundi o número da suíte e entrei no quarto de Ettore. — Fiorella solta uma sequência infinita de palavrões cabeludos.

Espero ela se acalmar e, quando tenho toda a sua atenção, eu desabafo com minha amiga sobre toda a balbúrdia que estive nessas últimas semanas, deixando-a perplexa. É bom estar de volta, Fiorella é o mais

próximo de uma família que já tive e, independente da minha situação, sei que vou dar um jeito de ficar bem.

Ligo para Sienna e relato tudo novamente, ouvindo as mesmas perguntas de Fiorella, me sinto um disco arranhado, enquanto isso, Ella fica jogada no sofá, tenho certeza de que Franco ocupa seus pensamentos, ele se tornou o chefe. E, se antes já tinha um grande poder, agora o tem totalmente.

Desligo o telefone assim que vejo Ettore adentrar a sala, sua aparência está horrível, parece que viveu vários dias em uma só tarde.

— Onde está Franco? — Fiorella assobia entredentes, e o infeliz surge atrás do Ettore, ela o agarra pela cintura, e o Capo deposita um beijo no topo da sua cabeça, abraçando-a de volta.

— Já estamos indo — Ettore avisa, fazendo sinal para eu lhe acompanhar.

— Franco — Fiorella choraminga, mas ele lhe dá um olhar de desaprovação. Franco nunca vai me separar de Ettore, começo a pensar que, se Ettore tem um coração, eu vou entrar nele, ele querendo ou não.

Dou um sorriso a minha amiga para que se acalme e acompanho Ettore para fora.

Deslizei para dentro do Jaguar em silêncio, Ettore e eu não ficamos sozinhos desde ontem à tarde. Não tivemos a chance de conversar e saber o que vamos fazer, e ele não parece muito propenso a falar agora.

O carro deixa a mansão suavemente e vamos o caminho inteiro em silêncio.



Entramos na cobertura, e o silêncio do Ettore está acabando com a minha paciência. Ele me deve satisfação, é a minha vida que está em jogo também.

— Você pode me explicar que merda está acontecendo? — pergunto sem conseguir disfarçar a irritação. Ettore, que está de costas para mim, se vira com o semblante de poucos amigos.

— Você escutou o que Franco disse — fala de forma rude, afrouxando o nó da gravata.

— E tudo bem por você continuarmos casados? — indago, incrédula.

— Óbvio que não, só que, nesse momento, não há nada que possamos fazer. — Rio, pasma.

— Eu vou embora — informo, recebendo um riso dele.

— Você não vai a lugar algum — rebate, agora tirando o paletó. — E você não tem para onde ir, esqueceu, ou pretende voltar a viver com aquela escória?

— Pelo menos, eles me querem lá.

Ettore respira fortemente como se já estivesse ficando saturado da nossa conversa, ele expira lentamente, me olhando com um tipo de atenção que ninguém deseja receber.

— Você fica, nem que eu tenha que prendê-la nessa cobertura — sibila cada palavra com o mínimo de paciência —, Franco pode mudar de ideia, mas, se fizer qualquer merda, ele te dará um castigo pior do que estar casada comigo.

Mordo a língua para não o mandar se foder e pergunto, o mais calma que consigo:

— E se ele não mudar de ideia, Ettore? — Quase grunho o seu nome.

— Você será minha para sempre — diz simplesmente, como se estivéssemos debatendo sobre um móvel.

— Sua propriedade, não sua esposa, e eu não quero isso.

— Não complique as coisas, Helena, você terá uma vida de princesa. E estará perto da sua amiga, pensei que isso te deixasse feliz.

— E deixa, mas eu não quero só isso. Eu quero tudo, uma vida com alguém, quero ter filhos. Quero um casamento de verdade.

— Mas isso eu não posso te dar.

— Não pode ou não quer? — Me ouço perguntar com uma voz cortante.

— Não faz diferença. Eu nunca te prometi um casamento por amor, e fui estúpido em não pensar que poderia ter chances de continuarmos casados. Mas esta é a nossa realidade agora. Eu lamento.

— Se é a nossa realidade, por que não me aceita? Você não quer nem tentar, Ettore..., eu não estou pedindo que me ame de imediato. — Me ouço dizer e odeio a forma que ele está fazendo me sentir tão pequena.

— É complicado — declara e me dá as costas, indo em direção ao escritório.

Fico estagnada no meio da sala, sem saber no que pensar. Eu não queria um casamento de imediato, mas isso não era para acontecer, se eu estivesse em Chicago, pelo menos, Piero ia me ver como uma mulher, não como uma propriedade, sem valor, pois é assim que Ettore me faz sentir, que não sou digna dele.

Subo para o quarto, desolada, me deito na cama e fico uma eternidade olhando para as cortinas do dossel, sem saber que direção tomar na vida, parece que todos os caminhos se tornam becos, e todos levam para a mesma direção, ao inalcançável Ettore.

Pego o meu telefone e envio uma mensagem no grupo das meninas. Ella me adicionou recentemente.

Mensagem Helena: *Alguém acordada?*

Espero impaciente e não demora um segundo e as duas visualizam.

Mensagem Sienna: *Boa noite, senhora Reviello.*

Envio um rostinho com os olhos virados.

Mensagem Fiorella: *O que aquele palhaço fez?*

Mensagem Helena: *Nada, e nunca vai fazer, porque ele não quer esse casamento. Ele disse que pode me dar tudo, menos um casamento de verdade.*

Mensagem Sienna: *Oh, Hell.*

Mensagem Fiorella: *Pro inferno esse Ettore, filho da puta! Você devia arrumar um amante, tenho certeza de que Lazzaro aceitaria. Posso falar com ele sem compromisso.*

Rio alto enquanto digito.

Mensagem Helena: *Pelo amor de Deus, não faça isso!*

Fiorella envia um rostinho triste.

Mensagem Sienna: *Ou você pode fazer como Ella fez com Franco.*

Mensagem Helena: *Como vou negar sexo, se ele não quer nem me tocar?*

Mensagem Fiorella: *Faça que ele queira te tocar, e negue o seu toque até ele assumir o casamento. E se aquele imbecil continuar te ignorando, você tem o Lazz.*

Sorrio. Gostaria de saber como minha vida seria se eu tivesse transado com o segurança, mas é tarde demais para esses pensamentos bobos, Ettore é minha realidade agora.

Mensagem Helena: *Vou pensar, amanhã volto com mais notícias da minha deprimente vida.*

Ambas enviam rostinhos tristes. Me ajeito na cama e, sem pensar no que fazer, me viro para o lado e adormeço.

CAPÍTULO 8

Ettore Reviello

Capítulo 8

Desço para tomar meu café da manhã e estão apenas Margot e Renzo na cozinha, me sento à mesa e desfruto do silêncio e do pouco da normalidade que eu tenho até a morena acordar e bagunçar o meu dia, pois algo me diz que ela aprontará alguma coisa.

Ontem, quando fui me deitar, escutei suas risadas, ela deixou a porta entreaberta, e hoje, quando acordei, não resisti e dei uma espiada, gosto de pensar que foi apenas para conferir se ela não fugiu no meio da noite, e a encontrei esparramada, respirando suavemente.

Minha esposa. Tento absorver a ideia, mas algo dentro de mim me proíbe de levar em consideração. Talvez se tivesse conhecido Helena há uns dez anos, as coisas fossem diferentes, e ilegais também, já que ela estaria com treze anos. Temos quatorze anos de diferença e isso não parece incomodá-la, pelo menos é o que suponho. Quando a pego me olhando desprevenida, vejo desejo e um pouco de ódio, como ontem à noite, quando eu disse que não fazia diferença eu querer ou poder lhe dar um casamento de verdade.

Não assumi um compromisso com Edwina para evitar estresse, mas parece que o tiro saiu pela culatra, a única diferença entre as duas é que eu posso meter uma bala na cabeça da Helena, e Franco não se importaria. Espero não precisar chegar a isso, afinal, estando casado com ela, não tenho que firmar compromisso com outra mulher, caso apareçam novos acordos.

Enfio um pedaço de torrada na boca e quase me engasgo quando vejo Helena descendo as escadas para o primeiro piso. Ela veste somente uma camisa social branca que fica na altura das coxas e meias da mesma cor, consigo ver sua auréola rosada e os mamilos duros por trás do fino tecido, engulo o resto do meu café com força, enquanto ela se aproxima com uma expressão ilegível.

Pelo jeito, ainda sente raiva por nossa conversa de ontem, visto que passou reto, ignorando totalmente a minha presença.

— Bom dia — Helena diz, se aproximando do segurança na ilha que ainda não percebeu sua sutil nudez, mas ela não se senta, apenas se inclina para frente, exibindo a renda preta da sua minúscula calcinha enterrada em sua deliciosa bunda, seus olhos se viram para mim e encontram os meus, admirando seu traseiro, ela cerra os olhos e se senta na banquetta com força.

Essa garota vai foder com o meu juízo. Sei exatamente o que Helena está pretendendo fazer, mas foder com ela não vai me fazer mudar de ideia com relação ao casamento, só a deixará confusa e magoada.

E só Deus sabe o que uma mulher confusa e magoada pode fazer, penso em Fiorella, ela podia ter levado Franco à prisão, e quase conseguiu, apenas porque estava embebedada por esses dois sentimentos.

Margot entrega o café de Helena, um tanto chocada quando vê a morena caminhar até a mesa lentamente para não virar.

— O que aconteceu com suas roupas? — pergunto e minha voz soa mais dura que eu desejava.

— Sujas.

— Vá às compras, não pode ficar andando seminua pela casa.

— Por quê? — pergunta, apoiando os dois cotovelos na mesa, amparando o queixo com as mãos, e me olhando com atenção, mas tudo que consigo enxergar é seu peito aparecendo entre os botões.

Meu pau se agita dentro da calça, como o de um menininho bobo, recordando do gosto do seu mamilo em minha boca e de como ela gemia quando eu o chupava. Fico em pé bruscamente, preciso sair daqui antes que eu perca a razão e a coma em cima da mesa de jantar.

— Suba e vista qualquer coisa, se enrole em uma cortina se for necessário. — Ela dá um risinho, e me arrependo amargamente de ter mostrado o meu desconforto.

Vejo Helena subir para o quarto com passos largos, sentindo o sangue do meu pau subir pra cabeça, é melhor cortar o mal pela raiz antes que ela invente de descer nua da próxima vez.

Subo até o seu aposento, abro a porta e Helena está nua no meio do quarto, com o celular na mão e um sorriso que se esvai assim que ela me enxerga.

— Ettore! — exclama, procurando algo para se cobrir, mas mantenho meus olhos em sua face, pois, se eu desviar, será fácil esquecer por qual motivo subi. — O que você quer? — pergunta, agora abraçada à camisa branca.

— Eu sei o que está tentando fazer, e não vai funcionar, então pare com isso agora. — Ela aperta a mandíbula a ponto de se partir e joga a camisa em cima da cama, ficando apenas de calcinha.

Não era bem essa reação que eu esperava dela.

— E o que eu estou tentando fazer, Ettore? — ela balbucia o meu nome com inocência, dando um passo em minha direção, me forço a ficar parado. — O meu corpo te incomoda? — pergunta e, se meu pau tivesse uma boca, ele berrava um sonoro não.

— Helena... — digo entredentes —, não vai funcionar. — Seus olhos descem para o meu pau, duro como uma rocha, implorando para ser liberto dessa maldita calça e, com um risinho, ela cicia:

— Não é a mim que você precisa convencer. — Ah, ela vai fazer da minha vida um inferno. — Se já disse o que queria, saia, por favor — pede, me dando as costas e pegando a camisa de cima da cama.

Que caralho de dor de cabeça eu fui arranjar.

Quando chego ao andar inferior, recebo uma mensagem de Franco, ele quer conversar comigo na casa dele e pediu que eu levasse Helena, pois Fiorella quer vê-la.

Aguardo impaciente por Helena, enquanto isso, respondo algumas mensagens. Se eu não tivesse ido ao velório de Riccardo ontem à tarde, nem diria que o velho morreu, pois quase nada mudou na organização.

Comecei a trabalhar como Consigliere depois da morte do meu pai, prestei serviços a Riccardo durante nove anos, pois, no último ano, Franco já tomava decisões pela *Famiglia*.

Escuto os passos dela na escada, ela pôs a camisa novamente, mas está de sutiã e uma meia-calça preta. Nossos olhos se encontram e não há arrependimento ou vergonha em seu semblante.

— Tenho uma reunião com Franco, e Fiorella quer vê-la.

— Estou com um pouco de dor de cabeça, vou tomar um chá, diga que eu vou outro dia — sussurra, andando até a cozinha.

Assinto e não insisto, deixando a cobertura em silêncio. Quanto mais rápido Helena cair na real que não temos futuro, melhor será para nós dois. Gostaria de saber o que aconteceu com as esposas de antigamente, que abominavam os maridos a ponto de ficarem aliviadas por terem amantes.



Entro na mansão dos Fiore, e Fiorella está sentada à ilha, conversando com Lazzaro. Ela se cala quando me vê e me lança um olhar mortal, presumo que Helena já tenha relatado o inconveniente à sua amiga.

— Bom dia — saúdo por educação, e ambos me ignoram.

Caminho até o escritório de Franco e o encontro atrás da mesa, com Domenico em pé, à sua frente. Ainda não me acostumei a ver o homem sem a orelha, gostaria de entender se Franco fez o que fez com o

primo por ele ter machucado a sua esposa, ou porque já desejava isso há muito tempo e encontrou o pretexto perfeito.

— Devo dar os parabéns? — Domenico pergunta em zombaria, e dou-lhe um olhar incisivo.

— Ela já está te tirando do sério, não é? — Franco indaga com um riso, ele está adorando o meu infortúnio.

— Ah, não fodem. Por que estamos aqui? — quero saber.

— Dom tem uma baixa pra fazer, e você, uma viagem.

— Quem? E pra onde está me enviando?

— Verônica — Domenico diz, riscando o polegar pela garganta com um risinho.

— Pensei que sua esposa tivesse dado um jeito nela.

— Alguns dedos são pouco para o que Verônica fez, Fiorella podia ter perdido o nosso filho. — Aperto os lábios e concordo.

— Já pensou que Edwina pode revidar afinal, elas são bem amigas — comento.

— Dom é engenhoso, fará com que pareça acidente, e não será aqui em Manhattan, Verônica viaja para Vermont hoje à noite.

— Eu vou pra onde? — pergunto, e vejo Domenico pegar um envelope pardo na mesa e nos deixar a sós.

— Chicago. Quero que Carlo nos ajude a capturar Rocco.

— Acha que ele entregaria o filho?

— Não sei — Franco comprime os lábios —, mas acho bom ele rever as prioridades.

— Temos que tratar disso como um caso isolado, se os subchefes descobrirem que o herdeiro da Outfit estava tentando derrubar a *Famiglia*, a merda toda vai para os ares e teríamos que retaliar. Seria o fim da paz.

— Seria, contudo, Carlo tem mais a perder que nós, os homens dele também não sabem da existência de Rocco.

— Vou marcar uma reunião com ele — aviso, e Franco empurra em minha direção um envelope em cima da mesa. — O que é isso?

— A vida da Helena, pelo menos parte dela, caso queira conhecer melhor a mulher com quem está casado. Carlo me enviou assim que cedeu ela à *Famiglia*.

— Leu?

— Por cima. Mas sei de algo que não está aí. — Mexo a cabeça, mandando-o seguir em frente. — Helena estava noiva de Piero Navarro quando fugiu. — Franco dá um risinho, analisando a minha expressão, mas não demonstro surpresa, a morena foi sincera em relação ao encontro com o homem, com certeza haveria um casamento entre eles.

— Acha que Piero está disposto a se casar com ela ainda? — Franco ri.

— Você não vai desistir, não é? — pergunta.

Balanço a cabeça em resposta e puxo o envelope de cima da mesa. Saímos do escritório juntos, e Fiorella anda até o Franco, ela usa um vestido vermelho-escuro que desenha perfeitamente o volume em sua barriga. Ela para ao lado dele, que a abraça por trás e me pergunta, olhando em volta.

— Cadê sua esposa, Ettore?

— Helena estava com dor de cabeça, disse que preferia ficar e tomar um chá — explico e vejo os lábios de Fiorella se curvarem em um riso ardiloso. Se bem que qualquer sorriso que sai dessa menina é diabólico, até mesmo para suas irmãs. Sem dúvidas, ela nasceu pra Franco.

— O que foi? — pergunto, fazendo-a dar de ombros.

— Nada, só que, quando morávamos juntas e queríamos aprontar algo, era exatamente o que dizíamos ao meu pai.

— Então é melhor eu ir antes que ela coloque fogo na casa — aviso, deixando a sala a tempo de vê-la fazer uma careta.

Não sei até quando vou suportar esses tipos de situações, se eu conseguir fazer Franco mudar de ideia, nessa viagem, eu já deixo Helena em Chicago.

Helena Hathaway

Estou sentada na aconchegante cadeira do escritório de Ettore, exausta. Revirei a cobertura inteira, tentando conhecer e entender mais sobre o meu marido e por que ele parece odiar casamentos, sendo que tinha uma aliança.

As palavras de Franco ecoam em minha mente, *ela é dele agora, para sempre*. Se Franco queria me punir, está conseguindo. Agora compreendo como Fiorella se sentia no início do casamento, mas, pelo menos, Franco não a privava do seu toque. Ettore parece que me abomina.

Ele me olhou mais cedo como se quisesse me comer inteira, com certeza eu teria deixado e, de repente, me deu um banho de água fria, apagando o meu fogo. Tenho a sensação de que, se eu persistir mais um pouquinho, ele cede, mas não quero me humilhar por sexo e atenção. *Argh!* Ettore está me dando nos nervos.

Suspiro e meu telefone vibra com uma mensagem de Fiorella.

Mensagem Ella: *Ettore está indo pra casa, se estiver fazendo besteira, é hora de limpar a bagunça. Beijos.*

Rio, pego o meu telefone e saio do escritório, no caminho para o meu quarto, vejo que deixei uma das gavetas da mesa de cabeceira meio entreaberta no quarto de Ettore.

Entro no quarto com pressa e empurro a gaveta de volta ao lugar, ela não entra, está emperrada, cacete! Um calor floresce em meu corpo de repente, pergunto-me se já estava assim ou eu a deixei assim. Ajoelho-me em frente ao móvel marrom-escuro, estilo vintage, e removo a gaveta da cabeira. *Ah, Helena, sua maluca!* Penso, procurando o que pode estar emperrando, passo a mão por baixo e encontro uma espécie de envelope grudado no fundo, embaixo da gaveta.

Ergo para ter melhor visão e o papel está preso por um elástico, aperto os lábios, olhando em volta. Minha mão coça para saber o que ele esconde aqui dentro. Tenho, pelo menos, mais uns dez minutos até Ettore chegar.

Mando para o espaço o pouco da prudência que ainda resta em mim, abro o envelope e tiro de dentro duas fotos. Numa delas, Ettore está abraçado com uma garota loira, sua face está relaxada e seus lábios exibem um sorriso para a moça, a foto parece que foi tirada dentro de uma floricultura, difícil dizer, pois estão perto demais, a ponto de eu conseguir ver o meu anel de noivado no dedo dela.

Meu estômago se contrai, se eu estou com o seu anel, onde será que ela está? Viro a imagem, tem uma data gravada nela, 10/02, há dez anos, e um nome: Katherine Heily.

Enfio a foto dentro do envelope e, quando pego a outra que repousa em meu colo, percebo que não é uma foto, é um ultrassom. A culpa por estar bisbilhotando cai como uma pedra em meu âmago. Mas já que estou com a mão na merda, melhor fazer o serviço completo. Pego a foto do casal novamente e as mãos de Ettore pairam em cima da sua barriga, mas o volume não é perceptível, está disfarçado por um vestido floral. Guardo tudo apressadamente e ajeito a gaveta no lugar.

Encaro o grande anel em meu dedo e o removo, deixando na cabeceira. Não vou conseguir usá-lo, por mais que não seja um casamento de verdade, ele não pertence a mim.

Deixo o quarto de Ettore, me sentindo péssima por estar xeretando e, ao mesmo tempo, muito curiosa para entender o que aconteceu. O Consigliere tinha uma família. O que houve com ela?

Entro em meu quarto e me atiro na cama com o celular na mão. Penso em conversar com Fiorella, mas não me sinto à vontade em compartilhar a vida de Ettore e, provavelmente, ela não saberia de nada que pudesse me ajudar a preencher as lacunas. E, quem sabe, este seja o motivo pelo qual Ettore não queira assumir o casamento... Isso só vou

saber perguntando e, para isso, eu teria que contar que bisbilhotei suas coisas.

— Helena. — Tenho um sobressalto quando ouço a voz dele.

Sento-me na cama e encaro Ettore pelo vão do tecido do dossel.

— O que foi? — pergunto, sentindo o coração bater mais rápido, isso se chama culpa.

— Você está bem? — Franzo o cenho, confusa com sua pergunta.

— Ahm — emito, soando incerta.

— E você? — Deslizo para a ponta da cama para analisar suas feições, que como na maioria das vezes, está irresoluta.

Ettore assente.

— Vamos para Chicago daqui alguns dias, tenho uma reunião com Carlo. — Meus lábios se separam em surpresa e a ansiedade toma conta do meu coração.

— Vou precisar de outro vestido “*por favor, não me mate*”. — Cacete, creio que, se Carlo quiser me punir, Franco não intercederá, estou ferrada.

— Não vou deixar ninguém a machucar. — Sua voz me passa firmeza e segurança, e me pego desejando abraçá-lo, mas permaneço na cama, indiferente.



Desço para o jantar e vejo várias sacolas de lojas em cima do sofá. Margot me enxerga do outro lado da ilha e me oferece um sorriso.

— Abra, são para você — Ettore avisa atrás de mim.

— Mais roupas para um chá com a sua avó? — zombo, fazendo-o rir, mexendo a cabeça.

— Dessa vez não foi Margot quem escolheu — avisa, indicando para eu abrir a sacola.

Uau, tudo para não me ver nua! Reflito, abrindo uma embalagem, encontro algumas blusas em tons escuros, preto, cinza, bordô, olho por cima das outras sacolas e tem muita coisa nesses mesmos tons.

— Obrigada. Quem escolheu?

— Isso importa? — Pelo jeito, esta é a resposta de Ettore quando ele não quer responder alguma coisa.

— Não — respondo e ando até a mesa de jantar.

Ettore se senta à minha frente em seguida, nos encaramos brevemente em um silêncio desconfortável até Margot nos trazer o jantar, *bucatini all'amatriciana*. Comida típica italiana.

— É italiano? — pergunto.

— *Sì* — ele responde. — E você, nasceu em Chicago?

— *No, sono nato in Georgia*. — Ettore me fita surpreso. — A família Santoro não usa muito o idioma, mas achei que seria legal aprender.

— Sotaque digno de uma italiana — elogia, sorrio e começo a comer, — Então, como entrou pra família Santoro? — pergunta de uma forma indiferente, levando uma garfada de massa à boca.

— Te conto se me disser por que tinha uma aliança? — Ele olha para o meu dedo, e não a encontra.

— Onde a colocou? — pergunta, e sinto uma pontada de irritação em sua voz.

— Na cabeceira do seu quarto. — Ettore parece relaxar, momentaneamente. Ele não pergunta por que eu a tirei, tampouco parece se importar com o que eu penso.

Terminamos o jantar em uma quietude perturbadora, ele deixou a mesa primeiro e foi para o escritório. Deitei-me sem ânimo, pensei que

teríamos um jantar legal, mas, quando Ettore me perguntou como entrei para a família Santoro, eu simplesmente desejei fugir dela, cutucando a ferida dele.

CAPÍTULO 9

Ettore Reviello

Capítulo 9

Já é tarde da noite, e ainda estou no escritório do Escala, faz alguns dias que tenho evitando ficar em casa. Helena pode ser pequena e silenciosa, mas ela consegue estar presente em todo o maldito canto daquela cobertura.

Sinto que Franco está a um passo de aceitar devolvê-la, já que, se deixá-la ficar, ele não estaria punindo só a mim, mas a si mesmo. Só Deus sabe o que Helena e Fiorella tramam quando estão juntas, e quase sempre acaba em desastre.

A porta do elevador abre suavemente e Cassidy entra na minha sala com os lábios bem pintados de vermelho. Ela é dançarina da boate já faz alguns anos e, além de dançar, me presta serviço particular pelo menos uma vez na semana.

— Chefe — saúda, se aproximando da minha mesa com uma garrafa de uísque. — Peguei no bar pra você — diz docemente e se senta na borda da minha mesa, usando um vestido de látex vermelho que mal cobre seu voluptuoso corpo.

— Não me recordo de tê-la mandado subir, Cass — repreendo, pegando a garrafa da sua mão e tomando um longo gole. Cassidy me dá um risinho inocente, como se ainda pudesse haver alguma decência nela, e se vira para mim com as pernas abertas, exibindo sua boceta bem depilada.

— Você não apareceu na semana passada, pensei que não precisasse de aviso, nunca falhamos uma semana — explica e joga os cabelos pretos e bem lisos para trás do ombro, o seu pé desliza para o meio das minhas pernas, no assento da cadeira de couro, empurrando-a para trás.

Cassidy se ajoelha na minha frente e seus dedos desprendem o meu cinto como todas as semanas, não proíbo a morena de seguir em frente, já faz um tempo, e aliviar a tensão é necessário também.

Seus dedos pegam no meu pau, o liberando da cueca boxer, ele não está tão animado quanto devia, e Cass não parece se importar. Os seus lábios sugam a cabeça dele e depois desce, me engolindo inteiro, a morena bombeia com potência, e não sinto qualquer agitação.

Não é possível, inferno, o que está acontecendo comigo?

Afasto Cassidy e visto a calça com presa, enquanto a morena me encara, ajoelhada no chão sem entender nada. Me nego a associar qualquer relação da minha impotência a Helena, mesmo que seja a única justificativa para isso.

— O que foi? Não estava bom? — pergunta com uma expressão de confusão e preocupação. Cass é conhecida por fazer os melhores boquetes, se estivesse no lugar dela, também estaria preocupado.

— Não é isso — digo, a vendo se erguer do chão, pronta para me fazer mais perguntas. Sem cabeça para os dramas dela, eu deixo a sala com passos largos e entro no elevador.

Penso em ir para um clube de *stripper*, mas a decepção que tive com Cassidy foi o suficiente por hoje. Percebo que, para ter minha vida de volta, Helena tem que ir embora.



Entro na cobertura e já está quase passando da meia-noite, a TV está ligada em um canal qualquer, e *minha esposa* adormecida em um sofá à sua frente. Seus cabelos caem como uma cascata para fora do sofá, pretos, luminosos e, com certeza, cheirosos. Paro ao lado do seu corpo e deslizo a mecha que cobre sua bochecha para trás da orelha, ela não se move, apenas ressona baixinho e suavemente.

O que eu faço com você, Helena?

Inspiro, pensar em quanta merda ela já passou desde tão pequena me faz querer nada menos que ampará-la e protegê-la. No arquivo que Franco me entregou, os fatos foram descritos brevemente, mas revelaram muita coisa: sua mãe se chamava Evelyn e teve uma overdose com clonazepam quando Helena tinha

quase sete anos, o que não me impressiona, já que seu atual esposo, Declan Ross, era um médico psiquiatra.

Pensar naquele verme me faz sentir pontadas de raiva, minha vontade é de caçá-lo e estripá-lo por destruir a sua infância. Por mais que Helena não tenha sofrido danos físicos, as imagens anexadas no arquivo me fazem querer vomitar. Fotos nua e seminua, ela devia ter uns seis anos. Em todas, o seu cabelo estava enfeitado com duas tranças e laços vermelhos da cor do batom que cobria seus pequenos lábios, o seu olhar era dócil e ingênuo.

Carlo pode ser o desgraçado que causava uma puta dor de cabeça à *Famiglia*, mas ele tem coração, Helena é a prova disso. Olho para ela e a puxo para os meus braços, fico impressionado por ser tão leve, sua cabeça escorrega para a curva do meu pescoço e, como previa, seus cabelos cheiram a jasmim.

Se Declan não tivesse virado comida de cachorro nas mãos da Outfit, teria o prazer de caçá-lo e acabar com sua vida miserável.

Carrego-a para o seu quarto, desejando o que quer que ela esteja fazendo comigo, pare. Eu não devia me sentir culpado por Cassidy chupar o meu pau, esse casamento é uma mentira e, ainda que eu esteja tentando enfiar isso na minha cabeça, olhar para *minha esposa* adormecida me faz ter nojo de mim mesmo.

Preciso me afastar dela e mudar o pensamento, ou nunca mais vou transar na vida.

Solto-a em sua cama e seus olhos azuis se abrem e se iluminam quando me enxergam. Helena inspira baixinho e volta a fechá-los, permanecendo em um silêncio profundo.

CAPÍTULO 10



Helena Revuelto

Capítulo 10

Desço para o primeiro piso, me sentindo letárgica, já faz semanas que estou vivendo nessa cobertura, mas ainda não consigo sentir que é o meu lar. Se Ettore fosse mais receptivo, talvez isso me ajudasse a me sentir mais confortável. Sinto que ele não me quer aqui, eu mesma não quero estar aqui sendo rejeitada descaradamente.

Fugir. Não posso negar que isso já me veio à mente algumas vezes.

Mas para onde?

Outro país, com certeza.

Com que dinheiro?

Se ainda tivesse aliança, poderia vendê-la.

Queria entendê-lo, desde que me carregou até o meu quarto há alguns dias, ele tem ficado mais distante, fugindo de mim como o diabo foge da cruz.

Entro na cozinha e fico surpresa em vê-lo sentado à mesa, lendo o jornal. Seus olhos me encaram brevemente, sobre o limiar da folha, e ele me ignora notoriamente.

Honestamente, esse clima está começando a me irritar. Respiro fundo, acalmando o coração, meu desejo é de dar um chlique aqui, no meio da cozinha, mas não tenho o mesmo poder que Fiorella tem com Franco. Ela é filha de um Capo, e ele não pode matá-la por causa do acordo entre as máfias.

E o que eu tenho? Nada.

Acredito que a única coisa que me impede de estar morta nesse momento é Fiorella. Passei a tarde com ela, fomos ao obstetra, e Ela parece verdadeiramente feliz com a gravidez o bebê, já está com quase cinco meses. Ela disse que se eu tivesse um filho, pelo menos teria algo para amar e seria amada de volta.

Só que, depois de ver aquela foto e a ecografia da Katherine, algo me diz que Ettore não deseja ter um filho. E eu não quero ter um para suprir minha infelicidade com ele, não parece justo.

— Quero fazer algo para me ocupar durante o dia — digo, Ettore fecha o jornal, me dando toda a sua atenção.

— O que tem em mente?

— Pensei em trabalhar — minto, eu não tinha ideia de que a conversa seguiria em frente.

— Sabe que isso não é possível — afirma e volta a pegar o jornal.

— Se você quiser, é — rebato e me ajeito na cadeira, enquanto Margot solta nosso jantar à mesa.

— O que fazia na casa dos Santoro?

— Durante a manhã, Dona me ensinava deveres domésticos, e à tarde frequentava academia. Eu estou enlouquecendo dentro dessa cobertura, Ettore — falo com uma expressão lamentosa.

— Arrume outra atividade, você não vai trabalhar — avisa, como se tivesse colocado um ponto-final na conversa.

A campainha toca, me fazendo segurar a língua para não retrucar, este é o primeiro diálogo que temos em dias, e volto começo a comer minha sopa de legumes.

Margot se aproxima com uma pequena caixa vermelha e um laço preto à sua volta. Ela solta na mesa com um sorriso e, entre o laço, tem um pequeno cartão.

É da Fiorella, pego e leio, sentindo os olhos de Ettore em mim.

É pequeno, mas faz um estrago. — Franco os olhos, confusa.

— Quem enviou? — pergunta, e gosto de ver que se importa.

— Quem você acha? — falo sem pensar, recebendo um olhar duro dele, evito revirar os olhos e lhe estendo o bilhete.

Pego o embrulho que quase cabe dentro da palma da minha mão e abro, afoita para saber o que fará um estrago. Nem lembro da última vez que recebi um presente, acho que foi de Natal da família Santoro.

Pego o pequeno presente sem ter ideia do que é. Sua aparência me lembra vagamente a uma bala de revólver e tem o comprimento do meu dedo indicador, talvez maior, sua cor é rosa forte.

— Que diabos é isso? — pergunto a Ettore, segurando o objeto pela ponta.

Ettore cerra o maxilar com força, deixando as suas maçãs do rosto rígidas enquanto encara o meu presente com as narinas quase dilatadas.

— Um vibrador de clitóris — esclarece e o pouco da sopa que comi vem parar na minha garganta com potência. Solto o objeto de volta da caixinha sem conseguir encarar o homem e me sinto queimar viva.

Meu telefone toca e não preciso ver a tela para saber quem é.

— Com licença — levanto-me rápido e balbucio, completamente sem jeito, pego a caixinha vermelha e atendo o telefone longe dos ouvidos do Ettore.

— *E aí, já abriu meu presente?* — Ella pergunta e ouço sua risada ruidosa.

— Uhum e, na inocência, perguntei ao Ettore que diabos é isso.

— *Ai... meu... Deus!* — Ela explode em uma risada.

— Não tem graça, Fiorella, achei que fosse queimar de tão quente que fiquei.

— Eu liguei exatamente para explicar o que era, não imaginei... — ela ri alto —, o que ele disse?

— O que você acha que ele disse?! Eu deixei a mesa sem conseguir olhar para ele.

— Relaxa! Ontem você falou que nunca mais ia transar na vida, eu só quis ajudar.

— Quanta bondade — escarneço, fazendo-a rir, mexo a cabeça em negação e encerro a chamada.

Encaro o presente dentro da caixinha e tento lembrar a última vez que me dei prazer, não tenho ideia. Com o Klaus, nunca passamos dos

beijos, se eu soubesse que haveria uma chance de nunca mais transar na vida, teria me entregado ao motoqueiro de todas as maneiras.

Subo para o quarto sem conseguir olhar em direção à cozinha. Sento-me na ponta da cama e pego o vibrador, noto que tem um discreto botão na ponta dele com várias numerações ao longo dele. Clico e começa uma suave vibração.

Cristo! Só a Fiorella para me dar isso.



Passou da meia-noite e ainda não consegui dormir, estou rolando na cama, com fome e insatisfeita com a situação da minha vida. Já me encontrei em situações piores com certeza, mas será que sempre tem que ser ruim?

Viro para o lado e rio quando vejo o minivibrador reluzir no cômodo, ele é fluorescente.

Minha barriga ronca de fome e, em vez de levantar e atacar a geladeira, eu me estico até o objeto. Comprimo os lábios, o analisando, mexo a cabeça levemente, mas a necessidade e o desejo falam mais alto. Confiro se a porta está fechada e apenas a luz do corredor está acesa, acho que Ettore ainda não foi dormir. Tranco a porta do quarto para evitar embaraços e deixo a luz ambiente.

Deito-me na cama de barriga para cima e subo a camisola até à cintura, fecho os olhos e procuro pensar em qualquer homem que não seja Ettore, melhor não alimentar essa ilusão. Piero passa por meus

pensamentos, mas me prendo ao Lazzaro, ele dominava minha mente quando vivia na mansão.

Fazer isso agora parece errado por estar casada com outro homem, mas não vou me prender a isso, o único culpado é o Ettore.

Visualizo o corpo escultural do segurança, os lábios macios e grossos beijando minha clavícula. Lazzaro desce, distribuindo beijos até a altura dos meus seios, imagino o segurança abocanhando meu mamilo com força enquanto deslizo um dedo para a minha fenda, bufo, não estou nem um pouco excitada.

Ettore estragou minhas fantasias. Depois que transamos, nunca mais consegui me imaginar com outro homem, era tão mais fácil idealizar com ele, de perceber as sensações que meu corpo sentia apenas por me lembrar de como suas mãos grandes e firmes me apertaram nos lugares certos, pensar em seus gemidos profundos em meu ouvido e no tom da sua voz enquanto dizia que eu estava apertada e molhada para ele, sinto um calor imensurável com a lembrança.

Meus dedos encontram minha abertura novamente e estou molhada.

Inferno! Eu me odeio por desejá-lo tanto.

Meus dedos sobem molhados e círculo com o indicador lentamente no meu pequeno nervo, o suficiente para me levar um espasmo à perna. Ofego baixinho, já faz tanto tempo. Pego o meu presente, deslizo entre minhas dobras úmidas e aciono-o contra o meu clitóris.

Mordo os lábios, sufocando um gemido de deleite ao sentir a primeira vibração gostosa pra caralho, que envia uma onda de prazer para o meu corpo. A outra mão sobe e livra meus seios da camisola, belisco meu mamilo, deixando-o duro.

Minha fenda começa a pulsar, esfomeada, eu daria tudo para tê-lo dentro de mim agora. Aumento a velocidade e não consigo reprimir meus gemidos. Viro-me de bunda para cima e tento sufocá-los contra o amontoado de travesseiros, deslizo dois dedos para dentro de mim, a

sensação de insuficiência me deixa irritada, coloco a velocidade no máximo e encontro minha libertação sem reprimir os gemidos.

Ajeito-me de barriga para cima, me sentindo parcialmente saciada e muito suja. Viro-me para soltar o brinquedinho no cômodo e posso jurar que vi uma sombra na porta, mas pode ser também minha visão, pois sempre fico com as vistas embaçadas.

Lavo-me rapidamente na pia do banheiro e deixo o quarto vestindo apenas a camisola de tule e renda preta, sentindo a barriga roncar de fome. Passo pelo quarto de Ettore e a porta está fechada, acredito que já esteja dormindo, então, quando chego aos primeiros degraus, o encontro sentado no sofá com uma garrafa de uísque vazia em cima da mesa de centro e um copo cheio até a extremidade.

Desço o restante das escadas, chamando sua atenção, Ettore dá uma olhada carnal em meu corpo, e não preciso chegar perto dele para saber que bebeu além da conta.

— O que eu falei sobre andar dessa forma pela casa? — diz em um tom grave, carregado de irritação, quando estou passando atrás do seu assento.

— É quase duas da madrugada, Ettore, não planejava encontrá-lo aqui e, se não gosta, não olha — respondo, farta, e não fico para olhar sua carranca feia, adentro a cozinha, sentindo um forte embrulho no estômago.

Argh, Inferno! Perdi a fome.

Viro-me para voltar ao quarto e Ettore está atrás de mim, tão perto que sua sombra me engole e seu cheiro invade meu espaço.

— Não vou tolerar sua malcriação, Helena — assobia entre os dentes e o bafo de álcool é perceptível.

— E fará o que, Ettore, vai me colocar de castigo? Esconder os meus brinquedos? — escarneço, desafiando o seu bom senso.

Ettore agarra o contorno do meu queixo com força e me empurra contra a porta da geladeira, pressionando minha cabeça nela. Deslizo as

palmas da minha mão para seu tórax exposto pela camisa desabotoada e tento inutilmente empurrá-lo para longe de mim.

— Eu ainda não entendo o que me impede de matar você — diz baixinho e me olha em incompreensão, sem filtrar suas emoções, o seu aperto em meu queixo suaviza, enquanto seus olhos me encaram límpidos e profundos.

— Ettore... — balbucio, e não compreendo meu reflexo, mas levo uma mão para sua face, ele expira lentamente e relaxa contra minha palma, de repente Ettore fecha os dedos em volta do meu pulso e a retira com um gesto indelicado.

— Não me toque — adverte e se afasta me dando as costas. — Arrume suas malas, viajamos para Chicago em dois dias — avisa por cima do ombro e me abandona na cozinha, deixando-me sem entender nada do que aconteceu.

Sua aversão me deixa com nojo de mim mesma por ser tão carente e suscetível. Ettore está incinerando qualquer esperança que eu tinha de que esse casamento poderia funcionar algum dia.

CAPÍTULO 11

Helena Revicello

Capítulo 11

— Não acredito que você vai para Chicago sem mim — Fiorella resmunga, atirada no sofá.

— O que você acha que Ettore quer com o seu pai? — sondo, às vezes tenho a impressão de que essa viagem será para me devolver a Carlo, principalmente depois da forma que Ettore me mandou arrumar as malas.

— Não sei, mas sinto que tem algo a ver com Rocco — ela sussurra, visto que os homens estão no escritório —, Franco não vai sossegar até pegá-lo.

— Não devia se preocupar com isso — aviso, alisando sua formosa barriguinha, recebendo um sorriso dela.

— Está certa. Como você e Ettore estão? — Dou de ombros, me atirando para trás no sofá.

— Quase não o vejo, quase não conversamos... — Não conto a Ella sobre a aliança, não quero ficar pensando mais nisso e muito menos sobre duas noites atrás, o que ele me disse reteve meus pensamentos.

— Não tentou seduzi-lo novamente? — Rio, mexendo a cabeça em negação. Há um limite para aceitar a rejeição de Ettore, e estou chegando nele.

— Cacete, preciso ir ao banheiro pela milionésima vez! — resmunga, pulando do sofá.

Rio, vendo Fiorella correr para o andar de cima, ando até a cozinha, me sirvo com um copo de suco da geladeira e, quando me sento à ilha, Lazzaro aparece na entrada da cozinha, ele me enxerga e dá uma sutil travada no lugar, se eu não tivesse o visto, tenho certeza de que o segurança teria voltado.

— Helena — balbucia em comprimento.

— Lazzaro — digo baixinho.

Ele pega um copo de água e toma em um único gole. Acredito que a única pessoa que me quer aqui em Nova Iorque seja Fiorella. Não seria tão ruim se Franco quisesse me devolver a Carlo, independente do castigo que ele me desse, sem dúvidas é melhor que viver naquela casa com Ettore.

— Franco o puniu por ter me deixado fugir? — pergunto quando está deixando a cozinha.

— Por que quer saber, Helena? — diz, sem demonstrar emoção alguma.

— Me sentiria culpada se tivesse acontecido — explico, o segurança olha por cima da minha cabeça, depois seus olhos encontram os meus brevemente.

— Não — menciona e me deixa só.

Suspiro baixinho e sinto uma mão quente e macia deslizar pelo decote do vestido em minhas costas, me viro e fico surpresa por ser Ettore.

— Sobre o que conversavam? — pergunta com seus olhos sombrios colados em mim. Desço da banquetta, ficando com os lábios na altura do seu pescoço por causa dos saltos e, ainda assim, preciso me inclinar para encará-lo.

— Sobre o clima, parece que tem uma tempestade chegando a Chicago — respondo sem muita vontade e recebo um olhar desconfiado dele.

— Fiorella contou que gostava do segurança, é verdade? — Preciso cerrar o maxilar com força para o meu queixo não cair, não acredito que ela mencionou isso com Ettore.

Nunca gostei do Lazzaro. Ele é uma delícia, grandão, braços fortes, tudo naquele homem é proporcional..., mas nunca tive sentimento por ele, eu tinha era um fogo incontrolável.

— Sim — respondo, e não entendo por que fiz isso, mas agora é tarde para voltar atrás, e suponho que ele também não acreditaria.

Ettore me analisa por uma batida de coração e, sem mostrar um pingo de importância, ele me estende o sobretudo e avisa:

— Vamos, o jato está nos esperando.

Quero bater minha cabeça no mármore da ilha por sequer acreditar que talvez ele se importasse, porém, sorrio e lhe dou um aceno.



O carro atravessa os portões da minha antiga casa e a ansiedade e o nervosismo me dominam plenamente. Ettore se vira para mim, analisando minha expressão, devo estar muito apavorada, pois o homem pega a minha mão do meu colo e aperta gentilmente.

— Ele não pode machucá-la, e nem se pudesse, eu permitiria — expressa com gentileza.

Ettore desce do carro, ele veste um terno azul-marinho com risca de giz branco, muito requintado, e estende a mão para mim. Ele está sendo atencioso e gentil apenas para manter as aparências, gostaria que, por um momento, fosse real, mas não vou me prender a esse sentimento, pelo menos não agora, quero matar a saudade de Sienna e Dona.

Ambas estão em frente à casa, quero correr para abraçá-las, mas me detenho ao lado de Ettore quando enxergo Piero surgir atrás das meninas, sua expressão de severidade não combina com ele. Desvio os olhos do homem quando percebo os de Ettore em mim, meu marido desliza a mão para o meio da minha coluna e me guia em direção à casa.

Atrás de nós, está Renzo e mais dois soldados da *Famiglia* nos seguindo. Subo os degraus e Sienna me abraça apertado, depois Donna, ela está com uma barriguinha tão redondinha quanto à de Fiorella.

— Sentimos a sua falta, Helena — Dona diz e dá um passo para o lado, e Piero surge na minha frente.

Seus olhos prendem os meus com força, ele me estende a mão, e não tenho outra escolha a não se estendê-la. Seus dedos agarram os meus gentilmente e os levam até os seus lábios, depois ele passa o polegar por cima do meu dedo, e onde devia ter uma aliança, não há nada, então seus olhos encontram os meus novamente e vejo várias perguntas cruzar sua face.

— É bom vê-la novamente, senhora Reviello — diz meu sobrenome com acidez.

— Piero — balbucio e de repente sinto a presença de Ettore às minhas costas, seus dedos se fecham em torno do meu ombro, enquanto ele desliza para o meu lado e cumprimenta Piero com um aperto de mão. Ergo meu olhar até a sua face e sua expressão é implacável, ainda encarando o homem à nossa frente.

— Onde está Carlo? — pergunta com uma voz calma e equilibrada.

Piero não responde, apenas acena para dentro da casa, e nos dá as costas. Ettore se vira para mim, e aquela máscara impenetrável se abrandava.

— Não faça nenhuma besteira, Helena — sussurra e, por alguma razão desconhecida, eu temo suas palavras.

Dou-lhe um aceno de cabeça e o vejo seguir Piero para dentro da mansão, dois dos nossos homens o acompanham, mas Renzo permanece com olhos colados em mim, e presumo que não seja para minha segurança, e, sim, para o caso de eu tentar fazer uma besteira.

— Vamos entrar, Maitê fez o seu bolo favorito — Sienna avisa e me puxa para dentro da mansão.

Entro absorvendo onde foi meu lar por seis anos e posso garantir que foram os melhores da minha vida, uma família um tanto disfuncional, mas com certeza melhor do que a que eu tinha antes de Red Hill.

As meninas me levam em uma área reservada com um espaço para chá e leitura, com poltronas e sofás confortáveis, e uma mesinha redonda de vidro. Nos sentamos, e Sienna, sempre doce e ingênua, me encara com expectativa de que eu traga alguma notícia boa, mas nada mudou, Ettore permanece distante, e eu escolhi lhe dar espaço.

— Carlo está feliz com minha visita?

— Ele não está com raiva de você, Helena — Dona fala, apertando meu braço carinhosamente em cima da mesa, — E gostou de saber que se casou com o Consigliere, é um cargo de grande importância, e estará perto da Fiorella.

Dou-lhe um aceno e um pequeno sorriso.

— E os meus pertences, jogaram fora?

— Está tudo do jeito que você deixou, podemos embalar se quiser levar para Nova Iorque — Sienna oferece.

— Eu adoraria ter minhas coisas de volta. — Sorrio, aliviada, e pergunto, querendo tirar o foco de mim, — Já pediu um marido ao seu pai?

— Acho mais fácil papai me dar uma arma do que um marido. — Dona ri descaradamente. — Às vezes sinto que a vida está passando, e eu estou ficando para trás. Ela está casada e grávida, Dona grávida, até você está casada. — A encaro, perplexa, e Sienna revira os olhos sutilmente. — Você não parecia muito propensa a aceitar um casamento, Hell.

— E não estava, mas, para ser amada nessa vida, não há outra forma, e olha onde me encontro agora, presa em um casamento sem amor. — Sorrio.

— Ele vai te amar, você é a mulher mais persistente que conheço. — Si, menciona com um riso.

— Isso é muito reconfortante — escarneço.



Subimos para o meu quarto, após comermos o delicioso bolo que Maitê fez para mim. E, com ajuda de Sienna, comecei a guardar as minhas coisas em uma mala, além das roupas, eu não tenho quase nada, alguns quadros com fotos minhas e das meninas, joias, e maioria foi dada por Fiorella e Sienna. O meu carro, que deve ter virado abrigo para um sem-teto a essa altura. Pronto, me bateu a melancolia agora.

— Vou sentir falta daqui — digo na sacada, olhando o crepúsculo.

— Se tivesse uma forma de você voltar...

— Eu voltava, Si.

— Ettore é tão ruim? — Ela pega em minha mão e procura minha aliança. — Pensei que ele tivesse te dado um anel pelo menos. — Sorrio.

— Ele deu — respondo, olhando à minha volta, sentindo que eu preciso desabafar —, a aliança que Ettore me deu pertencia à outra mulher, eu futriquei nas coisas dele. — Reviro os olhos, que arrependimento.

— Quem é ela?

— Não sei — sussurro. — Ela se chama Katherine e estava grávida.

Os lábios de Sienna se separam.

— Já pensou que seja por esse motivo que ele não queira assumir o casamento?

Assinto.

— E justamente por isso estou me controlando, Si, só não sei até quando vou aguentar ser ignorada por ele.

— Fiorella sabe? Ela pode investigar com Franco sobre o passado do Consigliere.

— Não sabe.

— Veja, Hell, ainda é recente, ele pode mudar de ideia.

Encolho os ombros sem argumentos, Sienna está certa, estamos casados há menos de um mês, quem sabe eu esteja fazendo tempestade em copo d'água, pois Ettore não precisou de muito para me levar pra cama naquele quarto de hotel, eu só preciso saber o que o fez mudar de ideia aquela noite.

Peço ao Renzo que leve minhas malas para o carro, ele não gosta muito da minha ordem, mas obedece calado. Desço junto, mas o aguardo na sala de chá, enquanto Sienna foi buscar minha jaqueta de couro favorita que ela havia pegado emprestado para sempre, penso sorrindo. Viro-me quando ouço um ruído com a garganta e me deparo com Piero na entrada da porta. Ele adentra mais a sala e fica tão perto que sou capaz de sentir o seu cheiro.

— Está me devendo um jantar — cicia com doçura.

— Gosto do seu senso de humor, Piero.

— Lembra quando eu disse, *quanto mais difícil melhor?* Você levou ao pé da letra não foi?

— Eu não devia ter fugido — confesso.

— Ele não a faz feliz? — pergunta, levando o polegar até minha face, devia me esquivar do seu toque, mas não o faço.

— E qual casamento de mentira é feliz?

— O nosso poderia ter sido. — As palavras de Piero ecoam dentro de mim, me bagunçando inteira.

— O quê? — pergunto em incompreensão, me afastando do seu toque.

— Você era minha, Helena. — Meus lábios se separam e não tenho tempo de fechá-los quando vejo Ettore atrás do homem.

— Era. — A voz do Consigliere me atravessa como uma labareda me queimando. — Não dirija mais nenhuma palavra a minha esposa, não toque ou olhe para ela, Piero. Helena pertence a mim agora, espero não precisar lembrá-lo novamente — profere em um tom que poderia derrubar a casa com tamanha intensidade.

Os dois homens se encaram e a tensão flui pela sala, me vejo incapacitada de dizer alguma coisa ainda, assimilando o que acabará de acontecer.

Inferno! Eu sabia que aquele encontro não era à toa, e Ettore está furioso, por mim, me agarro isso como uma vitória.

— Vamos, Helena. — A voz que ele dirige a mim, consegue ser quase tão implacável quanto à que ele usou com Piero. Ando em sua direção com passos incertos, ele parece furioso comigo também.

Passo na frente de Ettore e desço até a sala principal, com o coração acelerado, Carlo está parado lá, conversando com Romeo, ambos os homens me fitam com uma expressão ilegível.

O calor em meu corpo multiplicou, me fazendo suar, Ettore desce a mão pela minha coluna, me obrigando a seguir em frente. Forço um sorriso a Carlo enquanto aqueles olhos que um dia já me encararam acolhedores não demonstram emoção alguma.

— Senhores — saúdo, mas não me aproximo.

— Senhora Reviello. — Carlo me oferece um sorriso que me tira a tensão dos ombros prontamente.

Já estava crescida de mais para chamá-la de pai, mas ele foi o mais próximo de um que eu já tive, já que o meu de sangue, eu nunca conheci, e Declan, aquilo lá era um monstro em forma de homem.

— Creio que não conseguiram voar hoje, por causa da tempestade, os voos estão sendo adiados — Carlo avisa, apontando para o noticiário atrás de mim.

Escuto Ettore exalar baixinho às minhas costas.

— Vamos passar a noite em um hotel — anuncia.

Nós despedimos de todos na entrada da casa e, no fim, eu resolvo dar a jaqueta Sienna, a deixa mais despojada que eu, e ela precisa agregar roupas que a valorizam e parar de usar tantos vestidos de princesa, visto que, por si só, ela já parece uma.



Adentro a suíte do hotel primeiro que Ettore, meus olhos varrem o quarto e vejo apenas uma espaçosa cama. Será hoje, depois de todos esses dias, que dividirei a cama com o meu marido?

Meu coração rompe frenético, mesmo que ele tenha me ignorado notoriamente nos últimos dias. Não compreendo se está me punindo porque me viu com Piero ou só está me evitando como fez nos outros dias.

Solto meu casaco na escora de um dos sofás e ando até a varanda, está ventando pra caralho. Olho por cima do ombro quando ouço um barulho de porta batendo, e Ettore já está no quarto.

Espero um momento e entro, recebendo toda a sua atenção, seus olhos me encaram, penso que ele vai falar alguma coisa referente a Piero, mas ele desvia de forma indiferente, fazendo o meu sangue inflar. Me sento na beira da cama e, enquanto vejo Ettore tirar o paletó, pergunto sem demonstrar importância.

— Vai se deitar comigo? — Seus olhos encontram os meus e posso sentir a indecisão em seu corpo.

— Não, eu durmo no sofá. — Minha face queima, como se eu tivesse sido estapeada, fico de pé de repente, sentindo-me enfurecida e

incapaz de me controlar.

— Por que falou com Piero daquela forma, se despreza esse casamento?

Seus olhos verdes e sombrios examinam cada parte do meu rosto e sua expressão, como sempre, me deixa às cegas, sem saber o que esperar.

— Ele não estava sendo só desrespeitoso comigo, como com o resto da *Famiglia*.

Argh. Desejo revirar os olhos fortemente. Ettore não se importa comigo, aquele chique foi apenas pelo seu ego inflado e porque ninguém deve tocar nas garotas da *Famiglia* sem permissão, nunca me senti tão idiota e depreciada na vida.

— Me devolva a Outfit — exclamo e enrijeço quando vejo o olhar tempestuoso em seu rosto.

— Quer voltar para o seu antigo noivo? — pergunta em meio a uma risada. — Deixa-o saber que deitou e rolou com um motoqueiro por semanas e veremos se ele vai te querer de volta — diz com arrogância e me dá as costas.

O meu peito aperta, e eu luto contra uma emoção estranha que as suas palavras me causaram. Bloqueando os pensamentos desconcertantes, agarro o meu sapato e arremesso contra as costas de Ettore, sem ponderação, dominada por irreflexão.

Ettore estagnou no lugar, fazendo-me ficar com o coração na mão, ele se vira para mim e seu olhar em meu rosto me pulveriza. Ettore dá um passo à frente e mantenho-me firme onde estou.

— Eu não deitei e rolei com ninguém além de você! — vocifero, farta desse comportamento dele comigo.

O Consigliere franze os olhos e dúvida cintila em sua face.

— Acha que Piero acreditaria? — sonda, dando um passo em minha direção.

— Acredito que Piero me deseja tanto a ponto de ignorar qualquer coisa, até mesmo você e a *Famiglia* — cuspo as palavras sem medir tamanha consequência.

O olhar que ele me dá faz o medo se instalar na boca do meu estômago. Aquela máscara de perfeição que ele usa corriqueiramente se dissipa, e seus olhos brilham de escuridão e fúria quando segura em meus braços e me empurra com força contra a parede, arrancando-me o ar dos pulmões e fazendo um gemido passar por meus lábios.

Meu coração acelera, percebo que tirei o monstro da jaula e não tenho ideia de como domá-lo.

CAPÍTULO 12

Ettore Reviello

Capítulo 12

Sinto o coração dela batendo freneticamente grudado ao meu corpo. Helena está sem reação, colada entre mim e a parede, e seus olhos arregalados ainda me encaram incisivos. Ela levou a minha paciência ao limite, sinto a raiva cair como pedaço de chumbo em meu estômago.

— Pare de me provocar, eu já te disse que não vai funcionar — assobio entre os dentes e recebo um olhar eviscerado dela.

— Faça-me sua, Ettore, ou eu deixarei outro fazer — declara com clareza e suas palavras remetem a uma promessa.

— Nenhum homem te tocará, disso você pode ter certeza. — Ela tenta me empurrar enraivecida, mas a prendo pelos pulsos contra a parede. — Não estou acostumado com rebeldia, você se controla, ou te darei umas palmadas. — Helena se contém com um olhar desafiador e um sorriso insolente que fazem minhas veias se encherem de cólera a ponto de me sufocar.

Meus dedos se fecham em torno do seu braço e a arrasto até a extremidade da cama, ela tenta refrear os pés no chão e se livrar da minha mão, suas unhas rasgam meu braço, tentando fugir do meu aperto.

— Ettore, me larga! — grunhe e aquele sorriso atrevido foi embora, fazendo o meu abrir. — Se você quer obediência, terá que me quebrar ao meio para isso — grita quando me sento na ponta da cama e puxo-a com força para o meu colo, ela cai nas minhas pernas com a bunda para cima. *Perfeito.*

— Eu te avisei, Helena — assobio entre os dentes, colocando o peso do meu braço em suas costas para imobilizá-la, ela é mais forte do que eu imaginava.

— Seu infame, desgraçado... — cospe uma sequência de insultos, e sinto vontade de rir, mas passa assim que ergo a saia do seu vestido,

exibindo um bumbum perfeitamente redondinho, com a renda da calcinha vermelha enfiada entre as nádegas.

De repente, não tenho mais só vontade de espalmá-la, tenho desejo de marcá-la. Meus dedos deslizam para a maciez da sua pele, e Helena se aquieta, sinto o coração da garota bater nas costas enquanto aperto sua bunda, e tenho que controlar a vontade de mordê-la.

— Vai me obedecer, Helena?

— Vai se foder, Ettore... — Acerto uma palmada na nádega direita, e Helena geme alto, fazendo algo maior despertar dentro de mim, e a marca dos meus dedos em sua pele clara me dá uma visão gloriosa, deixando-me mais duro que uma rocha.

Acaricio seu traseiro, acalmando a possível ardência que causei nele.

— Vamos, Helena, eu preciso ouvir da sua boca. Vai obedecer?

— Você bate como uma princesa — vocifera, me arrancando um riso, garota audaciosa, comprimo os lábios e não meço a força quando lhe dou outra palmada, fazendo o meu comprimento se agitar dentro da calça.

Helena dá um gemido gutural, seguido de um sorriso, ela me olha por cima do ombro, entre os fios dos cabelos. Não é possível que ela esteja se divertindo com isso.

— Se está tentando me castigar, Ettore, está indo pelo caminho errado — sibila cada palavra carregada de luxúria, e a vejo inclinar os quadris para o alto de uma forma que me deixa enxergar suas aberturas cobertas pelo fino tecido vermelho.

Desgraçada.

— Vai me obedecer, Helena? — pergunto com o ar preso em meus pulmões.

— De forma alguma, Ettore. — Sua voz doce me leva vibrações em lugares inimagináveis, agarro seu traseiro com as duas mãos, sinto o seu cheiro e lhe dou uma mordida na bochecha esquerda.

O grito dela estronda no meu interior, me fazendo acender como a porra de uma árvore de Natal. Helena venceu essa batalha, e eu odeio admitir isso.

Empurro-a para cima da cama e me enfio entre suas pernas antes que conseguisse se virar de barriga para cima. Puxo seu quadril para o alto e a ouço gemer. Admiro seu bumbum com as marcas da minha mão enquanto tiro minha camisa e libero meu pau que briga contra o tecido da calça.

— Sua última chance, Helena, senão aqueles tapinhas serão cosquinha perto do que eu pretendo fazer com você — aviso, enterrando meus dedos no fino e delicado tecido da sua calcinha e a arranco num puxão firme.

Ela geme, e o som me excita pra caralho.

— E se eu quiser arriscar? — questiona, fazendo um riso surgir em meus lábios, ela acha que dá conta do recado, penso, deslizando dois dedos por sua boceta bem molhada e subo lubrificando e massageando seu buraquinho, ela contrai o bumbum, ficando inteiramente tensa.

— Tem certeza de que deseja arriscar? — Meu pau ocupa o lugar do meu dedo, ele pulsa de desejo, mas não forço a entrada, isso a dilaceraria.

— Eu confio em você, Ettore — diz e não há som de dúvida em sua voz. Desejava ter forças para ultrapassar essa barreira e meter fundo, mas isso a machucaria.

Covarde.

Afasto-me e observo-a toda aberta para mim, sinto o cheiro da sua boceta em meus dedos e fico ainda mais duro. Preciso possuí-la da mesma forma que me possuiu desde o dia que se insinuou para mim no café da manhã, usando apenas aquela camisa branca.

Agarro seu quadril com as duas mãos e me enterro na sua boceta quente, molhada e muito apertada num golpe duro. Eu jamais quis tão furiosamente foder uma mulher como quero com ela.

Gememos em uníssono.

— Caralho! Como pode ser tão gostosa?

O aperto dela em meu pau é melhor do que a primeira vez, pois agora não há limites até onde eu possa ir, e o meu desejo é atravessá-la.

Helena empina a bunda e se move de encontro às minhas estocadas, seus gemidos e murmúrios se tornam o som mais satisfatório que já ouvi na vida. Seguro em ambos os lados do decote do seu vestido e o rasgo num puxão firme, livrando-a da peça.

Quero ver o seu corpo, principalmente senti-lo contra minha pele.

Sem sair de dentro dela, arrasto-a para fora da cama, seus pés pisam nos meus, suas costas colam em meu peito mais quente que o próprio inferno, sua cabeça desliza para a curva do meu pescoço, e o seu cheiro me faz enrijecer fortemente dentro dela.

— Está satisfeita agora? Conseguiu o que queria? — pergunto em seu ouvido, beliscando seu mamilo com força.

Ela geme, e a sinto pulsar com força.

— Ainda não... — diz num murmúrio e tenta se mover, mas a seguro com força contra meu corpo e torço o outro mamilo, ela dá um gritinho que me deixa arrepiado.

Meus dedos tracejam até o seu sexo, minha palma desliza suavemente sobre ele, Helena solta um gemido de insatisfação, pressionando sua cabeça com mais força contra meu pescoço, as paredes da sua vagina me apertam com vigor.

— Ettore, por favor, pare com isso.

— Você merece isso — digo, negando o que ela tanto quer, mesmo que isso esteja me consumindo também.

Já faz um mês que não transo, antigamente os boquetes da Cassidy me acalmavam por um tempo, até eu encontrar uma mulher limpa e adequada para suprir as minhas necessidades.

Agora eu tenho uma esposa que quer me dar tudo, e eu simplesmente não posso aceitar, pelo menos não da forma que ela quer.

Inferno.

As paredes que ergui para me proteger, Helena está derrubando uma a uma. Estou entrando em um caminho perigoso, e não sei como faço para voltar.

Deslizo minha mão por sua barriga chapada e agarro seu seio com força, a outra mão se fecha em torno do seu delicado pescoço. Sinto seus batimentos acelerados, meus dedos o apertam com mais força, matá-la cruza meus pensamentos, seria tão mais fácil se ela fosse embora e não embaraçasse toda a minha fodida vida.

— Eu vou obedecê-lo, Ettore — sussurra, um sorriso se abre no canto dos meus lábios.

— Não minta para mim, Helena — digo, soltando seu pescoço e tocando seu clitóris, ela tenta mexer o quadril contra meus dedos, mas a impeço.

— Eu prometo — geme quando pressiono seu nervo com mais força e me movo dentro dela.

Desgraçada, está ainda mais molhada que antes, como eu não queria desejá-la tanto.

— Se não cumprir, Helena, nunca mais a deixarei gozar na vida — ela balbucia algo indistinguível para os meus ouvidos.

Chupo o lóbulo da sua orelha e o prendo entre os dentes. Eu estou prestes a explodir, não devia ter espero tanto. Esvazio a mente e me concentro apenas nos seus gemidos abafados enquanto círculo o indicador em seu clitóris, Helena enrijece e se contorce nos meus braços, sinto-a quase chegar ao limite. Ela separa as pernas para eu ir mais fundo e desliza os braços para trás do meu pescoço, enquanto me perco cada vez mais dentro dela.

— Está sentindo isso? — sussurro em seu ouvido, aumentando a pressão em seu ponto pulsante. Helena gira a cabeça para o meu pescoço e geme contra a minha pele.

Agarro seu quadril com as duas mãos e continuo entrando e saindo enquanto sussurra meu nome com doçura, sigo nesse ritmo até vê-la relaxar em meus braços e seus lábios soltaram um suspiro de satisfação.

A tensão aumenta em meu corpo e agora posso tomar aquilo do que preciso mais rápido, mais forte, ouvindo os gemidos dela aumentarem a cada estocada. O clímax rasga através de mim mais rápido do que desejava, e eu não consigo sair a tempo de dentro dela.

Helena desaba para frente, se apoiando com as palmas das mãos no colchão. Me afasto e vislumbro meu esperma escorrer entre suas coxas com um rastro de sangue, e isso nem é o pior, sua bunda está com grandes hematomas.

Caralho, o que eu fiz?

— Está doendo muito? — pergunto, ela se ajeita, deslizando as mãos pela bunda.

— Não — balbucia, e não levo fé nas suas palavras.

— Tome um banho, Helena, vou buscar algo para dor — aviso, puxando as calças para cima.

— Eu estou bem — afirma, se cobrindo em um lençol.

A fito por mais um momento, seus cabelos estão rebeldes em frente à sua face um pouco vermelha. Ela me observa pegar a camisa no chão e, antes de lhe dar as costas, seu olhar engata no meu e vejo a porra da *esperança* neles. Deixo o quarto e dou de cara com Renzo, *argh*, cacete, esqueci de mandá-lo dar uma volta.

— Precisa de algo, chefe?

— Fique aqui e me ligue se ela sair do quarto. — Ele me dá um aceno de cabeça.



Tive que sair do hotel para encontrar uma farmácia aberta, comprei analgésicos e a porra de uma pílula do dia seguinte. Foder Helena já foi um erro, eu não preciso de outro.

Volto para o hotel e, em vez de subir para o quarto, procuro o lobby, me sento no bar e peço um uísque Bruichladdich triplo. Só assim terei coragem de chegar lá em cima e matar as esperanças da garota. Decisões tomadas com sangue na cabeça errada só podem acabar em merda mesmo.

Gostaria de entender para onde vai meu autocontrole quando estou perto dela, reflito, tomando a última dose, que desce queimando a minha garganta e cai como uma lava em meu estômago.

Subo para o quarto, Helena está deitada de atravessado no meio da cama, seus cabelos caem em ondas para fora do colchão.

— Helena — a chamo e me sento na ponta da cama, próximo a sua cabeça. Ela se senta e fica de costas para mim, e consigo ver sua silhueta em um espelho do outro lado do quarto.

— Eu vi culpa em seus olhos antes de deixar o quarto. — Ela suspira. — Não estrague tudo, Ettore. — Ela me olha por cima do ombro, e não tenho coragem de afastá-la.

— Tome os remédios e vamos nos deitar — aviso, pois isso é tudo que me vem à mente. Nunca tive a intenção de magoá-la, só que é isso que vai acontecer se continuarmos com isso.

Helena pega as caixinhas de remédios e fica em silêncio enquanto as lê. Sem dizer nada, ela caminha até o frigobar e pega uma garrafa de

água, deixo-a tomar os remédios, sozinha, e fico aliviado por não ter que explicar como tomar o contraceptivo de emergência.

Tomo um banho ligeiro e, quando volto para o quarto, encontro-a deitada de costas para mim, prendo o longo suspiro que ameaça passar por meus lábios e me ajeito ao seu lado. Já dormi com tantas mulheres ao longo da vida que não devia parecer um sacrilégio me deitar com a minha própria esposa. A cama é grande o bastante para não nos tocarmos, e Helena parece que faz questão de que isso não aconteça, já que está contida na beira do colchão.

Tento inutilmente relaxar, só quero que essa noite acabe para podermos voltar a Nova Iorque pela manhã.

CAPÍTULO 13

Helena Revicello

Capítulo 13

Faço a curva no parque e acelero, passando entre as pessoas. O pôr do sol sempre foi o meu horário favorito para correr, pelo menos em Chicago. Desacelero aos poucos, com as pernas bambas, puxo o ar com força, sentindo uma pressão nos pulmões. Estendo a mão além de mim e Renzo me alcança uma garrafa de água. Encaro o homem enquanto bebo, hoje é o primeiro dia dessa semana que ele veste bermuda.

— Cansou? — pergunto, vendo os cabelos grudados na testa pelo suor e, com um risinho, lhe entrego a garrafa azul-turquesa, que faz conjunto com minha legging e meu top de malhar, ambos da mesma cor.

— Isso não é nada — diz com a voz entrecortada, fazendo-me rir.
— Vamos voltar, está ficando tarde.



Entro na cobertura e aquele vazio me sufoca de tal maneira que preferia dormir na rua. Depois de tudo que rolou naquele hotel em Chicago dias atrás, pensei que as coisas poderiam melhorar entre nós, mesmo que o arrependimento estivesse gravado na face de Ettore. Ele não me afastou com palavras, mas também não tentou nenhuma aproximação.

Admito que eu não esperava acordar com ele agarrado às minhas costas, tive satisfação naquele momento. Sinto que ele me deseja e não só sexualmente, mas pressuponho que o seu passado com aquela mulher não o deixa seguir em frente, e toda a vez que avançamos um passo, parece que voltamos dois atrás.

Entro na cozinha e pego meu telefone na ilha, só tem mensagens da Fiorella.

Mensagens Ella: *Como você está?*

Pensei que ficaríamos mais próximas com você em NY, mas está cada vez mais distante. Aconteceu alguma coisa? Estou preocupada com você, Helena.

Beijos.

Mensagens Hell: *Estou ótima!*

Minto, estou bem na medida do possível, e, também, não conto tudo que acontece a Fiorella, pois realmente ela não filtra nada e, se souber que estou chateada com alguma coisa, irá descontar no Consigliere.

Mensagens Hell: *Ettore pediu que eu ficasse na cobertura até ele voltar de viagem, assim que chegar na próxima semana, te faço uma visita.*

Mensagens Ella: *É ridículo ele não a deixar me visitar. Até parece que faríamos alguma estupidez.*

Ela envia uma carinha com riso, fazendo-me rir.

Solto o telefone na bancada, com saudades de fofocar com Ella, quando vê-la pessoalmente, conto sobre meu fracassado noivado com

Piero e quem sabe lhe peço ajuda para descobrir mais a respeito do passado do meu marido.

Pego uma jarra de suco na geladeira e abro o armário procurando os copos.

— Renzo, quer um suco de laranja? — grito por cima do ombro, pegando um copo.

— Eu o dispensei. — Tomo um susto quando escuto a voz do Consigliere atrás de mim.

— Puta merda, Ettore — expresso com coração na mão, ouvindo o copo de cima do balcão se espatifar.

Nos abaixamos para juntar os cacos espalhados e paro por um momento para olhar o meu marido, faz cinco dias desde que viajou, seu cabelo está maior, mas a barba bem baixa.

Seus olhos encontram os meus e tenho vontade de tocá-lo, Ettore é tão lindo, que às vezes nem parece de verdade. Penso nisso e, quando percebo, já estou com a mão em sua face, sua barba é áspera contra a palma da minha mão.

Ettore estreita os olhos e não me afasta quando meu polegar faz o contorno dos seus lábios, não tive o prazer de beijá-lo novamente, mas, se bem me lembro, os lábios dele parecem que foram feitos sob medida para moldar os meus.

Solto um suspiro de insatisfação, minha mão abandona o seu rosto, se quero sobreviver a esse casamento, não posso mais seguir nessa linha. De repente, seus dedos se fecham em torno do meu pulso, e estou pronta para ser rejeitada outra vez, mas ele me puxa de volta, e não consigo disfarçar a confusão que há em meu rosto.

Ettore se aproxima, invadindo o meu espaço e, de repente, esqueci até de como se faz para respirar.

O que está acontecendo aqui? — pergunto-me quando seu nariz toca a ponta do meu e nossos olhares se perdem, mas ele permanece paralisado, como se houvesse um muro entre nós, que ele teme derrubar e

nunca mais conseguir levantar. E como uma bola de destruição, avanço os centímetros que ele não tem coragem e derrubo seus muros impenetráveis, os lábios de Ettore se abrem para mim, e me sinto entrar em erupção.

Nossas línguas se enroscam com força, como se quiséssemos suprir os meses em um único beijo. Ettore cambaleia para trás, caindo sentado comigo em cima dele, ele geme contra meus lábios e me afasto para encará-lo.

— Acho que me sentei em um caco de vidro.

Rio e saio de cima dele, Ettore se levanta a seguir, desliza a mão pela nádega direita e aponta um pequeno caco.

— Vai sobreviver — aviso, pegando os maiores do chão e soltando na lixeira, — Pensei que voltasse só na semana que vem — comento, tentando não fazer parecer que o beijo foi uma grande coisa.

Embora eu queira muito saber por que diabos agora, ele está sendo mais acessível.

— Consegui voltar antes, pensei que ficaria feliz. — Minha expressão se torna uma bagunça, fazendo o rir.

— Quem é você? E o que fez com o meu marido? — Ettore gargalha, e é o som mais lindo que eu já ouvi.

— Não seja cruel, eu me importo com você.

Palavras contraditórias. Já que há algumas semanas estava tentando entender o que o impedia de me matar bem aqui nessa cozinha, será que descobriu?

— E como foi a viagem? — pergunto.

Soar natural agora vai ser uma tarefa difícil. Será que ele bateu a cabeça na viagem, tem um irmão gêmeo, ou só decidiu parar de ser um cuzão?

— Tranquila — responde com o telefone na mão. — Franco quer se encontrar comigo. — Ele suspira, me dando as costas.

Vejo-o deixar a cobertura com uma sensação de estranheza e vitória ao mesmo tempo, ele não está mais me ignorando

escancaradamente, e uma parte de mim, deseja simplesmente aproveitar esse momento, só que a outra quer muito entender o que o fez mudar de ideia.

Ettore Reviello

Chego à mansão dos Fiore, e Lazzaro apenas me dá um aceno de cabeça em cumprimento. O segurança nunca havia chamado minha atenção como agora, depois que Helena confirmou que gostava dele.

Se me sinto incomodado por Fiorella ter confidenciado isso a ele? Com certeza. Foi há três meses e sem dúvidas Lazzaro ainda se lembra que minha esposa o desejava.

Pensar nisso me deixa mais irritado do que desejava.

Quando cheguei à cobertura, estranhei o prazer que senti apenas em ver Helena. Pensei que ficar longe dela me ajudaria a pôr a cabeça de volta no lugar, porém, passei todos os dias imaginando como seria possuir o seu corpo outra vez, a morena entrou no meu cérebro como um maldito câncer, ela me possui e isso tem que mudar.

Quando estou perto dela, meu cérebro parece que se liquefaz, fazendo-me parecer a porra de um garotinho apaixonado. Só que, nessa porra de vida, não se dá pra ter tudo.

Poder e amor não condizem.

Uma vez eu fiz a escolha errada, e aquilo consumiu a minha alma, eu não estou pronto para errar de novo. Posso não amar Helena da forma que ela quer, mas daria a minha vida para salvar a dela.

Atravesso o hall e vislumbro Fiorella à ilha, em frente a uma pilha de roupas de bebê.

— Parece que está bem ocupada — menciono de uma forma gentil, gostava mais da Fiorella quando ela era só a esposa de Franco.

— Carlota está fazendo do luto o meu inferno pessoal — balbucia e afasta as roupinhas, fazendo um sinal com a cabeça para Nádia levar as roupas, a empregada nem pisca e obedece prontamente.

— Devia mandá-la parar — sugestiono, passando por ela, que gira na bancada e repousa as mãos em cima da barriga.

Ela me olha incisivamente e sei que jamais vai me perdoar por usar sua amiga.

— Como Helena está?

— Bem. — Ela dá um risinho insatisfeita.

— Franco me proibiu de me meter em seu casamento. — Ela comprime os lábios e ergue os ombros. — Mas não posso vê-lo arrancar o brilho da minha amiga e não fazer nada.

— Fiorella...

— Ouça Ettore — ela desce da bancada —, Helena, já passou por coisas que nenhuma mulher deveria passar. Ela é doce, gentil, engraçada. Ela é aquele tipo de pessoa que vale a pena lutar, e você a menospreza, a faz sentir pequena e vil.

Cerro o maxilar, recebendo as palavras da garota como uma pedra no meu estômago.

— Eu nunca tive intenção de machucá-la.

— Você não a merece — fala e me dá as costas.

Cacete, esse bebê precisa nascer logo, para Franco voltar a trabalhar fora de casa, Fiorella está começando a me dar nos nervos. Ela não precisa me dizer o que eu já sei a respeito da minha mulher.

Atravesso as portas do escritório de Franco e o encontro atrás da mesa, concentrado no notebook à sua frente.

— Antigamente você vinha primeiro falar comigo antes de ir para casa — ele menciona, tirando os olhos do computador.

— Estou exausto, Franco, México não fica ali na esquina — aviso, recebendo um riso dele. — Javier, líder do Cartel, também tem interesses em pegar Rocco, mas ele não cruzou a fronteira, pelo menos não que os homens dele saibam — explico o que já havia mencionado por mensagem.

— Então onde ele está? É impossível um homem simplesmente sumir, Ettore.

— Vamos aguardar, talvez Carlo tenha mais sorte que nós. Afinal, ele foi o único que teve o mínimo de contato com o Rocco durante esses anos.

— E sem sucesso algum — balbucia —, mas não foi por isso que te chamei aqui. — Franco levanta e faz a volta na mesa. — Jogaram coquetel molotov em uma das boates da *Famiglia* em Filadélfia.

— Camorra?

Ele assente.

— Esses ratos estão ficando mais corajosos. Temos que tomar cuidado.

— Retalhe e mande de volta como aviso.

— Já está feito — diz e baixa a tampa do notebook, sentando-se na beirada da mesa, puxando uma folha ao seu lado.

— O que é isso? — pergunto quando me estende.

— Não vou pagar pelos orgasmos da sua esposa, Ettore — diz enquanto analiso a fatura do brinquedinho da Helena, sentindo o sangue inflar nas veias.

— Isso é culpa da sua esposa — falo sem medir tamanha irritação.

— Pelo amor de Deus, deixe de ser mesquinho e dê um pouco do seu mel pra garota. — Ele não contém um riso, e sinto vontade de socar sua cara.

— O meu casamento não diz respeito a nenhum dos dois. — Franco pressiona os lábios com força.

— Eu discordo — expressa, e não tenho certeza se faz para testar minha paciência. — Chegou até os meus ouvidos a pequena comoção que

teve com Piero Navarro em Chicago. — Inspiro fortemente, sentindo o peito palpitar só em ouvir o nome dele.

— E o que tem?

— Ouvi dizer que ele está disposto a aceitar Helena de volta.

— Quem te disse isso? — Franco abre um risinho e não responde.

— O que acha de mandarmos ela de volta? Fiorella disse que Helena tem ótimos ouvidos, está sempre atendida em tudo.

— Não fará minha esposa de espiã! — exclamo, e o sorriso de Franco se abre, mostrando seus dentes bem afiados, e me dou conta que estou com as mãos em punhos.

— Há um mês estava me implorando o divórcio, não pensei que ela amoleceria seu coração tão rápido.

— Não amoleceu — digo entredentes para não o mandar se foder. — Precisa de algo mais?

— Relaxa, Ettore, parece tenso — diz, deixando o escritório, o sigo para fora, ouvindo os acordes do piano, Franco abre um sorriso para esposa sentada atrás do instrumento.

O desgraçado parece realmente feliz e quer atormentar a vida dos outros.



Volto à cobertura mais estressado do que quando Helena me pediu para devolvê-la ao infame do seu ex-noivo. Tenho vontade de socar a cara de alguém. Então vejo Renzo na ilha conversando com Helena, o sorriso

dela se esvai na hora que enxerga minha face e, quando Renzo se vira para mim, já estou atrás dele.

Seguro o segurança pelos ombros e o atiro no chão, a banquetta cai junto do seu corpo. Pego-o pela escora e o jogo longe.

— Ettore, o que é isso? — Helena está ao meu lado, vendo-me pisar na garganta de Renzo, que segura firme em meu sapato, tentando aliviar a pressão. Ele é o único que pode ter relatado ao Franco a pequena comoção na mansão Santoro.

— Helena, suba para o seu quarto — aviso, pegando uma faca.

— O que eu fiz, chefe? — questiona quando me abaixo, depositando mais força em seu pescoço.

— Se meteu onde não devia.

— Não fiz nada que o senhor não tenha mandado — diz entredentes, ficando com a face rubra com a força que precisa fazer para sua garganta não ser esmagada.

— Ettore, por favor, pare com isso. — Ergo meu olhar até Helena, ela está perto demais com os olhos arregalados, e penso que nada disso teria acontecido se não tivesse ficado perambulando pela mansão sozinha.

— E como vou acreditar que não anda me espionando?

— Pelo amor de Deus, Ettore — ela grunhe.

— Eu mandei você subir, caralho. — Seus olhos encaram Renzo no chão, e a vejo mexer a cabeça em negação, consternada.

— Tem que acreditar em mim, chefe, eu sempre fui leal ao senhor. — Renzo solta o meu sapato, recebendo todo o peso do meu corpo, então levanto e me afasto dele.

— Saia! — exclamo, não o esperando se levantar do chão, e subo para o meu quarto com o coração batendo na cabeça. Entro no banho frio, parecendo que estou prestes a explodir.

Conheço Renzo desde os quinze anos, ele sempre esteve à minha disposição, odiaria ter que matá-lo. Só por isso o benefício da dúvida e porque não é grande coisa Franco saber do meu desentendimento com

desgraçado do Piero, mas, se ele estiver me espionando, desejará não ter me conhecido.

Deixo o box com uma toalha enrolada na cintura e, quando entro no quarto, Helena está sentada em uma das poltronas, com as pernas cruzadas, com a outra subindo e descendo, mostrando toda a sua agitação.

— O que deu em você lá embaixo? — exige uma resposta, ficando de pé.

— Helena, para o seu bem, saia desse quarto agora — digo, encurtando o espaço até ela com minha paciência por um fio.

— Não, até você me explicar. — Ela finca o pé no chão, sinto uma agitação com sua desobediência e tenho vontade de arrancar dela.

— É a segunda vez que me desobedece só hoje — aviso, pegando-a pela curva do queixo de repente, ela tenta me afastar, mas a seguro com mais força e deslizo a outra mão para sua nuca, prendendo-a no lugar.

Ela não recua o olhar, tampouco parece amedrontada, o que me faz querer mudar isso.

— Você não me olharia assim se soubesse quanto desejo sinto de fazer coisas terríveis com você — profiro, e o meu aperto se estabiliza, Helena fecha seus dedos em torno dos meus pulsos quase gentilmente.

— E o que te impede? — diz e seus olhos brilham de incompreensão.

— Eu não sei! — exclamo entredentes.

— Mentiroso — vocifera com uma voz britada, fazendo a raiva emergir como uma grande onda.

Empurro Helena sem medir força contra a porta aberta do quarto, ela cerra o maxilar quando me aproximo e desço a mão para seu pescoço, sinto sua circulação correr pelos meus dedos e seus batimentos rápidos como as asas de um beija-flor. Uma voz lá no fundo, me diz para terminar

de vez com isso, seria tão fácil arrancar o ar dos seus pulmões e ter minha vida de volta.

Escoro minha testa na porta onde Helena está prensada, sinto os meus batimentos na cabeça e, quando penso tomar outro banho frio, os dedos gélidos dela alcançam meu tórax, enrijeço com o seu toque e o calor dos seus lábios no meio do meu peito.

— Eu te odeio, Helena... te odeio por me fazer desejá-la tanto.

Ela não reage às minhas palavras, a puxo para cima pelas pernas, fazendo com que a minha toalha escorregue para os meus pés, e Helena se agarra ao meu pescoço. Seus olhos encontram os meus, e não consigo distinguir o que está passando em sua mente quando minha mão invade o interior do seu vestido e arrasto sua calcinha para o lado.

Tomo seus lábios sem dó e meto nela em um golpe profundo, seu centro quente e apertado me engole ao máximo, sua boca se entreabre e abafa o seu gemido com um beijo. Helena se segura em meus ombros com força e suas unhas rasgam minha pele à medida que eu entro e saio dela recebendo entorpecentes ondas de prazer.

Livro minha boca da sua e o meu nariz afunda na curva do seu pescoço, o seu cheiro invade os meus sentidos e me vejo como um drogado, enlouquecido para ter sua última dose.

— Ettore... — ela geme e sinto aflição e urgência em sua voz, tento olhar em seus olhos, mas ela está agarrada em meu pescoço, e suas unhas cravam mais fundo em minhas costas. Começo a fodê-la mais forte e então sinto os músculos da sua boceta me apertarem como garrotes, me deixando maluco.

Isso é pior que droga, porque eu sei que nunca mais vou conseguir parar. Agarro as bochechas da sua bunda com o resto das minhas forças, meto uma última vez e me derramo dentro dela com um gemido gutural.

Respiro pesadamente contra o seu pescoço e, quando a solto no chão, percebo que ela perde o equilíbrio por um momento, então a seguro pelos braços e Helena recua ao meu toque. Ela nivela sua face à minha e o

seu olhar em meu rosto me aniquila, eliminando qualquer euforia que acabei de sentir.

— Eu a machuquei? — pergunto, e a vejo dar um passo em direção à saída, ajeitando a saia do vestido.

— O que você acha, Ettore? — questiona de forma retórica e vejo frustração e vulnerabilidade em seu rosto.

Helena me dá as costas e deixa o quarto com passos rápidos e determinados, quando chego ao corredor, ela já está dentro do seu e bate a porta com tanta força que me faz enrijecer.

Jogo a cabeça para trás com a sensação de ter passado dos limites de vez. Visto qualquer calça de moletom em meu closet e, com a culpa me fustigando, eu ando até o seu quarto.

Cristo, eu jamais pensei que chegaria a esse ponto na vida, correr atrás da minha esposa, que agora parece me odiar mais que tudo. As promessas que eu fiz de nunca me casar depois da morte de Katherine surgem em meus pensamentos, mas sufoco as lembranças quando escuto um lamurio vir de dentro do quarto da Helena.

— Helena. — Aguardo com impaciência sua resposta, mas ouço apenas o silêncio.

Giro a maçaneta e está destrancada, corro os olhos pela escuridão do quarto e sua cama está vazia, confiro no banheiro e closet, e ela não está em lugar algum, uma emoção desconhecida se apossa do meu corpo e, quando me aproximo da ampla janela com o vidro aberto, vejo-a encolhida, abraçando as pernas em uma poltrona, olhando a vista do Central Park.

Ela tem lágrimas não derramadas nos olhos e, mesmo percebendo minha presença, me ignora, e sei que mereço isso e muito mais.

— Helena... — balbucio e me agacho a sua frente, segurando nos braços da poltrona. — Eu não devia ter entrado em você com tanta força — digo, ela fecha os olhos, fazendo as lágrimas rolaem.

Sou péssimo com desculpas, nunca tive que fazer isso, e, pelo visto, não está funcionando.

— Nem de longe justifica, mas, quando você me deixa com raiva...

— Você desconta sua fúria em meu corpo. — Sinto pontadas de raiva em sua voz, e não há como discordar, pois foi exatamente o que eu fiz nas últimas vezes.

Seus olhos marejados penetram os meus e, como Fiorella disse, eu arranquei todo o seu brilho, e não havia me dado conta disso até então.

Helena solta um suspiro e a vejo encolher os ombros.

— Não posso mais me submeter a isso, Ettore... — ela pausa, tirando uma mecha de cabelo do rosto, e me dá o início de um sorriso triste —, eu cansei. Você venceu... eu desisto de você.

Deus, suas palavras atingem meu estômago, queimando como lava descendo direto pela minha garganta. Isso era tudo o que eu mais desejava ouvir dela desde que Franco nos condenou a esse casamento de mentira, e escutar isso da sua boca agora me faz sentir tudo, menos imperturbado.

Forço-me a sair do chão, não sei o que dizer, só que já a fiz sofrer mais do que merecia. Olho para ela, antes de lhe dar as costas, e seus olhos estão perdidos no parque e assim ela permanece.

CAPÍTULO 14

Helena Revicello

Capítulo 14

Eu desisto de você.

As palavras saem de mim com facilidade, mas, de forma alguma, libertadoras. Seus olhos escurecem e Ettore parece engolir em seco, mas não sou capaz de ligar sua expressão a alguma emoção.

Ele se ergue silencioso, e sinto seus olhos em mim, mas não consigo encará-lo, Ettore acredita que me machucou fisicamente, mas a verdade é que ele rasgou um buraco no peito com suas atitudes. A porta do meu quarto bate suavemente e deixo minhas lágrimas rolarem incessantes, hoje à noite eu me permitirei chorar por ele, mas, amanhã, não mais.

Ettore nunca vai me aceitar como sua esposa, e me foder furiosamente pela segunda vez para saciar sua raiva só mostrou que este é o único tipo de aproximação que ele quer comigo.

Suspiro e, com o coração tão apertado que parece que vai se fragmentar, me levanto sentindo as pernas bambas, preciso de um banho pra lavar toda a sujeira de hoje à noite.

Viro-me e meu coração pula quando o vejo em pé no meio do quarto. Paraliso, incapaz de compreender o que ele ainda faz aqui. Vejo um olhar frustrado em seu rosto, não há máscaras e nem muros impenetráveis, Ettore não quer esconder o que está sentindo, e não entendo por que está fazendo isso agora.

Ele dá um passo à frente e vejo hesitação em todo o seu corpo, como se não soubesse o que fazer.

— Eu não venci Helena — ele comprime os lábios com força e se aproxima —, só agora que de fato perdi que fui me dar conta que, na verdade, a raiva que eu sinto é de mim, por não me permitir aceitar você.

Minha mente fica enevoada, pois da mesma maneira que eu entendo suas palavras, não compreendo o que está tentando me dizer.

— Ettore... — balbucio, vendo-o parar na minha frente, perto demais, e eu tenho que erguer o queixo para encará-lo.

— Não consigo matar você porque não consigo parar de pensar em você... eu não sei como ser um bom marido, mas quero que me deixe tentar.

Ettore segura em meus ombros e, quando sobe em direção ao meu rosto carinhosamente, o meu peito se aperta.

— Seja minha, Helena... — suplica com sua testa colada à minha, e os olhos dele engatam nos meus persuasivos.

— Eu estou com raiva de você, Ettore — declaro, e ele se afasta, pois não é só porque mudou de ideia que anulou tudo que aconteceu. — Aquilo que você fez com Renzo me apavorou...

Ele respira fortemente e se afasta, assumindo uma postura rígida.

— Alguém contou para Franco sobre o meu pequeno desentendimento com Piero. Deduzi que fosse o Renzo.

— Foi só por isso? — sondo, pois ele pareceu transtornado. As feições de Ettore endurecem ainda mais e a pequena veia que ele tem na testa ressalta.

— Franco insinuou que Piero a quer de volta e perguntou o que eu achava de mandá-la a Chicago para ser nossos olhos e ouvidos — expressa com irritação, e não consigo disfarçar o quão perplexa estou.

— Eu, uma espia? Ele deve ter feito para provocá-lo — admito, eu tenho ótimos ouvidos e estou sempre de olho no que está acontecendo à minha volta, mas não acredito que exerço talento o suficiente para ser uma espia. E então me dou conta do porquê Ettore estava enraivecido, Franco queria me devolver para Piero.

— Ficou com ciúmes de Piero?

— Eu o mataria se isso não implicasse no acordo de paz — diz com uma severidade que aquece meu coração.

Ettore está tenso quando deslizo minhas mãos por seu peitoral, subindo para seus ombros, mas relaxa quase que instantaneamente com o

meu toque.

— Você me tem, Ettore, só não estrague tudo dessa vez.

— Eu não vou — diz e me toma em seus braços, sua língua desliza para dentro da minha boca, quente, suave... perfeita, em busca da minha. Ettore me puxa para cima de repente, passando um braço por baixo nas minhas pernas e outro em minhas costas e me leva até o seu quarto.

— Vou pedir a Margot que traga suas coisas para cá amanhã — diz, me pondo na cama, contra os travesseiros.

— Eu posso cuidar disso, afinal, não tenho muito que fazer o dia inteiro aqui dentro. — Ele comprime os lábios.

— Eu sei que quer trabalhar, Helena, mas isso é algo que não posso te dar. — Suspiro baixinho, e Ettore pula por cima das minhas pernas para se deitar ao meu lado a tempo de eu ver uma tatuagem embaixo do seu antebraço, perto da axila, **XII**, que significa 10|02 em romanos. Minha cabeça dá um nó quando lembro a data atrás da foto daquela mulher e, antes que eu chegue a concluir um pensamento, Ettore diz:

— Não durmo ao lado de uma mulher há 10 anos — preciso cerrar o maxilar para não mostrar surpresa com a revelação —, se eu rolar pra cima de você, não hesite em me chutar. — Dou um pequeno sorriso e assinto, me ajeitando de lado para encará-lo, tenho muita vontade de saber mais sobre a vida dele, especificamente a parte da Katherine. Ettore está abrindo sua caixa de pandora, e não quero que isso acabe comigo cavando o seu passado.

Então resolvo comer pelas beiradas.

— Quando nos casamos, imaginei que fosse conhecer a sua família...

— Eu não tenho mais ninguém, Helena. Meus pais estão mortos e sempre fui filho único.

— Eu lamento — expresso, apertando os lábios, sem saber em qual direção seguir agora.

— Já faz anos, tudo bem.

— Eu também não tenho ninguém.

— Você tem a mim agora — ele diz, me sinto corar com suas palavras, fazendo-o sorrir. Ettore desliza seus dedos pelo meu braço até chegar nos meus e sua mão cobre a minha inteira.

— Não sou do tipo romântico, então, quando você quiser alguma coisa, me peça. — Um riso me escapa.

— E se eu quiser uma surpresa? — Ettore espreme os lábios, pensativo. — *Argh*, eu anoto na sua agenda — resmungo, fazendo-o rir.

Ele me puxa, colando às minhas costas em seu peito, mas giro o suficiente para enxergar sua face, ele está observando a minha mão ainda dentro da sua.

— Se não gostou daquele anel, eu verei outro para você. — Fecho os meus dedos em volta da sua mão. E, por alguma razão, sinto meu coração acelerar... ah, claro, a razão é por eu saber que ele deu aquele anel para outra antes de mim.

— A aliança é linda, Ettore, só que... — Aperto os lábios... *Só que era para outra mulher, cacete!* Meu cérebro repreende.

— Era da minha mãe, e foi da minha avó — ele me interrompe —, é uma velharia — sorriu —, comprarei outra.

— Se ela é importante para você, eu a uso — digo, não quero parecer fútil, só que era estranho saber que ele estava me dando a mesma aliança, pelo menos agora sei o motivo.

— Não, você merece uma joia nova. — Giro a palma de Ettore e vejo que ele ainda usa a aliança.

— Por que não a tirou? — pergunto, surpresa.

— Não sei — admite, olhando nossos dedos entrelaçados. — O que fez aqui? — pergunta com o polegar deslizando pela fina e esbranquiçada cicatriz que há em meu pulso. Tão apagada que nem mesmo eu me lembrava dela e o que causou: as braçadeiras da clínica em

Red Hill. No início, eu não ligava se me dopavam, mas sempre acordava agitada e com raiva, o que ocasionou essa pequena cicatriz.

Seus olhos cor de jade me olham com atenção, e não sei como responder a essa pergunta, isso é revelar de mais sobre mim. Não me sinto à vontade com esse assunto. Anos já se passaram, eu já superei Red Hill e Declan Ross, e apesar de isso ser passado e eu estar bem, não tem como explicar de uma forma fácil como eu fui parar em uma clínica psiquiátrica sem parecer, de fato, maluca.

— Quanto você sabe a meu respeito? — Sua expressão se torna irresoluta, apenas mostrando-me que ele sabe mais do que eu imaginava.

— Carlo deu um dossiê seu ao Franco assim que você foi entregue à *Famiglia*, e Franco me passou ele.

— Quando isso? Deixe-me vê-lo. — Me ajeito com uma inquietação se formando dentro de mim.

— Já faz tempo, e ele não está aqui — Ettore diz, me puxando para perto de si novamente. Encaro seus olhos e eles cintilam a preocupação.

— Está mentindo. — Ele cerra o maxilar com uma expressão desagradável. — Diga que não está — imponho, e ele suspira baixinho.

— Pra que você quer ver, Helena? Aquilo não te trará boas lembranças.

— Por favor, Ettore. — Sua expressão desagradável não se altera em nada, mas ele se levanta da cama e me deixa no quarto, com o coração parecendo que vai quebrar minhas costelas de tanto que bate e fica assim até Ettore voltar para o quarto.

Ele se senta na minha frente e me estende uma pasta preta, meu peito é tomado de ansiedade, uma parte de mim se sente ridícula, pois já sei tudo que está ali dentro, mas a curiosidade sempre falou mais alto.

Abro a pasta, e Ettore volta para o seu lugar, me puxando para perto de si. O seu calor em minhas costas é quase reconfortante me acalma e me passa uma espécie de tranquilidade.

O dossiê contém poucas páginas, deduzo que ele foi feito logo depois que eu saí de Red Hill, pois, na primeira folha, há uma foto minha na pré-adolescência e o ano que deixei a clínica.

Dobro a foto para cima e encontro o motivo do internamento: episódios psicóticos e agressão.

Viro a página e há uma foto da minha mãe, com pequenas informações logo abaixo: nome, idade, cidade onde nasceu, viveu e morreu, e a causa da morte. Olho mais uma vez a foto, ela tinha lindos olhos azuis e um sorriso doce, puxo a foto, arrancando-a do documento. Eu gostaria de me lembrar mais dela, se tínhamos alguma coisa em comum, se ela me deu algum apelido carinhoso ou se ao menos me amava, pois me recordo tão pouco, e o pouco que lembro preferia esquecer.

Solto sua foto em cima da cômoda e sinto Ettore enrijecer quando viro a página e aparece uma foto de Declan com o garfo fincado em seu olho esquerdo, a imagem foi provavelmente feita pelo departamento de polícia da Georgia. Meu estômago se contrai com força e não consigo disfarçar o meu mal-estar, pois levo a mão à boca, sentindo a bile subir a garganta.

— Helena — Ettore chama em tom de censura.

Pulo dos seus braços e corro até o banheiro, não tenho tempo de subir o assento da privada quando me agarro ao vaso e vômito. Meu corpo treme conforme vômito e os *flashbacks* daquela noite passam pela cabeça como um filme de terror.

Eu tinha doze, a idade de uma pré-adolescente, mas infelizmente já tinha curvas de uma mulher. E eu descobri quase tarde demais que as fotos que Declan tirava minhas eram para finalidade erradas quando o peguei se tocando em frente a um mural com centenas de fotos minhas, segurando uma em sua mão.

— Eu avisei que não traria boas lembranças. — Seu tom de voz é de irritação, Ettore me puxa para cima pela cintura, me livro das suas

mãos, sentindo-me enjoada ainda. Lavo-me na pia do banheiro enquanto tento acalmar as batidas do meu coração.

Quando ele me viu em pé, na porta do quarto que ele sempre havia proibido minha entrada desde que minha mãe e eu nos mudamos para sua casa, eu sabia que as coisas nunca mais seriam as mesmas.

Minhas pernas amoleceram naquele momento, meu coração subiu para a garganta, e eu corri para longe de Declan. A casa era imensa e, como era de noite, as luzes já estavam apagadas, me escondi embaixo da ilha, mas antes me certifiquei de pegar uma arma, um garfo trinchante.

— Helena... — Ettore sussurra e me vira, abraçando-me com força, mas nem todo o conforto e proteção que ele tenta me passar impedem de me lembrar da sensação de desespero que senti quando Declan me achou embaixo daquela ilha, o reflexo do susto misturado ao medo me fez fincar o garfo em seu olho, eu nunca vou esquecer o grito que ele deu.

— Hey, olha para mim. — Ettore se afasta e me obriga a encará-lo. — Aquilo é passado, não permita que ele volte para atormentá-la.

Assinto com os pensamentos embaralhados e deixo Ettore me guiar de volta ao quarto. Ele pega a pasta de cima da cama e joga dentro da primeira gaveta da cômoda.

Deito-me, tentando fazer o que ele mandou: não permitir que Declan volte a me atormentar. Espero que aquele infeliz esteja morto, depois que me mudei para a mansão Santoro, nunca mais ouvi falar dele. Não me permiti pensar nele, porque Declan não vale o ar que respira, e preciso empurrá-lo de volta para a caixinha na qual o coloquei há seis anos.

Ettore me abraça com tanta força que a sensação é de aço me apertando, e ele só alivia quando me sente relaxar em seus braços. Concentrei-me na sua respiração em meu pescoço e nas carícias que fez no dorso da minha mão, e assim, depois de um longo tempo, adormeci.

CAPÍTULO 15

Helena Revuelto

Capítulo 15

Acordo esparramada na cama. Depois da noite de ontem, jurei que teria pesadelos, mas dormi como um bebê a noite inteira, rio, até parece, penso lembrando-me de Dario, irmão mais novo de Ella, e em como chorava de madrugada.

Tomou um banho sem pressa, refletindo a loucura de ontem, depois que vi aquele dossiê, esqueci-me completamente que Ettore e eu somos definitivamente um casal.

Felicidade me define por um momento, até eu lembrar o que ele fez com Renzo, será que todos os homens da máfia agem assim, por puro instinto, sem pensar nas consequências? Ah, até parece que eles têm consciência, no ponto de vista deles, sempre estão certos, e este lado irracional de Ettore me incomoda um pouco.

Desço usando um vestido preto com mangas na altura dos cotovelos, e com o estômago brigando de fome, vejo meu marido sentado à mesa, lendo o jornal e, pelo cheiro, com certeza tomando café.

Aproximo-me, chamando sua atenção, Ettore não sorri para mim, mas seus olhos se iluminam, exibindo que ele gosta do que vê.

— Milagre vê-lo aqui tão tarde.

— Na verdade, eu já saí e voltei. — Enrugo o cenho, confusa, mas compreendo quando Ettore desliza por cima da mesa uma sacola plástica da farmácia. Minha expressão se mortifica quando eu penso no que é: *outra pílula do dia seguinte*.

— É uma droga ter que te dar isso, Helena, mas será a última vez, há pílula contraceptiva aí dentro — explica, virando os remédios em cima da mesa.

— Então nunca teremos filhos? — pergunto, pegando os remédios.

— Você ainda tem dezenove anos e ainda temos muito tempo para pensar em ter filhos. — *Pensar...*

— Você bem menos que eu — digo de uma forma sarcástica, fazendo-o contrair os lábios em uma espécie de riso.

— Bom vê-la de bom humor — diz quando me sento à sua frente, com um sorriso.

A campainha toca e enxergo Margot atravessar a casa para atendê-la.

— Está esperando alguém? — pergunto a Ettore enquanto coloco os remédios de volta na sacola.

— Não, odeio visitas — declara na hora em que Fiorella e Lazzaro atravessam o *hall*.

Fiorella anda até nós, dando uma boa admirada na cobertura, sem disfarçar. Ela está com um vestido vermelho e uma cinta preta abaixo dos seios que faz sua barriga se destacar e jaqueta de couro. Seu cabelo está longo também e a franja, quase na altura do queixo.

— Uau, parece que faz uma eternidade que não a vejo — digo, deixando a mesa.

— Eu achava que estava acorrentada e amordaçada para não conseguir me fazer uma visita — expressa com uma expressão mordaz e olha além de mim para o Consigliere. — Olá, Ettore — cumprimenta com um sorriso que provavelmente deixaria qualquer homem maluco para arrancá-lo a tapa.

Agarro o braço da minha amiga e me viro com ela para caminharmos até a sala.

— Lazzaro — saúdo quando passo por ele, que assente brevemente e anda até o meu marido.

— Eu podia ter ido vê-la — falo, me sentando ao seu lado no sofá.

— Podia, mas não foi — menciona, insatisfeita.

— Está tão linda — comento, deslizando a mão para o volume em sua barriga, e ela põe uma mão em cima da minha e a desliza para o lado, o bebê parece estar todo enrolado naquele cantinho e sinto pequenas vibrações. — É incrível.

— É incrível eu não ter nenhuma costela fraturada — brinca, se ajeitando no sofá e, me encarando com atenção. — Quer me contar o que tem feito?

Abro a boca, mas solto um suspiro quando Margot aparece na sala com uma bandeja de chá e alguns biscoitos. Ela coloca na mesa de centro e se retira em silêncio.

— Comece você — peço, pegando um biscoito, vendo minha amiga apertar os lábios.

— Verônica está morta — conta, pegando uma xícara de chá.

— Causa natural? — pergunto e a vejo dar um sorriso.

— Até parece.

— Já foi tarde — digo, Ettore entra na sala.

— Estou indo, se precisar de algo, peça a Renzo — diz de uma forma contida e nos deixa, silencioso.

— Sabe, há algo que nunca compreendi, Ella, por que ainda não demitiu a Nádia? Afinal, foi ela que levou o chá até você, deve ter visto o que Verônica fez.

Fiorella olha a nossa volta, à procura dos seguranças, e se inclina em nossa direção.

— Se eu te contar, posso estar colocando em perigo a vida da Edwina. — Franço o cenho quando ela abre um sorriso. — Minha cunhada e minha empregada estão juntas.

Meu queixo tomba.

— Isso me parece um grande motivo para se livrar da Nádia.

— Também achava, mas Edwina não fará nenhuma besteira enquanto o brinquedinho dela estiver às minhas ordens.

— Você é terrível — Ella sorri —, e como você e Franco estão? — Minha amiga revira os olhos com força.

— Pare de me enrolar, Hell, e me conte o que está acontecendo? — pede com um olhar suplicante e preocupado.

— Vamos para o meu quarto, eu só preciso pegar uma coisa — aviso, andando com passos largos até a mesa de jantar e apanhando a sacola da farmácia. De relance, vejo Lazzaro e Renzo conversando na ilha.

Engancho meu braço no de Fiorella e a arrasto para o andar superior. Entramos na suíte principal e a vejo analisar tudo com atenção.

— Ele a deixou ficar com o quarto principal? — pergunta em choque quando nos sentamos à cama.

Mexo a cabeça em negação enquanto digo:

— Aconteceu tanta coisa nessas últimas semanas que eu ainda estou processando tudo.

— Sienna me contou sobre o desentendimento de Ettore com Piero. Não acredito que estava noiva dele.

— Quando ela te contou?

— Na semana passada, eu acho. — Fiorella diz, mas não se esforça em lembrar.

— Você contou isso ao Franco?

— Cheguei a comentar, por que essas perguntas, Hell?

Jogo a cabeça para trás, desacreditada, não há ninguém espionando Ettore, pobre Renzo.

— Ontem, Ettore chegou possesso, depois de uma conversa com Franco, pois achava que Renzo o estava vigiando para o seu marido. — Fiorella explode em uma risada.

— Os homens são tão tolos — menciona, deitando-se para trás e deslizando uma mão pela barriga e outra atrás da cabeça.

— Ettore desistiu de lutar contra mim — revelo, fazendo-a erguer a cabeça para encontrar meu olhar.

— Quando? Como? E por que não me disse isso antes? — pergunta em choque, rio.

— Calma, foi ontem, depois que ele voltou da sua casa, e não contei, porque não deu tempo.

— Uhum, vocês transaram? — pergunta com malícia, reviro os olhos e assinto.

— Só rolou duas vezes, no hotel que ficamos em Chicago e ontem à noite — digo com uma sensação nauseante.

— Você não parece muito animada, Hell. Não foi tão bom quanto da primeira vez? — questiona.

— Não é isso, Ella — respondo, puxando a sacola com os contraceptivos e entregando a ela a pílula do dia seguinte. — Ettore me deu uma pílula de emergência depois que transamos em Chicago, mas eu estava com tanta raiva dele e de toda a situação. Estava realmente com medo de nunca ser aceita por ele e ter que passar o resto da minha vida sozinha em um apartamento, vivendo com uma porrada de gatos.

— Você não tomou a pílula.

— E agora ele me deu outra — adiciono e me atiro para trás.

— Puta merda!

— O que eu faço? — Nos viramos uma para a outra.

— Li em um livro que uma mulher não está grávida nas primeiras duas semanas do primeiro mês de gravidez.

— *Ham?* — Ela sorri e fica com a cabeça apoiada no cotovelo.

— Você pode estar grávida, mas como é recente, não vai aparecer em um teste de farmácia, e pode não estar grávida e acabar ficando se escolher não tomar essa pílula.

— Isso não me ajuda em nada! — exclamo, confusa. — Eu não sei o que eu faço.

Fiorella comprime os lábios e sua mão alisa seu ventre, uma coisa que ela faz o tempo inteiro sem reparar.

— Quando eu descobri que estava grávida, passei duas semanas rejeitando a ideia de ser mãe, como se, de alguma maneira, a gravidez fosse desaparecer. — Ela mexe a cabeça em negação. — Se Franco tivesse me dado essa pílula, eu teria tomado sem pensar. Só que agora...

— ela sorri —, não consigo me imaginar não estar grávida, ou não ter um filho.

— Está me dizendo para não tomar? — Ela sorri.

— Eu sei que é confuso, Hell, mas você teve a opção de escolher, e já escolheu. Faça um teste daqui a uma semana, quais as chances de ele acertar de primeira? — Rio, até parece que é assim que funciona, *mirar e jogar*.

Ah, céus, isso vai dissolver meu cérebro.



O dia sucedeu tranquilamente, lembrou-me um pouco de quando morávamos juntas em Chicago. Tagarelamos a tarde inteira e dávamos boas risadas.

Pego a bolsa que Fiorella esqueceu em cima da minha cama e, quando desço, só encontro Lazzaro na varanda, fumando, o que ele fazia muita em Chicago.

— Alguns hábitos nunca mudam — comento, me debruçando no parapeito.

— Eu que o diga — fala, e sei que está se referindo às minhas fugas.

— Onde Ella está?

— Adivinha? — pergunta, soltando a fumaça para o lado oposto e ainda assim ela voa para cima de mim, fazendo-me abanar o ar. Lazzaro esconde um sorriso e olha para dentro da cobertura.

— No banheiro — deduzo, pela quantidade de vezes que ela foi hoje à tarde, ele assente, dessa vez com um sorriso, Lazz parece tão descontraído.

— Soube que andou arrumando confusão em Chicago. — Estalo a língua e mexo a cabeça em negação.

— Até parece que eu preciso arrumar, quando Chicago e Nova Iorque se unem, o caos é iminente.

— É iminente quando você e Fiorella se juntam. — Encaro-o chocada e com a mão em punho para lhe dar um murro pelo atrevimento, mas paraliso quando enxergo o Consigliere e Fiorella no meio da sala nos observando.

— Ele não era tão ranzinza quando estava solteiro — balbucia sutilmente, fazendo-me rir e segui-lo para dentro.

— Nós já vamos — Fiorella avisa a Ettore com um sorriso agradável, e dessa vez sem escárnio.

Mas o homem a ignora, seus olhos me encaram incisivos, franzo o cenho sutilmente, estranhando sua expressão, e acompanho minha amiga até a saída; na hora em que retorno para a sala, Ettore não está em lugar algum. Só há uma pilha de documentos em cima da mesa de centro.

Ando até o seu escritório e espio pela porta entreaberta, Ettore está servindo um copo de uísque, de costas para mim.

— Entre — diz, se vira, tomando um longo gole e se senta na grande poltrona de couro escuro.

— Voltou mais cedo — menciono, deslizando pela extremidade da mesa e parando na sua frente.

— Queria que eu tivesse demorado mais? — pergunta em tom acusatório. E começo a compreender por que essa carranca. *Lazzaro*. Maldita hora que eu fui confirmar que gostava dele.

— De forma alguma — digo docemente, tirando os meus sapatos e montando em seu colo, Ettore me segura pelo quadril e seu semblante se suaviza quase que por completo. — Como foi o seu dia? — quero saber. —

Franco ainda está atrás de Rocco? — Ettore comprime os lábios e me dá um aceno.

— E não vai parar até encontrá-lo — diz, analisando minha expressão. — E o seu, o que fizeram o dia inteiro?

— Nada de especial — respondo, empurro a conversa que tive sobre as pílulas para dentro de uma caixinha bem no fundo do meu cérebro. — Fiorella passou mais tempo no banheiro do que comigo. — Ele dá um pequeno sorriso, que se esvai rapidamente.

— O que ocupa seus pensamentos? — Ettore reflete.

— Franco quer descobrir para quem os motoqueiros estão contrabandeando para fora de Nova Iorque. — Por uma batida de coração, um nome desperta em minha mente. *Martini Spinelli*. Ouvi os irmãos falarem a respeito dele, mas o assunto sempre morria quando percebiam minha presença.

— O que Franco vai fazer quando descobrir? — Ettore abre um risinho, enquanto sua mão agarra uma mecha do meu cabelo que repousa em meu ombro, ele ignora a minha pergunta descaradamente.

Cachorro.

Não menciono sobre *Spinelli*, pois não tenho certeza, e se Franco quer algo com os irmãos Meddox, algo me diz que não será coisa boa.

— Tenho uma informação que te deixará feliz. — Ettore estreita os olhos, curiosos, e levanta suas sobrancelhas perfeitamente desenhadas, me instigando a falar. — Foi Fiorella que fofocou ao Franco sobre Chicago.

Ettore morde o lábio inferior.

— Essa garota vai acabar matando alguém ainda — diz, balançando a cabeça em negação, ficando um pouco mais relaxado. — Eu trouxe uma coisa para você.

— O quê? — pergunto com o coração batendo na cabeça, que não seja outro contraceptivo, Senhor.

— Trabalho, está lá na sala. — Dou-lhe um sorriso, curiosa, e, quando tento me erguer do seu colo, ele não permite.

— Terá a semana inteira para cuidar daqueles documentos — diz, me pondo sentada em cima da mesa e abrindo minhas pernas.

— Só me diga o que é — peço, ansiosa, Ettore faz uma expressão que não consigo definir.

— São as fichas dos funcionários da boate que precisam estar em ordem.

— Você as bagunçou só para que eu pudesse me sentir útil?

— Você é mais útil do que imagina, Helena — diz e beija o interior da minha coxa. Quero chamá-lo de mentiroso, mas meus lábios se abrem quando ele morde minha pele.

— Vamos para o quarto, eu quero explorar cada polegada desse corpo — profere, me tomando em seus braços, e me beija sem piedade.

CAPÍTULO 16

Helena Revicello

Capítulo 16

Vagueio por uma loja infantil ao lado de Fiorella, ela está montando o enxoval do bebê, ou melhor, pegando tudo que vem pela frente, porque a quantidade de roupinhas diferentes é exorbitante.

— Por que está comprando tantas roupinhas para recém-nascido? O seu bebê vai ser enorme — digo, jogando para dentro do cesto um pijaminha infantil.

— Na verdade, eu nem estou olhando o tamanho, só estou entediada, Hell, não posso fazer força, nem exercícios, além de pilates. Ficar presa dentro de casa está acabando com o meu juízo.

— Falta menos de quatro meses, logo acaba, e o bebê está bem, isso é o mais importante. — Ela assente, me estendendo outra roupa. — E como você e Franco estão? — pergunto, e um brilho surge em seu olhar.

— Franco está tendo uma paciência bem grande com a minha impaciência. — Ella sorri. — Ele está comprometido em fazer

dar certo, então estamos bem — diz, pegando a cesta da minha mão e entregando para um dos seus seguranças atrás de si.

Franco comprou um shopping para que ela pudesse fingir que tem uma vida normal e aumentou a sua segurança, esta foi a única forma de deixá-la sair de casa, Fiorella não disse com todas as palavras, mas parece que a máfia inimiga está cada vez mais ousada.

Deixamos a loja de roupas infantil e caminhamos até a praça de alimentação.

— Já passou de uma semana, Hell, não está curiosa para saber se está grávida? — pergunta baixinho quando paramos em frente a uma farmácia.

Encaro minha amiga, sentindo um embrulho no estômago. Esses últimos dias foram maravilhosos, durante a tarde eu reorganizei todos os documentos que ele me trouxe por ordem alfabética e, durante a noite, Ettore saciava a nossa fome, um pelo outro, e eu não me permiti pensar no teste.

— Mudou de ideia, não deseja mais um bebê? — pergunta, puxando-me para a realidade.

— Não é isso, Ella. Ettore ainda não quer ter filhos e, se der positivo, não sei o quão indignado ele ficará.

— Não vamos nos preocupar com isso sem antes saber o resultado — diz e me puxa para dentro da farmácia.



Atiro-me no sofá da Fiorella com minhas entranhas em uma batalha. Depois que compramos o teste de gravidez, não consegui pensar em comer, precisava correr para um banheiro e acabar logo com essa agonia, mas também não podia fazer isso em um banheiro público.

— Está bem? Parece que viu um fantasma, Hell — Fiorella comenta, vindo da cozinha.

— Estou ansiosa — falo com a mão no coração, ele bate com força.

Sou jovem, mas já imaginava que, quando Carlo me casasse, teria muitos filhos com quem quer que fosse o meu esposo. E pela primeira vez em toda a minha vida eu teria algo meu, algo que ninguém poderia me tirar. Eu teria uma família de verdade, e isso, de certa maneira, me enchia de esperança.

E agora estou em cólicas, não sabendo se fico feliz ou triste com qualquer que seja o resultado desse teste.

— Vamos para o meu quarto — diz, me puxando para cima pelos braços.

Sinto o meu corpo inteiro como uma gelatina, mas firmo as pernas e a sigo para o andar superior, ainda que estejamos a sós na casa, é melhor não arriscar.

Quando ousou me atirar na cama, Fiorella me segura com força pelos ombros.

— Você reage ou te darei uns tapas — expressa com um sorriso e tenho certeza de que ela adoraria fazer isso.

— Me dê o teste! — exclamo com uma voz confiante que não me convence em nada.

Fiorella estende o palito já descartado e me manda mijar na pontinha, dou-lhe um sorriso e sigo para o banheiro, deixando a porta entreaberta. Meu nervosismo é tão grande que preciso me concentrar para realizar o teste.

Eu não peço a Deus para ser positivo ou negativo, apenas peço que seja a vontade Dele. Deixo o banheiro, estendo o palito de volta a Fiorella e me sento na ponta da cama, ansioso os dois minutos passarem.

— Tem conversado com Sienna? — pergunta, e sei que faz apenas para distrair a minha mente.

Faço que não com a cabeça, incapaz de pensar em qualquer outra coisa.

— Helena — encaro seus olhos e, pela primeira vez em anos, não consigo decifrá-los —, deu negativo.

— *Oh...* — imito, um tanto surpresa, e o alívio que achei que sentiria não veio.

— Você está bem, Hell? — pergunta, sentando-se ao meu lado, dou-lhe um sorriso sem graça, pois é estranha essa sensação que me invade, parece muito com vazio, o que de fato é, pois não estou grávida.

— Só achei que ficaria mais tranquila, afinal, Ettore ainda não quer ter filhos e...

— Eu menti — diz de repente. — O Consigliere tem uma mira do caralho. — Ela ri enquanto me entrega o teste, onde a palavra grávida se destaca ao lado de um sinal de **1-2**, significa que o bebê foi concebido aproximadamente **1-2** semanas atrás.

— Ai, meu Deus! — balbucio, desacreditada. — Ai, meu Deus, eu estou grávida! — grito e levo as mãos rapidamente para cobrir a boca.

Cacete, isso é tão irreal. Tenho vontade de me beliscar para ter certeza que não estou sonhando.

— Quando vai contar a ele? — pergunta, fazendo meu coração disparar.

— Está parecendo a Sienna — repreendo.

— Pelo amor de Deus, Hell, as três semanas que passei nessa casa sozinha não valeram a pena o silêncio.

— Conto hoje à noite — respondo e me deito para trás, encarando o teto sem conseguir medir o tamanho da inquietação que há em meu âmago e a briga que teremos. Talvez seja hora de eu perguntar sobre a Katherine.

— Vamos descer, limparam a piscina e Elói preparou um bolo. — Ela dá um sorriso iluminado.

— Acho melhor eu ir embora, Ella, não vou conseguir pensar em mais nada.

— E ficará fazendo o que em casa? Ettore chegará só mais tarde.

Preciso começar a pensar em uma maneira de contar que não acabe com o meu casamento. Ele não vai acreditar que as duas pílulas tenham falhado, e eu também não sei se quero seguir nessa linha, mentir, nosso casamento já foi oficializado na mentira, não precisamos mais disso.

— Está bem, sua chata — aviso, criando coragem para sair da cama.

Minha amiga corre animada para dentro do closet e volta com uma porção de biquínis, jogando-os em cima da cama.

— Franco deixa você usar isso? — pergunto, pegando um conjunto rosa fluorescente estilo cortininha, bem pequeno.

Ella dá um risinho.

— Ele nunca me viu de biquíni — esclarece, pegando um conjunto de banho tomara que caia estilo animal print.

Essa Fiorella é um perigo. Nos trocamos rapidamente, minha amiga para em frente ao espelho e se admira. Olho para a barriguinha dela e tento me imaginar com aquele volume, mas ainda não consigo, parece tão irreal, há cinco minutos eu era apenas a Helena, agora eu sou mãe...

Descemos e, pela janela da cozinha, enxergo Renzo fumando, escorado contra uma pilastra, depois que Ettore o atacou na cozinha, ele tem ficado mais distante, quase nem fica na cozinha tagarelado com Margot.

— Elói, nos leve o bolo na piscina — Ella pede, seguindo até a porta, quando ela abre, Lazzaro aparece na entrada dá uma breve inspeccionada nela e em mim.

Tenho certeza de que o ouvi suspirar.

— Vou mandar os seguranças darem uma volta — avisa, saindo à nossa frente, tenho vontade de revirar os olhos.

Fiorella não aguarda e sai atrás do homem, visto que a piscina fica bem na frente da casa. Se Franco não quisesse que a esposa usasse, não devia tê-la limpado.

Sigo Fiorella e de longe encontro o olhar de Renzo, parece tão animado quanto Lazzaro ao nos ver seminuas, lhe dou uma

piscadela e sua expressão congela, quero rir, mas, quando nos aproximamos, apenas digo:

— Tem bolo na cozinha. — Ele assente.

Sento-me com Fiorella e ajudo-a a passar o protetor solar, estamos em maio e o calor está tórrido, não sei o que nos aguarda para o verão.

— Queria que Sienna estivesse aqui — comenta, me olhando por cima do ombro.

— Eu também, mas, depois da confusão que arrumei, eu não tenho certeza se Carlo a deixaria vir para cá. A única filha sã que ele tem. — Fiorella me encara chocada.

— Ela faz vinte em alguns meses, acho que papai a casará logo, ou as pessoas começaram a pensar que, de fato, há algo de errado com minha irmã.

— Com quem você acha que ele a casaria? — pergunto.

No tempo em que passei lá, não vi muitas opções, Piero é o mais jovem, mas Carlo o escolheu para mim, Romeo, o seu irmão, é velho, deve estar beirando aos quarenta. Acredito que Carlo não faria isso com Sienna, e há Teodoro também, o Consigliere da Outfit.

— Não tenho ideia, Hell. Só espero que não seja outro acordo, Sienna devia ter a chance de escolher.

— Isso não vai acontecer, e você sabe — respondo e abro um sorriso quando Elói nos alcança o bolo de brownie com uma bola de sorvete em cima.



A tarde passou mais rápido do que eu desejava, e ainda não tenho um jeito fácil de contar a Ettore, isso vai me assolar até o anoitecer, espero não perder a coragem até lá.

Penso e sinto uma forte fisgada na perna, gemo de dor, percebendo que é câimbra, nado até a extremidade da piscina e me sento na beirada, abraçando a perna, tentando acalmar a dor.

— O que foi, Hell? — Fiorella se levanta da cadeira que passou a tarde toda sentada.

— Câimbra — digo com os dentes trincados. — Cacete, como dói! — praguejo.

— Estique a perna. — O segurança surge do outro lado, fazendo com que Ella se afaste. — Peça a Elói uma compressa, quente. — Lazzaro se agacha na minha frente, ele estende minha perna com cuidado e massageia a minha panturrilha endurecida.

Mordo o lábio com força e me apoio nos cotovelos, sentindo uma dor do caralho.

— Está passando? — Os olhos dele encontram os meus, e seus dedos colocam mais pressão, fazendo meus lábios se entreabrirem.

— Não — aviso, segurando em seu braço para diminuir a pressão.

— Não lute contra a câimbra. — Com os dentes cerrados, eu deixo a cabeça cair para trás, aguardando essa tortura passar.

Respiro fundo e ergo a cabeça quando escuto barulho de carros entrando. Franco aparece na minha linha de visão, mas meus olhos se perdem em Ettore atrás do Capo.

— E agora, Helena? — Lazzaro faz-me cortar o contato visual, solto o seu braço e movimento a perna.

— Está melhor, obrigada — aviso, e o segurança me ajuda a levantar.

— Cadê a minha esposa? — Franco pergunta a ele andando em direção à casa, Ettore o segue com uma expressão irresoluta.

— Estou aqui. — Ella surge com um sorriso, vestida com uma saída de banho branca e a compressa quente, ela entrega a Ettore, que não tem escolha a não ser pegar, pois Franco está olhando.

— Sua esposa estava com câimbra — minha amiga diz com um sorriso. — Jantam conosco? — pergunta docemente, ainda parada a sua frente.

— Obrigado, fica para outro dia — diz e me olha. — Se vista. — Trinquei o maxilar pelo seu tom de voz e me vesti com a saída de banho que Ella me alcançou.

— Levo suas coisas outro dia. — Ela me dá um olhar preocupado, e eu sorrio, tentando acalmá-la.

Entramos no carro, e Ettore joga a compressa para o banco de trás, ele arranca antes mesmo de eu pôr o cinto. Quero saber o que diabos ele tem, mas seguro minha língua dentro da boca, melhor não começar uma discussão dentro de um carro em alta velocidade.



— Ettore, o que deu em você? — pergunto, fingindo demência quando entramos no elevador.

— O que deu em mim? — Sua voz soou ríspida e cortante enquanto me olha pelo reflexo do espelho pela primeira vez desde que deixamos a mansão Fiore.

Engulo sua hostilidade, sentindo o coração bater na cabeça quando percebo seu olhar de censura descer pelo meu corpo. *Argh, porra de biquíni.* As portas do elevador se abrem, graças a Deus, já estava começando a me sentir sufocada. Ele desce na minha frente, tirando o paletó e o jogando em cima do sofá, depois afrouxa a gravata com aspecto de irritação.

— Eu disse que não seria minha prisioneira, Helena, mas teria que agir como uma mulher casada, e você está fazendo tudo, menos isso.

— Eu não fiz nada errado — protesto.

— Sua aproximação com o segurança não é adequada e nem normal — repreende, e posso ouvir a raiva em sua voz.

— Lazzaro só estava me ajudando. — Ele ri, arfando ar pelo nariz.

— Quero que me diga a verdade, ele já a tocou alguma vez?

Meu sangue se esvai do rosto quando penso que só estou aqui porque errei de quarto, mas Lazzaro nunca tocou em mim de

maneira alguma, e não sei o que faço ou falo para Ettore acreditar em mim.

— Não.

— Está mentindo na minha cara, e eu não vou permitir isso.

— Seu tom de voz me flagela, Ettore cerra o maxilar e inspira lentamente. — Tem alguma coisa entre vocês dois, eu só estou te pedindo honestidade — diz com a voz mais calma.

Sinto as lágrimas brotarem em meus olhos, penso em inventar uma história para que Ettore desencane, mas não quero ter um casamento com base em mentiras.

— Ele nunca tocou em um fio de cabelo meu — reforço, e a expressão do meu marido se torna dura.

— Mas... — refuta.

— No casamento da Fiorella, me perguntou como eu sabia que aquele era o seu quarto... Eu não sabia, errei o quarto — falo, totalmente rubra de vergonha, assistindo à veia na testa de Ettore ficar saliente. — Mas nunca tive sentimentos por ele — adiciono, e Ettore solta uma espécie de riso que não me agrada, ignoro, pois sei que parte disso é culpa minha também.

— Você ia se entregar para ele, mas não tinha sentimentos! — exclama em tom irônico.

— Eu só queria me tornar uma mulher, não ligava se fosse com ele ou...

— Comigo — adiciona mordaz e dá um passo na minha direção, fazendo-me dar dois para trás. — Agora você é, então trate de agir feito uma — cospe cada palavra carregada de fúria, fazendo-me derramar as lágrimas.

— Isso não é justo. Eu não sabia que acabaria casada com você, se eu soubesse, teria seguido outro caminho.

— Será que teria? — pergunta retoricamente e me dá as costas.

Merda! Praguejo e me sento no sofá, sentindo uma repentina tremedeira. Lá se foi a revelação da gravidez. Deito-me com um aperto no peito, pensando se fiz bem em ter contado a verdade, eu podia ter simplesmente negado, seria a minha palavra contra a de Ettore... então, de qualquer maneira, ele estaria com a razão. *Argh!*

Ettore Reviello

Entro no banho gelado, antes que eu acabe fazendo uma besteira, é a única forma de tranquilizar a combustão que Helena acendeu dentro de mim. Todo esse maldito tempo e tudo que ela queria era ter transado com Lazzaro. Esse pensamento me enfurece e ela insistir que não sente nada pelo segurança é outra mentira. Como sou estúpido, não devia ter caído nas graças de Helena, essa hora não estaria com essa puta dor de cabeça.

Deixo o banheiro, e ela já está sentada no seu lado da cama, evito contato visual, aquele olhar persuasivo de minutos atrás ainda está na minha mente.

Visto uma cueca no closet e desligo a luz no caminho para o quarto. Deito-me de costas para ela, sem ter certeza de que vou conseguir dormir, e ela se aconchega perto de mim. Seu corpo parece uma fomalha querendo incinerar o meu.

Prendo a respiração quando sua mão traceja pela curva da minha cintura até o meu abdômen e seguro-a no lugar. Sei o que ela está tentando fazer, mas sexo não será a solução dessa vez.

— Helena! — exclamo em tom de advertência, a morena me ignora e planta um beijo no meio das minhas costas, sua mão se livra da minha e seus dedos se enrolam nos pelos do meu abdômen. — Estou com raiva, é melhor parar com isso.

— Não pode sentir raiva por algo que eu não fiz — sussurra e morde a região da minha costela com força, me fazendo ter a porra de um arrepio, e desliza sua delicada mão para dentro da minha cueca. Meus dedos se fecham em torno do seu pulso quando ela pega meu pau.

— Não vou te comer, então, pare com isso — aviso, e seus dedos me apertam com mais força, sinto o meu pau latejar em sua mão.

— Quer apostar que vai? — pronúncia com uma voz doce e excitante, e massageia a cabeça do meu pau com o polegar. Enrijeço com força. Helena me tem em suas mãos novamente. *Desgraçada*.

Solto seu pulso, incapaz de rejeitar o seu toque, a morena aprendeu direitinho como me deixar maluco. Ela gruda os seios em minhas costas, e sua mão começa a fazer pequenos movimentos, fecho meus dedos em volta dos dela para não cansar e sinto-a pressionar sua boceta em minhas nádegas, isso a deixa excitada, imagino-a toda molhada para mim e fico maluco.

— Me solte — aviso, puxando seu pulso.

— Ettore... — choraminga e se senta quando me viro de barriga para cima, chutando a cobertura para longe e ligando a luz do abajur.

— Vire-se de costas — ordeno, Helena cerra o maxilar para esconder um sorriso de vitória e gira, me dando as costas.

Encaro o seu traseiro empinado e livre de tecido, mordo o lábio quando deslizo a mão por suas dobras e, como eu previa, está pronta para mim.

— Quero que sente com essa boceta gostosa em meu rosto. — Ela me olha por cima do ombro e a face se ilumina.

Pego-a pelo quadril e a puxo para trás, posicionando suas pernas em volta da minha cabeça, tendo uma visão gloriosa da sua pequena boceta bem rosada e aberta para mim.

Agarro as bochechas da sua bunda com as mãos abertas e desço a sua fenda até os meus lábios, minha língua invade o seu centro quente e úmido, e, porra, ela tem um gosto tão bom que eu poderia simplesmente fodê-la com minha boca a noite inteira.

A morena guia meu pau até os lábios quando começo a sugar seu clitóris e sua língua desliza pela fenda da cabeça ao mesmo tempo em que me acaricia de novo e de novo, pegando um ritmo, como eu havia ensinado dias atrás.

Ah, ela é uma aluna aplicada e aprende muito rápido, meus lábios se abrem e não consigo conter um gemido quando ela me engole inteiro, me chupando com devoção.

— Puta merda, morena, vá devagar — aviso, mordendo a poupa da sua bunda e lhe dando um tapa, abrindo-a mais para mim.

Enterro meu rosto em sua boceta e, conforme ela me chupa incontrolável, não consigo provocá-la para depois ir aumentando, minha língua desliza por toda sua extensão cada vez mais molhada, meus lábios se fecham em torno do seu clitóris, Helena arfa e geme em desespero, se esfregando em meu rosto. Devoro-a, chupando, lambendo e enfiando minha língua na sua fenda apertada. Suas

unhas cravam em minha coxa, seu corpo se contrai em cima do meu, mas ela continua chupando a cabeça do meu pau à medida que goza em minha boca.

Ela se engasga com a respiração acelerada, mas não perde o ritmo, seus lábios se fecham em torno de mim com mais força, a morena ergue a bunda, deixando-me assisti-la devorar o meu pau. É uma visão dos infernos, como ela consegue ser tão gostosa? Pergunto-me, chegando ao meu limite, e me derramo dentro da sua boquinha de veludo. Com um rugido passando pelos meus lábios, Helena sorve até a última gota, me deixando orgulhoso.

Sua cabeça cai entre minhas pernas, parece exausta, rio da posição que se encontra e a viro para o lado. Ela engatinha até mim e se deita no meu braço, com a cabeça repousando na curva do meu pescoço, sua respiração acalma aos poucos e seu corpo relaxa por inteiro.

Sinto-me castrado, uma boceta nunca acalmou os meus nervos, não sei o que Helena tem que me deixa completamente sem direção.

CAPÍTULO 17

Helena Revicello

Capítulo 17

Encaro-me no espelho e ajeito as mangas bufantes do meu vestido azul-petróleo. Ettore e eu sairemos para jantar hoje à noite, meu coração está tomado de ansiedade, eu venho tentando encontrar uma forma de contar a ele sobre o bebê a semana inteira, só que, por obra do Satanás, ele tem chegado depois de altas horas da noite ou está estressado pra caralho. Não vejo como jogar essa bomba em cima dele e torcer para que as coisas fiquem bem, já enfiei na minha cabeça que teremos uma briga dos infernos, só espero ser forte e ter paciência o bastante para aturar o seu mau humor.

Afivelo um cinto preto à minha cintura, jogo os meus cabelos que deslizam em ondas em minhas costas e desço, criando coragem para mais tarde.

Ettore está sério, em pé, no meio da sala, tomando uma dose de uísque e possivelmente enviando uma mensagem no telefone. Ele não comenta comigo sobre os problemas que está enfrentando,

mas, ao que tudo indica, a Camorra não reagiu bem à visita inesperada que Franco fez à cidade meses atrás.

Meu marido, que veste um caro terno preto, com corte italiano, guarda o telefone na calça e me dá toda a sua atenção.

— Uau! — solta, admirado, e me estende a mão com um sorriso que aquece todas as partes dentro de mim. — Como consegue ficar ainda mais linda? — Dou um sutil levantar de ombros, fazendo-o sorrir.

Engato o meu braço no seu e juntos entramos no elevador.

— Faz quase dois meses que moro aqui e ainda não tenho um cartão de acesso — menciono, o vendo deslizar na pequena tela.

— Se deseja sair, peça ao Renzo, ele irá te acompanhar de qualquer forma.

— Claro que vai. — Evito suspirar, já devia ter me acostumado, mas, quando vivia em Chicago, a única sombra que eu tinha era a minha.



Chegamos ao restaurante em poucos minutos e fico surpresa por não ser de comida italiana e por encontrar o meu segurança no lado de fora, ele fez de conta que nem nos vê e fica fumando escorado contra um poste de luz. Que romântico!

Ettore me conduz ao lado de uma fila, supostamente de espera, ele dá um aceno breve a recepcionista, e passamos direto. Outra mulher surge em nosso caminho, com um sorriso exuberante para o meu marido, e tenho vontade de arrancá-lo com um tapa.

— Ettore, quanto tempo não vejo por aqui. — Menciona docemente.

— Suzanne, é bom vê-la novamente. — Ele diz respeitoso, e me olha com um sorriso — Está é minha esposa, Helena. — A expressão sorridente da mulher se esvai por uma fração de segundos.

— É um prazer senhora Reviello. — É um prazer uma ova, penso, mas apenas lhe dou um sorriso enquanto aliso o braço do meu marido, como um sutil aviso: *Meu*.

Ettore me leva até uma mesa mais reservada no canto do salão, muito iluminada com pequenos e românticos lustres com luz quente em cima da mesa, e ao nosso lado uma ampla janela de vidro redonda.

Ettore puxa minha cadeira e quando me sento uma bebezinha de cabelos bem pretos e olhos claros, agarrada na escora da cadeira, acena para mim, pisco um olho de cada vez para ela, que sorri deixando o bico cair da boca. Ettore apanha o bico da menina antes de se sentar e entrega a sua mãe, pode parecer ser bobo, mas com todo o peso da máfia nas costas, esse pequeno gesto o fez parecer mais humano, para mim.

— É muito romântico aqui, costumava vir sempre? — pergunto, e reflito por um momento se Ettore já trouxe outras mulheres nesse restaurante ou a única que ele comeu desse lugar foi à loira de farmácia Suzanne.

— Quase todos os dias, mas ultimamente estou muito ocupado.

— Não pensou que uma esposa poderia te ocupar tanto tempo.

— Ficar com você vale cada segundo do meu tempo, Helena.

— Não vamos transar no banheiro. — brinco, tirando o meu pé do salto e deslizando pela sua coxa.

— A tentativa é livre. — Diz fazendo-me chutá-lo por baixo da mesa.

O garçom se aproxima com os cardápios, e durante o tempo que Ettore pede as bebidas eu escolho o meu prato: *lagosta grelhada*. Enquanto vejo-o fazer o nosso pedido, sinto um frio na barriga, indecisa se espero o jantar chegar ou largo a bomba agora... vou ter que parar de me referir ao bebê como uma bomba, sorrio.

— O que foi? — pergunta me dando total atenção.

Diga Helena! Meu cérebro incita quando abro os lábios, mas nada sai, já brigamos na semana passada, não tocamos mais no assunto do segurança, suponho que Ettore está tentando engolir aquela situação, e não quero estragar o momento.

— Ham... — Emito, buscando as palavras, enquanto ele permanece me olhando, — Está feliz com o nosso casamento? — *Ah, claro, fique dando voltas.*

— Estou você não? — indaga com uma expressão ilegível.

— Também estou, — afirmo pegando sua mão em cima da mesa, — Tem uma coisa que eu quero dividir com você, eu não sei como dizer isso Ettore, — expresso sentindo o coração bater na cabeça.

— Helena — ele chama, me deixando ansiosa —, se abaixe!
— Sua voz reverbera, o encaro confusa, até escutar uma sequência de tiros vinda do lado de fora, Ettore se joga por cima de mim e rolamos para o chão. O terror se manifesta no meu corpo em forma física quando a janela onde estávamos sentados se transforma em uma chuva de vidros e de repente o som de pneu derrapando e um grande estrondo.

A gritaria toma conta dos meus ouvidos, me deixando desorientada.

— Você está bem? — Ettore se afasta, e me sinto enjoada.
— Helena! — Ele me puxa pelos ombros, me obrigando a me sentar, tento olhar para trás de mim, mas Ettore não permite.

— Sim, estou — balbucio, ainda tentando entender o que está acontecendo.

— Precisamos sair daqui, consegue andar? — pergunta, mas tudo que eu consigo é prestar atenção nos choros e lamentações atrás de mim.

— Ettore, o que está acontecendo? — questiono e, quando olho para baixo, a chupeta da menina está ao meu lado, a pego e, na hora em que tento me virar novamente, ele não permite.

— Não olhe. — Sua voz é de consternação, e sinto meus olhos se encherem d'água.

Ettore pega o telefone e, no momento em que ele vai iniciar uma ligação, o telefone toca com uma chamada.

— Renzo — ele diz ao telefone, com cautela e sem desviar os olhos dos meus, — Está vivo?... — pergunta depois de um longo momento. — Consegue levá-lo ao Escala? — Ettore desliga.

— Renzo está bem? — pergunto.

— Levou um tiro no ombro, mas vai ficar bem.

Ettore me puxa para os seus braços, eu enterro o rosto na curva do seu pescoço com o coração tão apertado que parece que foi esmagado. Chegamos à recepção e enxergo Suzanne agachada ao lado de um corpo, possivelmente sem vida.

— Consegue andar? — pergunta.

Assinto, pois parece que minhas cordas vocais estão emaranhadas, me dando uma sensação de sufocamento. Ele me solta no chão com cuidado e pega o telefone do paletó, ele envia uma mensagem rapidamente e o guarda.

— Vem atrás de mim — avisa, deixando o restaurante à minha frente, Ettore caminha com passos determinados e seu aperto em meu pulso é tão firme que quase dói. Atravessamos a rua, que nesse momento está vazia, quem quer estivesse passeando por aqui encontrou algum lugar para se esconder. O que facilita enxergar uma moto colidida contra um poste, mas sem o motorista.

Alcançamos o carro, Ettore me empurra para dentro, pelo lado do motorista, e depois entra, batendo a porta com força. Assim que o carro ganha vida, Ettore pesa o pé no acelerador, e chegamos à cobertura dentro de poucos minutos.

Entramos no elevador, o seu silêncio é profundo e a raiva que ele sente é visível em cada milímetro do seu corpo. Tenho vontade de perguntar em que está pensando, se posso ajudá-lo de alguma forma, mas sinto que é melhor ficar calada.

Ettore sai do elevador à minha frente, indo direto para o escritório com o telefone nas mãos. E não tenho forças para ir atrás dele, embora eu queira muito saber que diabos aconteceu no restaurante, mas estou mentalmente esgotada e não preciso discutir com Ettore de cabeça quente.

Subo para o quarto e só quando me sento na cama percebo que estou segurando o bico daquela menininha. Meus olhos são tomados de lágrimas e só tudo que sinto é vontade de me deitar e chorar. Se não tivéssemos naquele restaurante, nada disso teria acontecido, aquelas pessoas estariam vivas... deito-me para trás, letárgica, e me enrolo no meio da cama.

Não sei quanto tempo estou deitada, encarando o bico da menina dentro da palma da minha mão, só que não há mais lágrimas para chorar, meu nariz entupiu e uma sensação de derrota me aflige.

A cama afunda atrás de mim e os dedos dele seguram o meu braço delicadamente. Ettore me vira para ele, sua expressão não é diferente da minha.

— Você está bem? — pergunta.

Mexo a cabeça em negação e o vejo assentir sutilmente.

— Aquilo não era pra ter acontecido — expressa e vejo a escuridão tomar conta dos seus olhos. — Nunca deixarei nenhum mal acontecer com você — diz, deslizando uma mecha do meu cabelo para trás, e deposita um beijo em minha têmpora. Ettore se afasta, levando o calor corporal consigo.

— Aonde você vai? — pergunto.

— No Escala, Renzo pegou o atirador, ele não vai durar até o amanhecer, e eu preciso dar uma palavrinha com ele.

— Ettore, não vai — suplico.

— Descanse, eu volto antes do amanhecer — diz simplesmente e me dá as costas.

Minha cabeça cai para trás e sei que não terei paz a tê-lo de volta dentro de casa.

CAPÍTULO 18



Ettore Reviello

Capítulo 18

Atravesso as portas metálicas do Escala, tentando controlar a raiva que se instala dentro de mim quando enxergo Franco e Dom com as mãos pingando de sangue, desgraçado, sempre afobado. Os dois se viram para mim, revelando o atirador apagado, me aproximo, dando uma boa inspecionada no homem, há tanto sangue no rosto que é difícil identificá-lo.

A cena do restaurante percorre a minha cabeça e sinto o sangue inflar nas minhas veias só de pensar que Helena poderia ter se ferido nesse atentado. Imaginar perdê-la me provoca uma forte inquietação que eu jamais supus que poderia sentir novamente.

— Onde está Renzo? — quero saber.

— Cesare o levou para sua clínica, a bala ficou alojada — Franco esclarece e questiona: — Helena se feriu?

— Não — assobio entre os dentes e penso na morena e no quão assustada ela está, contudo, não me seguro nesse pensamento, ela está bem e segura, isso é tudo que importa.

— Não custava esperar — censuro Domenico, e um risinho se abre nos lábios do filho da puta. O homem aparenta ter os cabelos loiros, mas é difícil saber, visto que sangue cobre metade da sua cabeça.

— Só dei uma adiantada — rebate, cruzando os braços.

— Ele disse alguma coisa?

— O nome, Tammaso, e que serve ao Romano Carbone. — O *Chefe da Camorra*. — O telefone dele está sem bateria, talvez tenha alguma informação útil.

— Desgraçado, temos que fazê-lo parar, Franco — digo sem conter a minha raiva.

— Diga algo que eu não saiba, Ettore. A merda uma hora ia explodir, infelizmente foi agora.

— Se não tivesse xeretado onde não devia, a Camorra não estaria brincando em nossos territórios como se não passássemos de meninos bobos e inofensivos! — exclamo sem um pinga de paciência.

— Eles deram um tiro na minha mulher ou você esqueceu, antes mesmo de eu pôr o pé naquele lixo de cidade, então trate de se acalmar, porque não vamos deixar por isso mesmo. — Cerro os dentes antes que eu perca a cabeça e fale alguma besteira.

Respiro fundo e me afasto, pegando um copo de água, me aproximo do homem atirado em uma cadeira e preso por algemas, derramo o líquido em cima da sua cabeça, ele desperta, mas seus olhos estão tão machucados que mal consigo distinguir a cor deles. Encaro Domenico com vontade de lhe dar um murro e o desgraçado me dá um sorriso malicioso.

— Se te deixa menos irritado, ele não chegou aqui muito melhor que isso — Dom diz, se escorando na mesa atrás de si, tiro o meu paletó e jogo na poltrona ao lado.

Viro-me para o homem, seu corpo assume uma posição rígida quando me aproximo, dobrando as mangas da camisa para cima, com uma calma desconhecida até para mim.

Torturar nunca foi algo que me deu prazer, ao contrário de Franco e Dom, minha mente calculista sempre fez um bom trabalho, contudo, nesse mundo onde o errado é o certo, é inevitável não sujar as mãos de sangue.

— Sabe quem eu sou? — pergunto, puxando uma faca cerra dorsal do colete, o homem cospe sangue no chão ao seu lado.

— Não direi nada — diz, e a dor é visível até em sua voz.

Emito um riso.

— Isso é o que veremos — declaro com honestidade e, com a força comedida, aplico um golpe com a ponta da lâmina no seu olho esquerdo, giro a faca e puxo, arrancando o seu olho da órbita, o grito dele sobe um quarto e se torna uma melodia para meus ouvidos. Franzo o nariz, analisando a cor dos olhos, preto com certeza.

O sangue escorre pelo buraco do olho e o cheiro metálico invade meu olfato. O homem geme com as mãos em punhos e o único olho bem fechado.

— Cinquentinha que você não consegue fazer no outro — Dom incitava, maluco para assumir o controle.

Estalo a língua.

— Se eu arrancar os dois, ele não poderá ver como ficará no final. Tem aquele cortador de charutos ainda? — pergunto a Franco, e ele me dá um sorriso perverso.

— Está sem fio — avisa, o apanhando na mesa.

— Melhor ainda — assobio, estendendo a mão para apanhá-lo.

Esse infeliz desejará nunca ter atravessado o meu caminho, penso, analisando o cortador: pequeno e metálico, com três buracos, dois para os dedos e um para o charuto. *Perfeito.*

— Tammaso, eu quero que pisque *um* olho se estiver me compreendendo — digo e não consigo evitar rir quando vejo a expressão de Dom.

— Não direi nada — o homem persiste, tem culhões, não posso negar.

— Dom, abra os dedos dele para mim. — Tammaso arfa quando o grandão sem orelha arregança seus dedos, e eu deslizo o cortador em cima da sua unha.

— Seu desgraçado — grunhe entre um gemido e outro, e ainda assim não está digno de pena.

— Eu vou te arrancar um dedinho agora só para você entender o que vai acontecer com os outros dezenove, caso dê uma resposta que eu não goste.

— Vá se fo... — Ele explode em um grito e convulsiona quando deslizo o cortador sobre sua unha. É, está totalmente sem fio.

Coloco o cortador em outro dedo e espero Tammaso se acalmar, ele me encara e há lágrimas em seu olho.

— Quantos mais há de vocês em Manhattan? — pergunto.

— Vá... — Arranco seu dedo anelar, indo para o próximo, prometi a Helena que voltaria antes do amanhecer, e vou cumprir, nem que eu tenha que empalar esse homem aqui, no meio da sala.

— Eu não dire... — Bufo, gostaria de saber como eles têm paciência para isso, tiro o seu dedo do meio e me viro-me para Domenico, ele encara os cotocos de Tammaso, como se estivesse analisando uma obra de arte.

— Quer arrancar o pau dele? — pergunto, e algo animalesco brilha nos olhos de Dom. Afasto-me, lhe entregando o cortador, e ando até Franco, ele está tomando um gole de uísque direto da garrafa, ele me alcança e me dá um olhar silencioso.

— Acha que meu pai lidaria melhor com a situação? — pergunta, dou um longo gole, imaginando o que Riccardo faria, provavelmente mandaria uma elite de assassinos provocar o inferno no território deles, já Franco, ele mesmo iria e faria o caos se não estivesse com Fiorella apresentando uma gravidez de risco e a narcóticos de olho em nossas drogas.

— Claro que não, chefe — expresso com respeito, pois ele não merece menos que isso.

— Vamos descobrir quem são esses porcos e decapitá-los, mandaremos só as cabeças de volta. — Nunca senti tanta firmeza em sua voz.

Viro-me a tempo de assistir a Dom arrastar as calças do cara até os joelhos. Ando até lá, começando a ficar impaciente.

— Quantos mais há de vocês em Manhattan? — questiono, e Dom corta a cueca do homem com uma faca, expondo seu pênis, ele solta a faca e pega o cortador com um sorriso diabólico.

— Comece pelas bolas, Dom — aviso, dando as costas para o homem.

— Somos dois e, nesse exato momento, ele está na sua casa, fodendo a putinha da sua esposa, ele vai arregaçá-la tanto que irá caber três paus dentro daquela boceta.

Suas palavras aquecem meu sangue, levando-o direto para minha cabeça, paro à sua frente totalmente cego de ódio e dou exatamente o que ele quer, uma morte rápida. A cada golpe em seu rosto, o sangue flui pelo buraco do olho, nariz e boca, e o desgraçado ainda exhibe um sorriso de vitória. *Ainda não.*

— Se você quer sorrir, Tammaso, será nas minhas condições. — Pego uma faca menor do colete e, sem medir forças, faço um sorriso de orelha a orelha na cara dele.

— Agora sorria, palhaço. — Saco minha arma e dou um tiro no meio da sua cara, farto dos seus gritos.

— Cara, todos falam merda pra que termine mais rápido. — Domenico não parece animado que a diversão dele tenha acabado antes mesmo de começar. O ignoro e ando até o banheiro, lavo minhas mãos, e elas tremem como nunca.

— Vá para casa — Franco diz com o telefone na mão, possivelmente conferindo com o segurança o estado da esposa.



Chego em casa com o coração apertado dentro do peito. Como fui estúpido de deixá-la sem seguranças, penso, subindo as escadas com pressa para o segundo piso, entro em nosso quarto e encontro Helena esparramada na cama. O ar volta para os meus pulmões e sinto até o meu

coração começar a bater no ritmo normal. Deus, eu jamais me perdoaria se algo acontecesse com ela.

Tomo um banho demorado, mas parece que é insuficiente para tirar a sensação de imundice que há em minhas mãos. Volto para o quarto e deixo apenas a luz do abajur acesa quando me deito. Helena se vira para mim, seus olhos se iluminam quando me enxerga, ela se aninha em meu braço e, sem fazer perguntas, volta a dormir. Eu permaneço de vigília, tentando dissolver da minha mente as últimas palavras de Tammaso.

CAPÍTULO 19

Helena Revicello

Capítulo 19

Deitada em um maravilhoso tapete felpudo, eu faço a posição *The Roll Over*. Flexiono minha coluna e os quadris para cima e depois para trás, até os meus pés tocarem o chão atrás da minha cabeça.

— Saudades dessa flexibilidade — Fiorella comenta, deitada em cima de uma bola de pilates ao meu lado.

— Está mais perto de tê-la de volta do que eu.

Ella já está com seis meses e parece que sua barriga triplicou o tamanho. Ajeito minha postura e encaro a minha, está chapada como sempre, se não tivesse feito o teste dias atrás, nem acreditaria que estou grávida de, aproximadamente um mês, e ainda nem contei ao Ettore.

Já se passaram duas semanas desde o incidente no restaurante, e eu simplesmente não consigo pensar em uma maneira de falar, eu estava com todas as palavras na ponta da língua quando

os tiros surgiram, mexo a cabeça, tentando espantar os pensamentos.

— Está pensando no atentado?

— Acho que nunca vou esquecer — digo e me escoro contra o sofá, pensativa.

Ettore me proibiu de correr no parque, de ir à academia, ou fazer qualquer coisa que seja no ar livre e o mesmo vale para Fiorella. Isso está me enlouquecendo, principalmente porque, quando ele sai, volta depois de altas horas da noite, muitas vezes nem o vejo e, quando o vejo, está com um ferimento novo. Gostaria de saber se um dia isso vai ter fim. Uma família inteira perdeu a vida naquele restaurante, às vezes penso que aquilo pode acontecer com a minha a qualquer momento, e uma sensação de impotência e de estar sempre de mãos atadas me atormenta desde então.

Fiorella se ergue e me estende a mão.

— Vamos tomar um chá. Preciso de ideias, o aniversário de Franco é em uma semana, estou pensando em uma festa surpresa.

— Festa surpresa para o Franco? — pergunto, levantando-me, minha amiga assente com um sorriso.

Não consigo ver essa ideia como uma sábia decisão, mas não vai ser eu que vou tirar o sorriso do rosto dela.



Chego à cobertura antes do pôr do sol e ando direto para a varanda, aqui no alto é tão lindo que não resisto e venho sempre admirá-lo. O vento da primavera bate em meus cabelos e a sensação é quase libertadora. De repente sinto mãos se fecharem em torno dos meus braços, não preciso olhar por cima do ombro para saber quem é, mas faço mesmo assim, porque, de certa forma, vê-lo sempre me dá um sentimento de plenitude.

Ettore me abraça por trás e um dos seus braços atravessa o meu peito e se engata de um lado do meu pescoço, me inclino para trás, e ele planta um beijo no meu ouvido, fazendo-me arrepiar inteira.

— Como passou o dia? — pergunta em meu ouvido.

— Pilates, chá, conversa fiada.

— Não me parece muito animada — diz e me vira para eu poder encará-lo, o abraço pela cintura e enxergo uma pequena mancha de sangue em sua camisa branca, por baixo do paletó.

— Não acha que a vida devia ser mais do que mutilar e tomar chá da tarde? — ele me analisa, e seu indicador empurra meu cabelo para trás da orelha.

— Entendo que esteja sufocada dentro dessa cobertura, por isso comprei a academia do décimo andar pra você — diz e me estende um cartão de acesso, o pego, impressionada, sem medir o meu sorriso e lhe abraço forte na cintura. Parece simplório ficar feliz por algo tão simples, mas pensar que ele fez esse gesto por mim enche o meu coração de calor.

— Podemos descer lá agora? — pergunto, e Ettore me dá um aceno com um pequeno sorriso.

Passamos por Renzo na cozinha, Ettore lhe dá um sutil aceno para que permaneça sentado, e o homem volta a conversar

com Margot, ele não percebe, mas a cozinheira vive o bajulando desde que levou o tiro no ombro. Os homens são tão cegos, só enxergam aquilo que bem entendem, reflito e me sinto um pouco culpada por esse pensamento.

As portas do elevador se abrem, revelando uma grande academia vazia, mas muito bem equipada, não sei por que por um momento imaginei que teria outras pessoas aqui além de mim.

Ettore desce e o sigo para dentro da academia, as paredes que dão vista para rua são de vidros, deixando o ambiente bem iluminado.

— Há uma sauna também. — Ele aponta para uma porta de vidro atrás do que era para ser uma recepção.

— Uau! Tem quase tudo — digo, chamando sua atenção. — Só falta um *personal trainer*. — Os lábios do meu marido se curvam em um riso desdenhoso.

— Renzo não é dotado de músculos por nascença, ele vai auxiliá-la. — Rio, vendo-o se aproximar da janela.

— Ok. Vamos estreá-la — digo atrás de Ettore, removendo o top que estava usando para o pilates.

— Ainda visto o terno, Helena, e não estou no clima para levar peso — avisa, se virando para mim, sua expressão congela por um segundo.

— Você só precisa levantar uma coisa. — Ettore explode em uma risada maravilhosa.

Não perco tempo, meus dedos se enrolam no tecido sedoso da sua gravata e lhe dou um puxão firme. Os lábios dele moldam os meus firmes, suaves e perfeitos nos meus. Empurro meu marido para trás, arrancando o seu terno e abrindo os botões da sua camisa. Ettore cai sentado no banco supino e arrasta minha bermuda

de lycra junto da calcinha para baixo, monto no seu colo, sentindo sua ereção por baixo da calça. Ele abocanha meu mamilo e o prende com os dentes, na mesma hora em que pressiona dois dedos no meu clitóris, um grito rompe dos meus lábios pela dor e o prazer que se estende até o meu ventre, de repente me vi esfregando a boceta contra os dedos dele com urgência, e uma necessidade gritante crescendo para tê-lo dentro de mim.

— Tire o seu pau para fora, agora, eu quero gozar com você dentro de mim — miei em seu ouvido, mais excitada que nunca.

— Você sabe como me deixar maluco, morena. — Seu sorriso se alarga, e tenho que erguer o quadril para ele descer a calça. Agarrei-me a barra de ferro atrás de Ettore e o sinto deslizar a cabeça do pau em minha fenda molhada e depois friccioná-la no meu ponto latejante devagar e suavemente, fazendo-me tremer e pulsar, à beira de gozar.

— Ettore... — suplico, sentindo uma camada de suor se formar em minha nuca, mas ele me segura pelo quadril, me impedindo de fazer qualquer movimento.

— Você me deixa ainda mais duro quando implora — declara em tom grave, segurando nas bochechas da minha bunda e, sem avisar, se enterra profundamente em minha boceta encharcada.

— Oh, céus! — grito, sentindo-o grosso e potente dentro de mim.

— Deus, Helena, você é tão quente por dentro — vocifera, me apertando ainda mais contra ele, me agarro ao ferro do equipamento, e as mãos de Ettore moem meu quadril quando eu começo a cavalgá-lo, fazendo cada movimento mais intenso que o interior. Sua boca traceja a minha pele e os dentes dele mordem meu mamilo, grito, enterrando minhas unhas em seu couro cabeludo.

— Você gosta disso, não é? Gosta de sentir os meus dentes.

— Ahhh... eu amo — afirmo, me contorcendo em cima dele, sentindo o primeiro espasmo do orgasmo. — Faz de novo — mando, sentindo os picos de prazer mais fortes.

Ettore brinca no meu mamilo duro com a língua e depois o abocanha com força e morde, deixando-me ainda mais apertada e molhada em torno dele, tenho certeza de que ficarei toda roxa amanhã. Ettore faz o mesmo com o outro mamilo, e eu gozo, gritando, sentindo o calor se alastrar da minha barriga em direção ao meu ventre.

— Você fica tão linda quando goza. — Não respondo, firmo minhas pernas nas barras dos lados, e começo a cavalgar no seu pau, mais duro e com mais força, os lábios do meu marido se formam em um perfeito O, e Ettore mexe os quadris contra as minhas investidas, tão intenso que posso senti-lo cutucar o meu ventre.

Oh, céus, o bebê sua maluca.

Tento refrear as pernas, mas Ettore é mais forte, puxando-me contra o seu pau.

— Ettore! — gemo quando ele se enterra em mim outra vez e, com um grito gutural, ele chega ao clímax.

Minha cabeça tomba para frente em seu ombro, sinto sua respiração pesada em meu ouvido, onde ele deixa um suave beijo. Só não pulo do seu colo, pois sei que não teria forças para me manter em pé por conta própria.

Ettore se afasta com a expressão relaxada e me encara com um sorriso no rosto inteiro.

— É melhor subirmos, o antigo proprietário disse que voltaria para buscar os pertences pessoais — explica e planta um beijo nos

meus lábios antes de me mover de cima dele.



Desço as escadas para o primeiro andar depois de um banho maravilhoso, meus seios estão incrivelmente sensíveis tanto pelas dentadas de Ettore, quanto pela gravidez, eu presumo.

Encontro meu marido no meio da sala, milagrosamente usando somente uma calça de moletom, ele fala ao telefone ao mesmo em que me observa se aproximar dele. O abraço por trás e dou um beijo no meio das costas.

— Me informe quando estiver feito — diz, encerra a chamada e depois joga o telefone no sofá.

Ettore se vira para mim com um olhar de satisfação e me conduz até o sofá, pondo-me sentada em seu colo.

— Dispensei Margot e pedi uma pizza.

— Alguma data especial? — pergunto devido às suas atitudes incomuns.

— Nada que você deva se preocupar.

— Não confia em mim? — pergunto, passando a mão por trás do seu pescoço e acariciando o lóbulo da sua orelha esquerda.

Seus olhos encontram os meus atenciosos e ele escora a cabeça para trás em meu braço.

— Confio, mas quero que tenha o máximo de uma vida normal e, pra isso acontecer, é melhor não saber tudo o que eu faço.

— Eu sei o que você faz — protesto.

— De maneira geral, Helena, e prefiro que permaneça assim.
— Ele se estende para frente e pega o controle da TV, ligando no noticiário, e logo a campainha toca.

— Espero que goste margherita — avisa de forma descontraída, saindo debaixo de mim e caminhando até a porta.

Escoro minha cabeça para trás, refletindo que agora talvez seja uma boa hora para falar, com luzes românticas ou não, será especial de qualquer maneira. Aliso meu ventre por baixo da blusa, sentindo-me minimamente boba, pois não há volume algum, mas é inevitável.

Sinto o celular de Ettore vibrar ao meu lado no assento e espio em direção à porta enquanto pressiono o dedo na tela para que não desligue, recado é: *Está feito*.

Ajeito-me no sofá quando o vejo se aproximar com a caixa de pizza, a colocando na mesa de centro, removendo a tampa.

— Vou beber uma cerveja, você quer? — questiona, caminhando em direção à cozinha.

— Não, pode ser um refrigerante — respondo, me esticando até a caixa de pizza, pegando uma. Ettore volta e repousa ao meu lado.

— Ficaré em casa hoje à noite?

Ele me dá um aceno confirmando e puxa minhas pernas para cima do seu colo. Relaxo para trás enquanto me empanturro de pizza e meu marido olha o jornal, algo que ele nunca fez antes, pelo menos não desde que moro aqui. Parece tão simples que não consigo parar de pensar que tem algo por trás disso.

Ettore pega o controle e aumenta o volume quando uma loira de corte chanel e uma voz extremamente fina aparece na grande TV, na barra de notícia está escrito com palavras breves e chamativas:

ALERTA: ESTADO DO COLORADO SOFRE POSSÍVEL ATENTADO TERRORISTA.

Atrás da jornalista, há um vídeo do que já foi um edifício e agora é somente um monte de bloco de concreto com muita fumaça preta fluindo dele.

— O jornalista Dean Moser entrará agora com imagens ao vivo, direto de Denver — a moça fala e a TV muda para um canal *streaming*, encaro Ettore com o controle na mão.

— Foi você. — Era para ser uma pergunta, mas soou mais como uma acusação.

— Não, foi a *Famiglia* — diz e toma um gole da cerveja direto da long neck.

A pizza me sobe à garganta com força, imaginando quantas pessoas inocentes vão morrer por causa dessa briga besta por território. Vejo-me pular do sofá com pressa e andar até o banheiro mais próximo, muito nauseada.

— Helena — Ettore me chama, mas já estou curvada sobre o vaso, cuspiendo tudo para fora. A mão dele me agarra pela cintura e a outra alisa minhas costas, até que os espasmos terminem.

— Você não tem que ver isso — aviso, puxando a descarga, evito os seus olhos no espelho à minha frente e me lavo na pia. Ettore me segura nos meus ombros e me vira para si.

— Os ataques vão parar, e você terá sua vida de volta.

— A que preço, Ettore? — pergunto, sentindo os dedos dele subirem para o meu rosto.

— Eu derrubaria o mundo para mantê-la a salvo, Helena. Pois é a única coisa valiosa que eu tenho nele — profere tão docemente quanto seus lábios que plantam um beijo no meio da minha testa.

CAPÍTULO 20

Helena Revuelto

Capítulo 20

Ando até a sala de estar da Fiorella e há tantos balões pretos com cordão prata flutuando no teto da sala que imagino perfeitamente Franco tirando uma metralhadora debaixo daquele terno escuro e detonando cada um deles. Rio.

— Acha que eu exagerei? — Ella pergunta às minhas costas com um sorriso preocupado.

— Não, está lindo demais, Ella — falo uma mentira parcial, pois só minha amiga para fazer um aniversário surpresa com balões e fitas mimosas para um mafioso.

— Ótimo, vou me trocar — avisa e me deixa sozinha com Lazzaro e Renzo no canto da sala, onde os sofás foram arrastados, ele me olha enviesado, provavelmente Ettore o mandou ficar de olho.

O ignoro e me viro para o Lazzaro.

— Quais as chances de ele não chegar metendo bala nesses balões? — Lazz não disfarça o sorriso.

— Nenhuma. Fiorella grávida tem quase o mesmo nível de maldade que ele. — Rio.

— Ela tem que lidar com emoções em dobro — repreendo, e enxergo Carlota aparecer no corredor que liga a sala à cozinha e, ao seu lado, Edwina, inteiramente de preto, pelo visto ainda não superou o luto pela amiga.

Subo para o quarto de Ella, que está tentando subir um vestido preto pela bunda, ela me olha na porta e bufa audivelmente.

— Estou enorme — se queixa com um beijo.

— Está grávida e gostosa. — Ela sorri.

— Vem e me ajuda a puxar. — Rio e obedeço parando em suas costas, forçando o vestido para passar em seu traseiro.

— Sua sogra já chegou e veio acompanhada — comento.

— Edwina — diz e me olha por cima do ombro. — Carlota perguntou se poderia trazê-la, ela está meio desanimada depois que sua amiga bateu as botas.

— A gravidez está mexendo mesmo com suas emoções — falo.
Ela me dá um risinho.

— Carlota não tem mais ninguém além de Edwina. — Penso em Franco, mas ele não parece ser emocionalmente ligado à mãe. — Por mais que ela seja uma cobra odiosa e mereça queimar no inferno com a Verônica, não posso fazer isso com minha sogra.

Ella se vira para mim, puxando as tiras do vestido para cima, ela me encara e enxergo maturidade em seus olhos.

— Diga que eu não estou parecendo um daqueles balões da sala? — Não consigo me conter e caio na risada. — Vai rindo, em alguns meses você vai estar assim também — expressa, fazendo o meu sorriso desfalecer.

— Não sei como dizer a ele — exponho.

Os dias estão passando, a minha ansiedade aumentando, sinto que vou enlouquecer a qualquer momento. Na semana passada, achei que fosse o momento certo, e aí teve aquela explosão em um dos edifícios da Camorra, eu simplesmente travei novamente, pois toda a vez que penso em revelar, acontece uma tragédia.

— Também tive medo, Hell, mas não é algo que você possa corrigir, independente da reação de Ettore. É melhor falar antes que ele descubra, e depois ele que lide com as consequências. Ele não pode ficar com raiva de você, está grávida do filho dele. — Ela me oferece um sorriso gentil.

— Odeio quando tem razão.

Olho-me de relance antes de descer, fiz uma trança frouxa e alguns fios já saíram do lugar, pus um vestido cor de vinho com mangas rendadas e longas botas pretas.

Apresso o passo e alcanço Fiorella na descida da escada, vendo que Domenico e Ettore já chegaram e conversam baixinho na curva de um corredor que vai para o escritório de Franco.

— Como sabe que Dom não contou para Franco da festa? — pergunto, pois foi um sufoco fazer Ettore me prometer que não falaria ao Franco, antes mesmo de revelar o que era.

— Eu disse que arrancaria sua orelha. — Dou um olhar incrédulo, fazendo-a sorrir.

No meio da sala, Nádia e Elói arrumam as duas mesas com docinhos e salgados, e outra ao lado só com bebidas. Olha para Edwina e seus olhos estão grudados na empregada. A garota culpou Ella por fazê-la ficar distante da amada, estúpida, ela teria tudo a ganhar se não tivesse mostrado as garras assim que conheceu Fiorella.

Encontro os olhos de Ettore do outro lado da sala e a expressão em seu rosto me diz que, se estivéssemos em outro lugar, não estaríamos vestidos. Caminho até ele, parando ao seu lado, sua mão desliza pelas minhas costas, parando no limiar da cintura.

— Tem uns doze quartos nessa casa — balbucio, recebendo um aperto firme na bunda que me leva calor em uma área bem específica. — Três são aqui embaixo — adiciono com uma expressão tão neutra quanto a dele, sua mão escorrega por baixo da saia do vestido, deixando-me rígida e ao mesmo tempo querendo abrir mais as pernas. Sua palma me acaricia e aperta minha nádega, e tenho que cerrar o maxilar para não soltar um gemido de satisfação.

— Escolha um, te sigo em dois minutos — avisa, olhando as horas no relógio de pulso.

Dou um passo fora do lugar e então os dedos de Ettore se fecham em torno do meu braço e me puxam de volta ao lugar. Viro-me confusa e enxergo Franco na entrada da sala com uma expressão irresoluta.

— SURPRESAAA! — Um coro se une à voz da Fiorella, e quase no mesmo instante um champanhe estoura nas mãos de Dom.

Franco permanece estático no meio da sala, só darei os parabéns depois que Fiorella acalmar o monstinho. Minha amiga se aproxima do marido e o abraça pela cintura, ele passa os braços em volta dela e sussurra algo em seu ouvido, tirando um sorriso dos lábios dela.

Ella se afasta para que o resto possa parabenizá-lo, Ettore me puxa para o seu lado, fico cara a cara com o homem que queria me matar até poucos meses atrás e só lhe estendo a mão e dou os parabéns por obrigação, ainda prefiro me manter distante de Franco.

Uma garçonete passa distribuindo as bebidas, Ettore pega duas taças de champanhe e me estende uma.

— Agora não, vou comer primeiro. — Ele assente e toma a minha taça em um único gole. Ando até a mesa de petiscos, sentindo minhas entranhas em uma disputa, me sinto péssima por estar mentindo para ele, Ella está certa, eu preciso contar e depois lidamos com as consequências.

Encho meu prato de comida e volto para o lado de Ettore.

— É para nós dois? — O encaro chocada e dou um peteleco em seus dedos quando tentam pegar um canudinho recheado de frango. Ettore ri e vai pegar o dele.

Sento-me em uma poltrona e, quando termino de comer, me sinto estufada, tomo um gole de refrigerante, mas parece que piora. Ella me lança um olhar preocupado quando me vê levantar com pressa, solto o pratinho em um canto no caminho do banheiro e acelero o passo quando estou longe de todos. Tenho tempo somente de abrir a porta e meu estômago, por vontade própria, despeja para fora tudo que acabei de comer.

Cristo, eu devia ter dividido com Ettore.

Respiro fundo e me levanto, dou a descarga e passo uma água em minha boca. Paro contra a parede fria do banheiro, sentindo uma tremedeira repentina, levo uma mão ao peito, tentando acalmar o coração.

— Está grávida. — Tenho um sobressalto quando enxergo Ettore diante da porta, sua expressão consegue ser a pior que eu já vi.

Meus lábios se separam e minha mente fica enevoada, as palavras me fogem da boca, então apenas afirmo, balançando a cabeça em resposta.

— Como, se eu te dei aquelas pílulas? — sibila entre os dentes e posso ouvir a raiva em sua voz.

Busco por ar, sentindo o peso de toda a situação em meus ombros, ainda que um tanto aliviada, pois agora ele sabe, e sua raiva não poderá durar para sempre.

— Não as tomei.

Ettore entra tão rápido no banheiro que, quando me dou conta, estou presa entre ele e a parede, seus dedos se fecham em torno dos meus braços e me apertam com tanta força que me machucam. Seguro o olhar sombrio e profundo sem medo, eu sei que Ettore não fará mais que isso.

— Me larga — digo, e minha ordem parece que o puxou de um lugar distante que o deixou com mais raiva ainda. Seu olhar é enervante.

— Você não devia ter feito isso — profere cada palavra com amargor, e seu aperto estabiliza.

— Está me machucando — falo, tentando aplacar e fazê-lo recobrar o juízo.

— Solte-a — Ella ordena, fazendo Ettore cerra o maxilar a ponto de partir.

— Não se meta. — Sua voz é implacável. Ele larga um braço e se vira para ela, os olhos da minha amiga desviam furiosos dos dele para os meus preocupados.

— Eu estou bem — aviso, ainda presa pelos dedos de Ettore.

— Vá para o carro — ele assobia, e não tenho escolha a não ser obedecer, na hora em que dou um passo fora do lugar, Fiorella põe o braço, trancando a passagem do banheiro.

— Helena não vai a lugar algum, não com você agindo dessa forma.

— Ela é minha esposa, e vai aonde eu mandar ir — vocifera, encaro Ettore e minha vontade é de socar a cara dele, por estar falando desse jeito a meu respeito, mas sei que ele só está possesso.

— Eu sabia que os dois me dariam dor de cabeça. — Franco aparece atrás da esposa, e sua expressão não é melhor que a de ninguém aqui, ele segura no braço de Ella, liberando a passagem.

— Ettore, segure as rédeas da sua língua ao falar com minha esposa, agora pegue a sua e saia da minha casa. — Fiorella protesta, mas Franco a ignora, puxando-a pelos ombros para fora do banheiro e se afasta, levando-a para longe.

Firmo minhas pernas na hora em que Ettore tenta me pegar pelo braço e me afasto dele, andando em direção à saída na lateral da casa. Meu Deus, quando pensei que ele fosse surtar comigo, não supus que fosse ser ao extremo. *Tola*.

Chego à frente da porta e na hora em que a abro, recebo uma rajada de vento tão forte, fazendo meus ossos enrijecerem e, para ficar ainda melhor, penso ironicamente, está caindo um aguaceiro. Ettore chega por trás e puxa a porta, abrindo-a totalmente, ele pega em meu braço, mais calmo dessa vez, e me conduz para fora da casa. As gotas gordas me acertam em cheio, lavando as pequenas lágrimas que escapam dos meus olhos, e meu queixo logo começa a bater à medida que atravessamos o pátio.

Entro no carro, coloco o cinto e abraço o meu corpo com força. Ettore desliza para dentro, fechando sua porta, e o carro ganha vida de maneira silenciosa, assim como ele.

— Ettore... — Me ouço balbuciar e minhas palavras são engolidas pela forte chuva do lado de fora.

Olho para ele e a tensão parece dominar cada fibra do seu corpo, sinto vontade de me desculpar, mas não consigo me sentir culpada por estar grávida, somente por não ter dito a verdade a ele antes.

— Eu tentei contar durante o jantar no dia que fomos atacados — esclareço, seus lábios se contraem, mostrando que ele está me ouvindo, mas seus olhos permanecem na estrada.

— Você acha que o problema foi não me contar? — pergunta com arrogância, tornando meu estômago uma bagunça. — Eu te dei as pílulas por um motivo, Helena, e você escolheu não as tomar. — Sua voz reflete indignação.

— Por que não quer um filho comigo? — indago, tentando não perder a paciência.

— Eu nunca disse que não quero um filho com você, Helena... — seu pomo de adão oscila —, só não estava pronto para ser pai ainda. — Suas palavras pesam em meu âmago. Ettore acelera, apertando violentamente o volante a ponto de deixar as juntas brancas, e presumo que seus pensamentos estão naquela mulher, grávida do filho dele, sei que não devia, contudo, me sinto incomodada, não de uma forma enciumada, mas a sensação é de que nunca o terei por completo.

— Eu sei sobre a Katherine, Ettore. — As palavras saem vacilantes e num sopro. Não posso mais fazer de conta que não sei nada a respeito dela, meu casamento está preso a algo que aconteceu lá trás, eu posso sentir isso.

Ettore se vira para mim e sua expressão é perigosa e brutal, como se eu tivesse ultrapassado um limite imaginário que há na cabeça dele.

Seus lábios se abrem, mas suas palavras são engolidas pelo som de pneus derrapando, mal consigo distinguir de qual direção vem o som quando a colisão acontece. O vidro da minha janela explode em milhões de pedaços, e a porta estoura para dentro, me jogando com força para cima de Ettore, no mesmo tempo em que o cinto me prende com ímpeto ao banco, dilacerando partes do meu corpo. A dor me abraça com tamanha força que me deixa sem ar e com a visão embaralhada, tento me segurar em algo, mas o carro sacoleja, deixando-me puramente enjoada. De repente, entramos em queda livre. Quando me dou conta, já estamos

prestes a fundar no Rio Hudson, o baque seco da água soou contra a lataria do carro e acionou o *airbag*, que explodiu em meu rosto, me tirando a consciência.

CAPÍTULO 21

Ettore Reviello

Capítulo 21

Recobro a clareza quando sinto o frio penetrar o meu corpo, olho ao redor e o pânico domina todos os meus sentidos, estamos afundando, a água ainda está na altura do meu pescoço, mas Helena está completamente submersa, lutando contra o cinto de segurança. O medo aperta a boca do meu estômago, puxo uma faca do colete e me estico para ajudá-la a se livrar do cinto. Helena se vira para mim e, na hora em que seus olhos encontram os meus, uma bolha de ar passa pelos seus lábios e seu corpo convulsiona.

— Não, não, não.

— Ettore! — A voz do Franco me desperta e me sento abruptamente, tendo uma vertigem, Franco me empurra para trás pelos ombros, me causando uma dor aguda. — Precisa se acalmar, você deslocou o ombro.

Olho ao meu redor, estamos em um quarto de hospital, visto apenas um avental branco e há um acesso no meu braço, que eu

arranco num puxão, fazendo sangue escorrer em direção ao meu pulso.

— Você não vai sair desse quarto até se acalmar.

— Pro inferno que vou me acalmar, onde está a minha mulher? — quero saber, saindo da cama pelo outro lado, minhas pernas vacilam quando fico de pé, e Franco está na minha frente, ele me empurra para trás, sua mão agarra meu ombro machucado e me aperta com força.

— Não vai a lugar algum até se acalmar — declarou, mas estou me lixando para a sua ordem, e Franco sabe disso, por isso me segura com mais firmeza.

— Helena... — Não encontro palavras para o que eu quero perguntar, quando a tirei do carro, todos os sinais indicavam que estava morta. E os socorristas que nos ajudaram a sair do rio levaram-na e, depois disso, eu apaguei, como se tivesse sido nocauteado, mas acredito que foi apenas o calmante que me deram.

— Está viva — revela, e meu coração se acalma junto com a agitação. — Ela teve um afogamento grave e chegou aqui quase em estado de hipotermia.

— Ela não está bem, não é? — Franco balança a cabeça em resposta e o desespero esmaga o meu coração como um rolo compressor.

— Ela perdeu o bebê — profere, e as palavras ecoam em minha mente. — Eu lamento, Ettore. — Franco se senta ao meu lado, olho para ele com os sentimentos emaranhados, somente desejando sentir alguma dor física para amortecer a dor crescente em meu peito.

— É tudo culpa minha, Franco, eu causei isso — confesso, pois é tudo que me vem à mente.

Eu não queria uma esposa. Eu não queria um filho. Eu só queria me livrar da Edwina, e agarrei Helena como uma espécie de salvação. Passei por cima dos sentimentos dela e da promessa que fiz de nunca me casar novamente, pelo menos não por amor. Deus, isso teria evitado tanta confusão se eu tivesse conseguido resistir à morena. Baixei a guarda, e me deixei levar por sentimentos que eu nem sabia que podia mais sentir e, como eu devia ter previsto, nada de bom poderia vir deles. O amor mata, fere e causa mais dor que ódio, eu aprendi isso da pior forma, mas fui egoísta e fraco, mereço tudo que está acontecendo, mas Helena, não.

— Se serve de alguma coisa, a culpa foi do motorista e do temporal, o caminhão freou, só que derrapou na pista e não parou a tempo. A situação é complicada, meu amigo, mas o mais importante é que os dois estão bem.

Balanço a cabeça e meu coração encolhe quando eu penso que fiz a escolha errada por ter partido, fui imprudente como nunca, estava furioso, incontrolável, essa culpa vai me assolar para o resto da vida.

A porta se abre e uma pequena enfermeira passa por ela, assumindo uma postura rígida quando enxerga os pingos de sangue ao meu redor.

— Senhor Reviello, sua esposa acordou e gostaria de vê-lo — informa, fazendo meu coração perder uma batida, ela se aproxima com passos cautelosos e paralisa no meio da sala quando fico em pé. — Posso fazer um curativo.

— Seja rápida — aviso e vejo os lábios de Franco formarem o início de um sorriso que se desfaz quando Fiorella entra no quarto. Sua expressão é tão grave quanto no dia em que apontou uma arma

para própria cabeça, e os olhos estão vermelhos mostrando que chorou por horas.

— Fiorella — Franco adverte indo em direção à esposa, ela o ignora, dando passos silenciosos até mim.

— Essa noite vai te assombrar para o resto da vida, Ettore, e, caso você esqueça o quão mal fez a minha amiga, eu estarei aqui para lembrá-lo — profere cada palavra de maneira ríspida e, ao mesmo tempo, angustiada. Balanço a cabeça em resposta, gostaria de dizer que ela não precisará fazer isso, mas as palavras estão entaladas em minha garganta.

Franco leva a esposa para fora do quarto, e a enfermeira arruma o curativo do meu braço rapidamente. O meu peito é tomado de ansiedade quando deixamos o quarto em direção ao de Helena, ao lado.

A mulher abre a porta para mim, então eu lentamente encontro os olhos dela, afiados e sombrios como nunca, a dureza na sua expressão faz meu coração afundar no peito. Ando na sua direção, vendo vários hematomas e pequenos curativos em seu debilitado corpo. Sento-me na beira da cama de frente para ela e agora sua face reflete a tristeza mais que tudo.

— Helena — digo, e seu nome é engolido pelo silêncio do quarto. — Sei que nada que eu disser terá perdão para o que eu causei a nós... — sussurro, vendo uma imensidão de lágrimas encherem seus olhos, e isso abre um buraco em meu coração. — Me perdoe por tê-la arrastado para isso. — Meus dedos se fecham em torno da sua mão d'colo e a ouço suspirar quando uma pinga no meu dorso.

Ela limpa as lágrimas com a outra mão e repousa a cabeça para trás, engolindo em seco.

— Não vou aplacar a sua culpa, mas também não vou culpá-lo de nada. Eu podia ter revelado antes e evitado toda essa situação. — Abro os lábios, mas Helena faz um sinal para me calar. — Não precisamos de um cabo de guerra para saber quem se sente mais culpado, Ettore, o que aconteceu não vai mudar. — Sua voz é rouca e dolorosa, ela respira com dificuldade, parece cansada.

Saber que a sua dor é ainda maior que a minha dilacera meu maldito coração. Seguro firme em sua mão, chamando sua atenção ao mesmo tempo em que sinto uma agitação violenta com as recordações moendo minhas entranhas.

— Aos vinte e três anos, fiquei noivo de Katherine — revelo algo que nunca conversei com ninguém, e seus olhos límpidos como uma manhã de sol limpo me observam atenciosos. — Ela era uma moça simples, filha de uma florista do Bronx. E meu pai, o Consigliere naquela época, não aprovava nosso relacionamento. — Enrijeço a mandíbula com as memórias.

— Ettore... — Helena balbucia, estreitando os olhos pesarosos, entendendo onde estou chegando.

— Ele tirou a vida dela quando soube que estava grávida. — Helena leva a mão à boca, em estado de choque, e seus olhos voltam a se encher de lágrimas.

— Eu lamento, Ettore. — Sua voz não passa de um murmúrio, encaro sua mão dentro das minhas, tão pequenas e frágeis como o resto dela.

— Eu o matei, Helena, e depois peguei a sua posição como Consigliere. Muitos homens da máfia acham que eu o matei pelo cargo e nem de longe me senti vingado. Katherine era um raio de luz que eu cobri com toda minha escuridão. Meu pai pode ter puxado o gatilho, mas era o meu dedo que estava no seu lugar, se eu tivesse

me afastado como ele ordenou, Kath estaria viva, e eu, possivelmente, casado com alguma mulher escolhida por Riccardo Fiore.

Helena segura firme minha mão, sinalizando eu que não estou só.

— No carro, quando eu disse que não estava pronto para ser pai, eu jamais desejei que ocorresse algo com você e o bebê, Helena. Precisa acreditar em mim, eu daria tudo para voltar lá mudar isso.

— Eu acredito. — Os dedos de Helena deslizam para o contorno do meu rosto gentilmente, obrigando-me a encará-la, e o calor da sua mão é mais que reconfortante.

— O medo era um sentimento desconhecido, até eu vê-la submersa, eu achei que fosse perdê-la e aquilo foi um choque de realidade. Você me tem em suas mãos, Helena, e não quero fazer nada para mudar isso — expresso, fazendo seu semblante estreitar e seus olhos se iluminarem. Inclino-me em sua direção e a beijo gentilmente.

CAPÍTULO 22

Helena Riviello

Capítulo 22

Entro na cobertura e o sentimento de acolhimento e aconchego não tem preço, e pensar que, há quase três meses, eu não conseguia sentir que aqui era o meu lar. Tiro a sapatilha e deslizo o pé pelo carpete da sala de estar, sentindo a maciez, enquanto Ettore larga minha bolsa de hospital em uma poltrona. Tive que ficar no hospital por mais alguns dias e, antes de me liberarem ainda, fiz uma porrada de exames.

Meu corpo está bem, só não visivelmente, pois os hematomas ainda não começaram a desaparecer, e minha mente é um turbilhão incontrolável de emoções. A perda do bebê e o afogamento são coisas que terei que aprender a lidar. Ainda que a gravidez fosse recente, o sentimento de vazio não ocupa somente o meu ventre, como o meu coração também.

— Está com fome? — Ettore para a minha frente, noto que ele já removeu o paletó e afrouxou o nó da gravata.

— Muita — expresso com exagero. — Aquela comida do hospital estava me matando. — Ele abre um largo sorriso.

— Escolha qualquer coisa e direi a Margot para fazer.

— Frango frito, batatas coradas e molho barbecue.

— Na ponta da língua — comenta, me puxando para os seus braços, me carregando para o andar superior. Ettore me põe na cama, eu me esparramo para trás, sentindo a maciez do colchão.

— Vou preparar um banho de banheira pra você. — Ele beija o topo da minha cabeça e, quando vai se afastar, o seguro pelo braço.

— Ettore, estou bem, embora eu goste de ser bajulada por você, não precisa fazer isso, só vai me deixar mal-acostumada.

— Calada — profere com um meio-sorriso. — Voltou do hospital só tem cinco minutos, deixe-me cuidar de você. Se ficar mal-acostumada, não tem nada que umas boas palmadas não resolvam. — Minha cabeça cai para trás com risada quando me endireito na cama, Ettore está dobrando as mangas da camisa enquanto anda até o banheiro.

Esparramo-me na cama e fico encarando o teto até vê-lo sair do banheiro cheirando a lavanda e sais de banho, Ettore tirou a camisa e sua beleza se compara ao próprio Adônis, se não fosse à pressão da fome em meu estômago, ficaria deitada, o admirando, até que é uma bela forma de ocupar os pensamentos.

— Prontinho. Relaxa e descansa enquanto aviso a Margot que prepare nosso almoço — diz, me deixando só.

Não perco tempo, me dispo e entro no banheiro, com certeza terei que comprar mais sais de banho, penso, encarando a banheira, e fico comovida pelas pétalas de rosas. Sorrio e afundo na água quentinha, pensando que Ettore tem agido diferente nesses últimos

dias, sei que a culpa vai fustigar a mente dele por muito tempo. A história que ele contou sobre Katherine e seu pai foi a coisa mais dolorosa que eu já ouvi. Ettore era tão jovem quando tudo aconteceu e, por mais que já fosse um homem de honra, acredito que há coisas que a máfia não te ensina a lidar e superar, e ele teve que fazer isso sozinho. Jogo meus pensamentos para longe, devia ser um banho relaxante e estarei em lágrimas em segundos se seguir nessa linha de devaneios.



Deixo o banheiro vestida com um robe de cetim branco. Ettore ainda não subiu, mas há uma caixinha vermelha perdida na cama, se destacando em cima do lençol branco. Estreito meus olhos, curiosa, deslizo no colchão, ficando sobre os joelhos, e apanho o pequeno objeto, abrindo-o em seguida.

Meus lábios se abrem quando enxergo o anel de diamante vermelho no formato de coração, cercado por uma coroa de pequenos diamantes ao redor da pedra central. É simplesmente perfeito e delicado, pomposo demais.

— Você gostou? — Tomo um susto quando escuto Ettore na entrada do quarto, me viro para ele, que está escorado contra o umbral da porta, me observando.

— Diamantes vermelhos são raros. — Ettore sorri, entrando no quarto, ele ainda está sem camisa, mas substituiu a calça do terno por uma de moletom.

— Uma joia rara para outra. — Suas palavras plenamente piegas me iluminam como uma noite de fogos na virada do ano.

Ettore pega a caixinha da minha mão e remove o anel, sentando-se ao meu lado de frente para mim.

— O anel chegou do Brasil enquanto ainda estava no hospital, mas não pareceu adequado te dar lá. Não queria que toda vez que olhasse para ele se recordasse o que passou.

Ettore me estende sua mão e, por mais bobo que pareça, sinto meus dedos trêmulos como da primeira vez, naquele cartório, cheio de pessoas desconhecidas, assistindo o nosso casamento falso. Ele desliza delicadamente o anel em meu dedo, depois planta um beijo no dorso da minha mão.

— Helena, prometo te honrar, te amar, te proteger e nunca te machucar. Sua luz destacou-se na minha escuridão e fez meu coração voltar a bater. Você me tem para sempre, morena — Ettore expressa sem barreiras, ele limpa minhas lágrimas e me beija antes que eu consiga dizer o mesmo. *Mas ele sabe*. Eu lutei para fazer dar certo desde que entrei nessa cobertura.

Eu sou maluca por esse homem. *Meu homem*.

EPÍLOGO

Helena Hathaway

Epílogo Helena Reviello

O sol abrasador da tarde marca a minha pele com força. Ainda estou indecisa se é reconfortante ou devastador, já que a preguiça que habita em meu corpo me impede até mesmo de virar de barriga para cima na espreguiçadeira.

Abro os olhos, me sentindo sonolenta e, de longe, como uma miragem, enxergo Renzo de óculos escuros, camisa e bermuda, se eu virar a cabeça para o outro lado, terá mais um segurança. Quando Ettore soube que teria que vir para Itália a negócios, dois meses depois do nosso acidente de carro, ele disse que me traria junto para que não precisasse passar a semana sozinha.

Sinto que ele ainda tenta se redimir pelo que aconteceu. Foi trágico, doloroso, algo que eu não desejo a ninguém, mas quero somente esquecer e viver, a vida é curta demais para se prender somente a coisas ruins. Contudo, não posso negar que fiquei bem animada em saber que viria junto, nunca saí dos Estados Unidos e, com certeza, Tropea está na minha lista de lugares favoritos.

Uma sombra se forma em cima do meu corpo e, de repente, sinto um aperto em minha bunda.

— Esse biquíni é minúsculo, não acha? — pergunta em tom de reprovação. Espanto a preguiça e me viro de barriga para cima, ajesto os seios dentro da peça e amarro a cordinha nas costas enquanto encaro Ettore, que está com uma expressão sisuda.

— Acho que é do tamanho perfeito, você não acha? — quero saber, sarcástica, me abrindo para ele, Ettore se senta na minha frente, fechando as minhas pernas.

— O teu biquíni pode custar a vida de alguém — censura, mas seus lábios se abrem num pequeno sorriso.

Ettore remove a camisa e se senta ao meu lado, em outra espreguiçadeira. Seus olhos se perdem no mar enquanto abre uma long

neck de cerveja. Ele está totalmente em paz, consigo ver no seu corpo, no seu olhar, em sua voz, o oposto de quando estamos em Manhattan.

— Queria ficar aqui para sempre. — Ettore me dá um olhar complacente.

— Eu também, morena — expõe, levando a garrafa de cerveja à boca, sem dizer mais nada, pois é um querer inalcançável, estaremos para sempre ligados à máfia. Meu marido segura a minha mão e seu polegar brinca com minha aliança, expondo que, independente de sermos da máfia, pertencemos um ao outro também.



Voltamos para o nosso quarto de hotel à beira-mar quando o sol começou a desaparecer no horizonte. Enquanto Ettore, que estava parecendo um bife empanado de tanta areia que trouxe consigo, toma um banho, eu me despeço do pôr do sol, voltamos para Nova Iorque amanhã cedo e já sinto saudades daqui.

A porta do banheiro se abre e meu marido aparece pelado, de repente a vista aqui de dentro ficou bem mais interessante. Dou uma nada sutil encarada em seu corpo e arqueio a sobrancelha.

— Não tem toalhas — explica, fazendo-me dar um olhar de condenação.

— Você disse isso na noite passada — retruco.

— Dessa vez é verdade. — Observo-o caminhar até o armário ao meu lado peladão e coberto por pequenas gotas ao longo do seu delicioso corpo, Ettore se estica e pega uma bem de cima, de repente seus olhos buscam os meus, que estão perdidos em uma área bem explícita.

— O que foi, Helena? — pergunta com um riso no canto dos lábios e uma voz que aquece até as minhas entranhas, e ele sabe disse, cretino.

— Nada — falo, virando-me para o pôr do sol novamente, mas tudo que eu consigo me concentrar é nele atrás de mim, seu pau está quente como o inferno, pressionado contra minha bunda.

— Nada mesmo? — ele provoca em meu ouvido, e seus dedos engatam nas tiras da minha calcinha, a puxando para baixo.

— Nada — emito num sufoco, desejando ter qualquer tipo de autocontrole quando se trata dele, mas meu corpo é fraco e me denuncia sempre. Meu marido acaricia minha bunda, a minha coxa, e depois sua mão desliza para minha fenda, já molhada para ele, Ettore grunhe em meu ouvido, e o sinto ficar mais firme em minhas costas.

— Você nunca me decepciona, morena — sussurra em meu ouvido, abrasando minha alma. Me viro para ele, agarrando o seu pescoço, e o trazendo para um beijo. Ettore me ergue pelo quadril e me leva até a cama. Eu não o solto, não quero preliminar, meu centro quente reclama para senti-lo, e assim ele o faz, duro e lentamente, com beijos suaves e os olhos presos aos meus.

Eu nunca, nunca vou me cansar disso. De nós. Dele.

EPÍLOGO

Ettore Reviello

DOIS DEPOIS DE TROPEA

Chego à cobertura e encontro Helena esparramada no sofá de bunda para cima, ela está usando um vestido muito curto para a posição que se encontra. Quando nota minha presença, se vira, segurando o livro *Os sete maridos de Evelyn Hugo*, seus olhos se enchem de luz quando encontram os meus, é o que me traz um pouco de paz. Nessas últimas semanas, a Camorra deu um tempo para as nossas cabeças, em compensação, focamos toda a atenção em procurar por Rocco, obtendo zero resultado. Duas máfias atrás dele, e ninguém o encontra, o cara é um fantasma. E algo me diz que Rocco nunca saiu dos territórios da Camorra, lá é o único lugar que estaria fora de perigo.

Helena solta o livro na mesinha de centro e, quando me sento ao seu lado, ela monta em meu colo, deslizando as mãos pelos meus ombros e subindo até o meu pescoço.

— Está tenso — diz, massageando o lóbulo das minhas orelhas. — Aconteceu alguma coisa? — pergunta.

— A mesma merda de sempre — respondo com as mãos em volta das suas coxas, subindo por dentro do vestido até a sua cintura.

— Posso fazer alguma coisa para aplacar sua tensão? — pergunta, e seus lábios se curvam em um sorriso excitante.

— Você é fogo, hein. — Ela solta uma risada ruidosa e pula do meu colo quando o alarme de incêndio do forno elétrico apita na cozinha.

A escuto praguejar alto de dentro da cozinha, caminho até lá, afrouxando a gravata, vendo, através da fumaça, uma bagunça da porra, farinha, pote e bateadeira para todos os lados.

— Eu sou um desastre — lamenta com os braços cruzados e uma expressão de decepção.

— Por que não pediu que Margot cozinhasse? — pergunto, vendo o que era para ser um bolo de chocolate parecer uma barra de carvão em cima do balcão, Helena me encara descreditada, suponho que devia ter ficado de bico calado.

— Eu queria fazer algo especial para você — diz lamentosa e suspira audível. Abraço-a por trás e dou uma fungada em seu pescoço, o seu cheiro é doce como qualquer outra parte do seu corpo.

— Parece delicioso — digo, fazendo-a rir.

— Vou jogar essa forma no lixo e pedir algo para jantar — entoa, se livrando do meu aperto.

Afasto-me e vou até o escritório, além da morena, uma boa dose de uísque sempre me faz relaxar no fim da tarde, que é a melhor parte do meu dia, estar em casa com Helena, uma paz que só ela consegue me passar. Saudades dos dias que passamos em Tropea.

Pego minha garrafa favorita de uísque e tem um laço vermelho preso nela. Deus será que esqueci de alguma data importante? Pergunto-me, pois primeiro foi o bolo queimado, rio, imaginando o que seria de nós sem Margot, e meu sorriso se dissipa quando giro a garrafa e vejo presa uma ecografia.

Viro-me e, com o coração batendo na cabeça, encontro Helena diante da porta, e sua expressão é de satisfação. Quando conversamos a respeito de futuros filhos, eu disse que ficaria a critério dela escolher tomar as pílulas ou não. Não podia mais decidir isso por nós, mas teria quantos filhos ela quisesse ter.

— Quantas semanas? — pergunto, puxando a eco do vidro, colocando a garrafa na mesa.

— Nove semanas — declara com um sorriso que poderia quebrar suas bochechas. Agarro minha mulher pelas pernas, deixando-a cara a cara comigo. — Você está feliz? — pergunta, e percebo ansiedade em seus olhos.

— Ah, morena, o mundo não é nada comparado à felicidade que você está me dando agora.

Helena sorri e seus braços me envolvem com mais força, me puxando para perto dos seus lábios, a beijo com fome, desejo e necessidade, e ela retribui com a mesma intensidade.

FIM



**SIGA A
AUTORA NO
INSTAGRAM**

<https://www.instagram.com/autorajessicaliv/?hl=pt-br>

LIVROS DA SÉRIE:

Votos por Dever

Votos de Mentira

Votos Quebrados

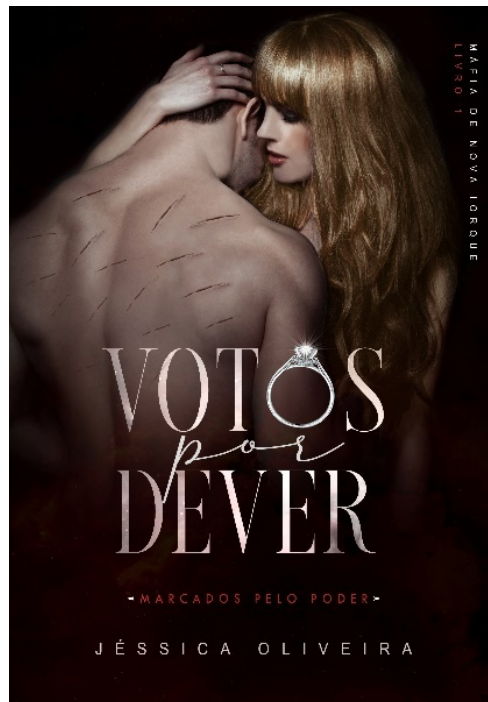
....



Dica da autora

Se possível, poste nas redes sociais o livro, e marque o perfil @autorajessicaoliv para que outros leitores conheçam as suas histórias.

Gostou do livro?
Avalie na Amazon.



Primeiro da Série: <http://amzn.to/3QgO2NN>



O Bebê por Acidente do Espanhol: <https://amzn.to/3H7skKX>

